

ensaios  
**ACADÊMICOS**

# INTERVENÇÃO E RESTAURO: FEPASA CAMPINAS

Trabalho desenvolvido na disciplina de Projeto F  
Henry Farkas 8º semestre; Carolina Mescollotto Moretti 8º semestre;  
Beatriz Cressoni 8º semestre; Fábio Bestetti Pereira 8º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## MEMORIAL



Imagem 1: Reestabelecimento da Imagem no pátio interno entre os dois galpões

Dada a extensão e complexidade da área correspondente à FEPASA (Ferrovia Paulista S/A) na cidade de Campinas, foi realizado a setorização do projeto em 3 complexos, que apesar de se associarem, possuem uma independência de usos. Como primeira proposta, situada na porção leste da área, próximo a E.E. Professor Antônio Vilela Junior, é proposto o complexo educacional, com a presença de uma biblioteca e o Ceprocamp. Ao centro haverá o complexo misto, com a proposta de uma área que pretende englobar as diferentes camadas e usos que o entorno da área possui com a presença do Museu da Ferrovia (MuFe), um espaço de uso misto e um de co-working. O complexo cultural

surge na porção oeste como a consolidação do projeto, onde as necessidades já abordadas nos outros setores serão revertidos a um espaço de convivência, com alto valor cultural aos transeuntes. Portanto, foi realizado o levantamento das visuais e do prolongamento de dois eixos principais para a área: um eixo histórico que parte da rua 13 de maio, que propõe uma visão da torre da estação central, e um eixo contemporâneo, que parte da Av. Andrade Neves, partindo do terminal multimodal ramos de Azevedo e o Sesc Campinas, possuindo uma importância vital para os fluxos e inter e intra regionais da cidade de Campinas e região. O projeto se consolida nos dois galpões do complexo

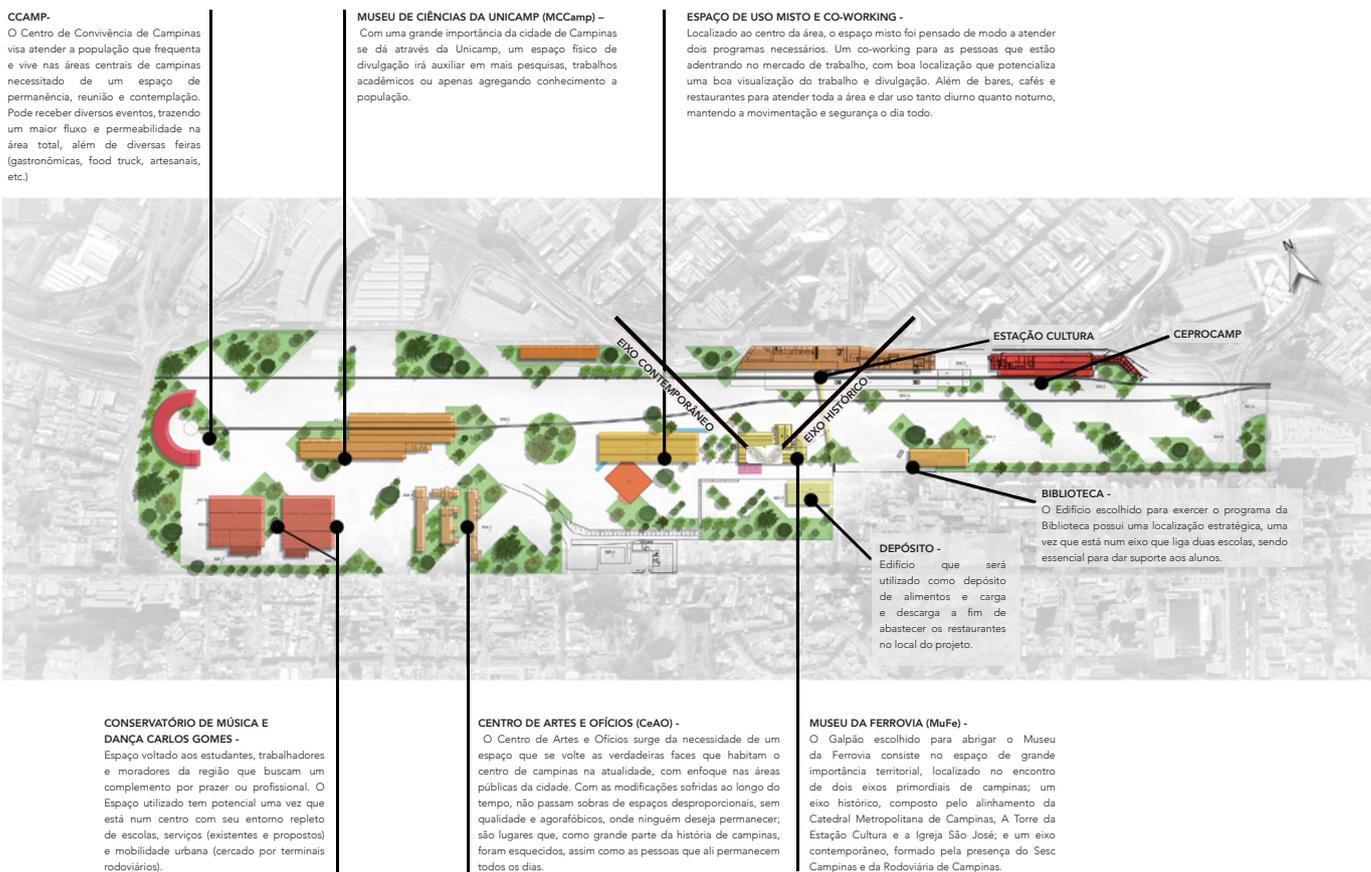


Imagem 2: Vista geral do projeto para a FEPASA

misto, dos quais possuem uma ligação espacial muito forte. Anteriormente estes galpões encontravam-se encostados, na função de suprir um espaço único, todavia, após reformas uma das partes caiu, formando entre eles um pátio interno, um vazio do qual despertou uma enorme potencialidade e tornou-se o coração

do projeto. Tirando partido da história tal vazio foi evidenciado a fim de revelar uma pré-existência contida naquele espaço, sendo demarcado através da malha dos pilares de cada galpão, uma vez que, ao olhar para fora há a sensação de que estão conectados, e ao adentrarmos percebemos que há um rompimento, restabelecendo

assim, a imagem. Tal possibilidade de convergência requereu uma análise do existente para que houvesse um diálogo coerente em relação aos usos, e com isso,

o projeto segue como premissa tal integração, criando um espaço próprio para a realização de atividades, encontros e integrações sociais e profissionais.



Imagem 3: Planta geral do projeto



Imagem 4.1: Elevação do projeto

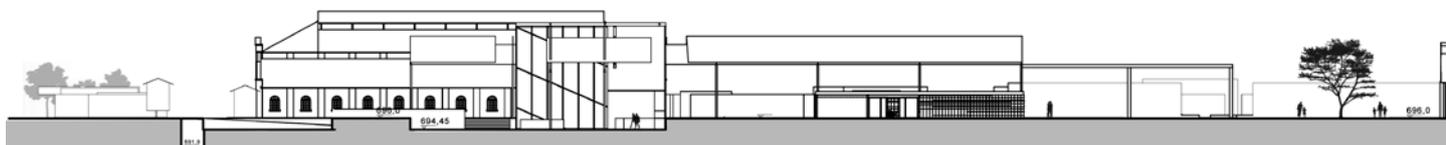


Imagem 5: Corte longitudinal do projeto

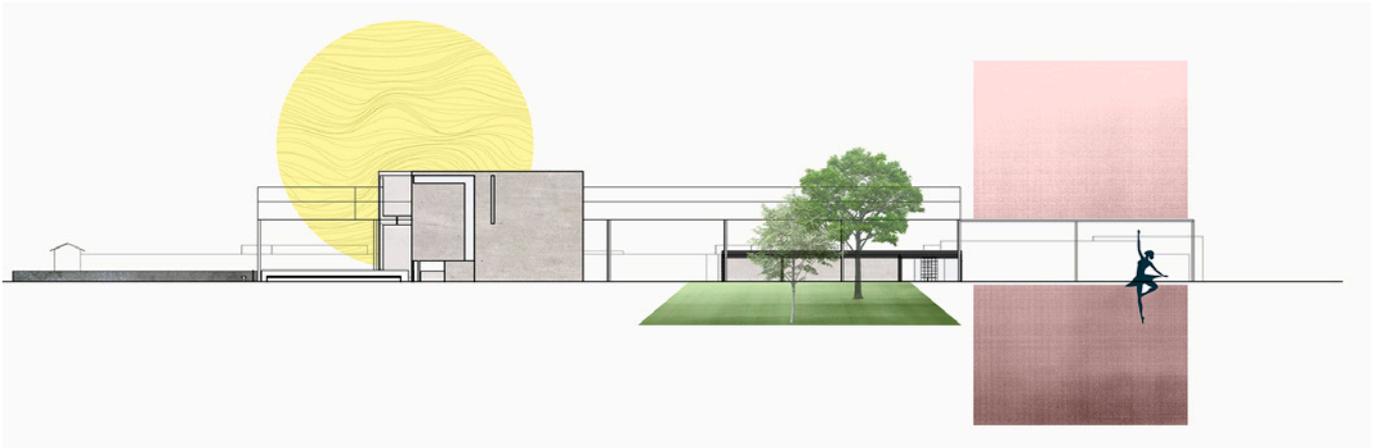


Imagem 4.2: Elevação do projeto

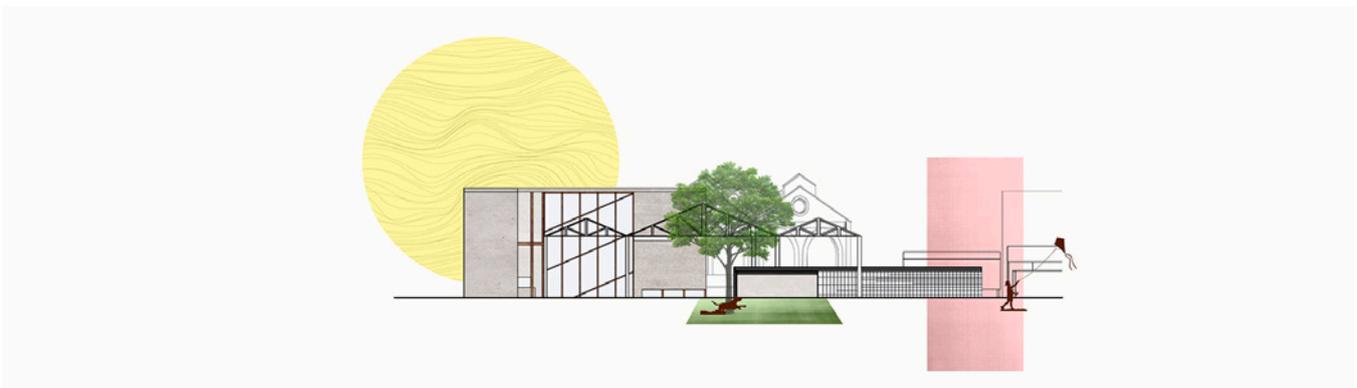


Imagem 4.3: Elevação do projeto

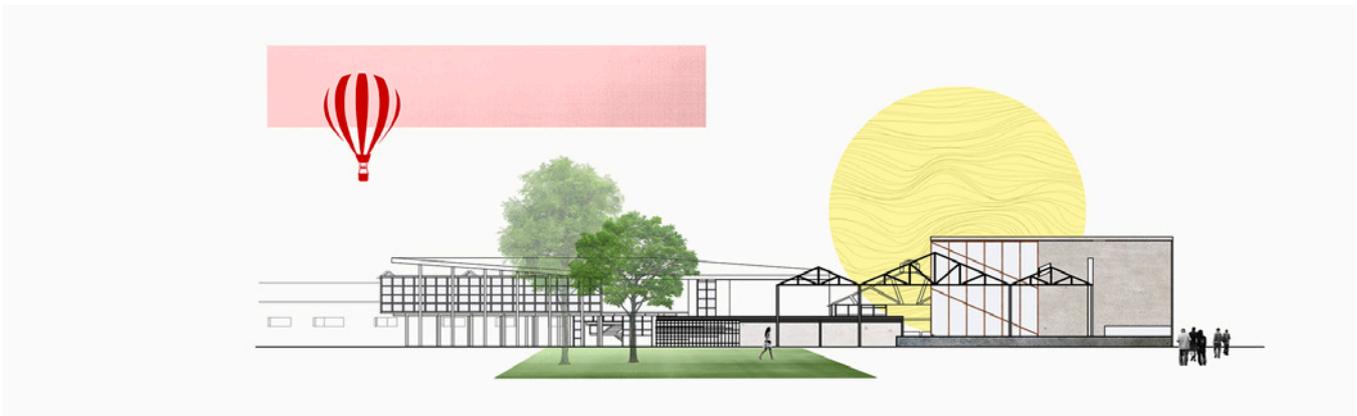


Imagem 4.4: Elevação do projeto

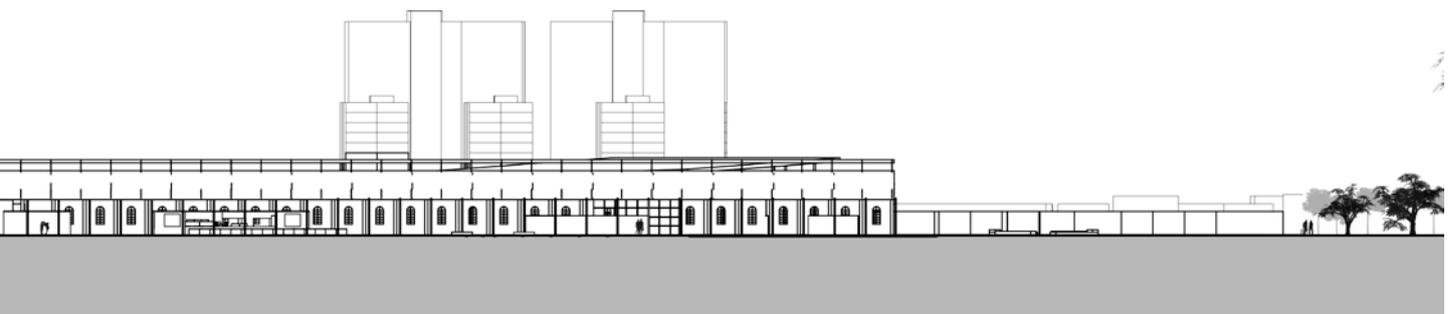




Imagem 6: Vista externa do MuFE



Imagem 7: Vista interna do MuFE com sua área de exposições ao nível subsolo



Imagem 8: Restaurante da ferrovia, próximo ao MuFE



Imagem 9: Vista interna do galpão do Co-Working com a presença do café da ferrovia



Imagem 10: Vista externa do edifício anexo de Co-Working

# VILA EMERGENCIAL

Trabalho desenvolvido na disciplina Materiais e Técnicas Construtivas B  
José Victor Ribeiro 6º semestre; Gabriela Caroline Almeida  
6º semestre; Paula Merlin 6º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

Atualmente, nos vemos em meio a pandemia da COVID -19, e por vezes, na história da humanidade observamos diversos desastres naturais e antrópicos, onde essas situações extremas pedem por soluções de moradias e outras necessidades básicas emergenciais para suprir parte da população mais afetada.

Diante disso, em Materiais e Técnicas Construtivas B, disciplina oferecida pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tivemos a oportunidade de propor uma Vila Emergencial, com uma implantação de tipologias de extrema importância para esses momentos caóticos.

Aspirando pelo baixo custo em nossos materiais, os módulos de moradia, banheiro, refeitório e lavanderia serão edificados por placas OSB com encaixes pré-fabricados macho e fêmea, juntamente com uma estrutura metálica leve com perfil W150/18, e somado com uma cobertura externa de lona de poliéster. Projetamos assim, uma vila emergencial que possibilita, simultaneamente, espaços de convivência e interação social, buscando amenizar os efeitos psicológicos negativos na população que irá utilizá-la.



Imagem 1



Imagem 2

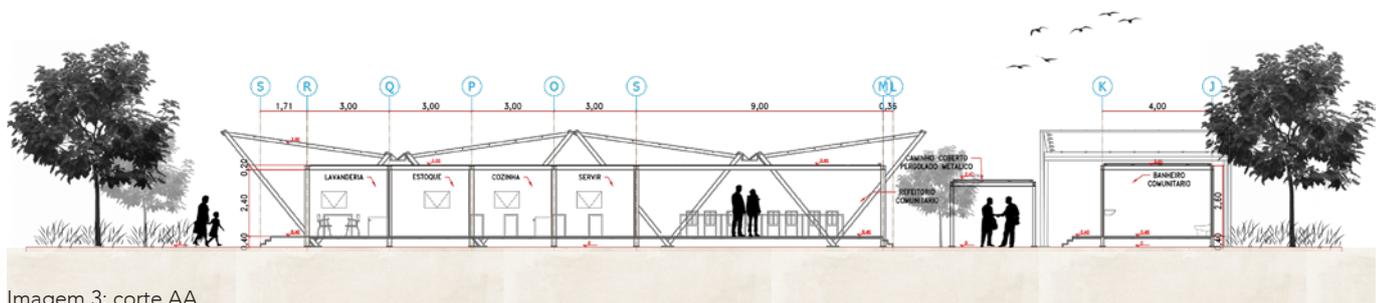


Imagem 3: corte AA



Imagem 4



Imagem 5: corte BB

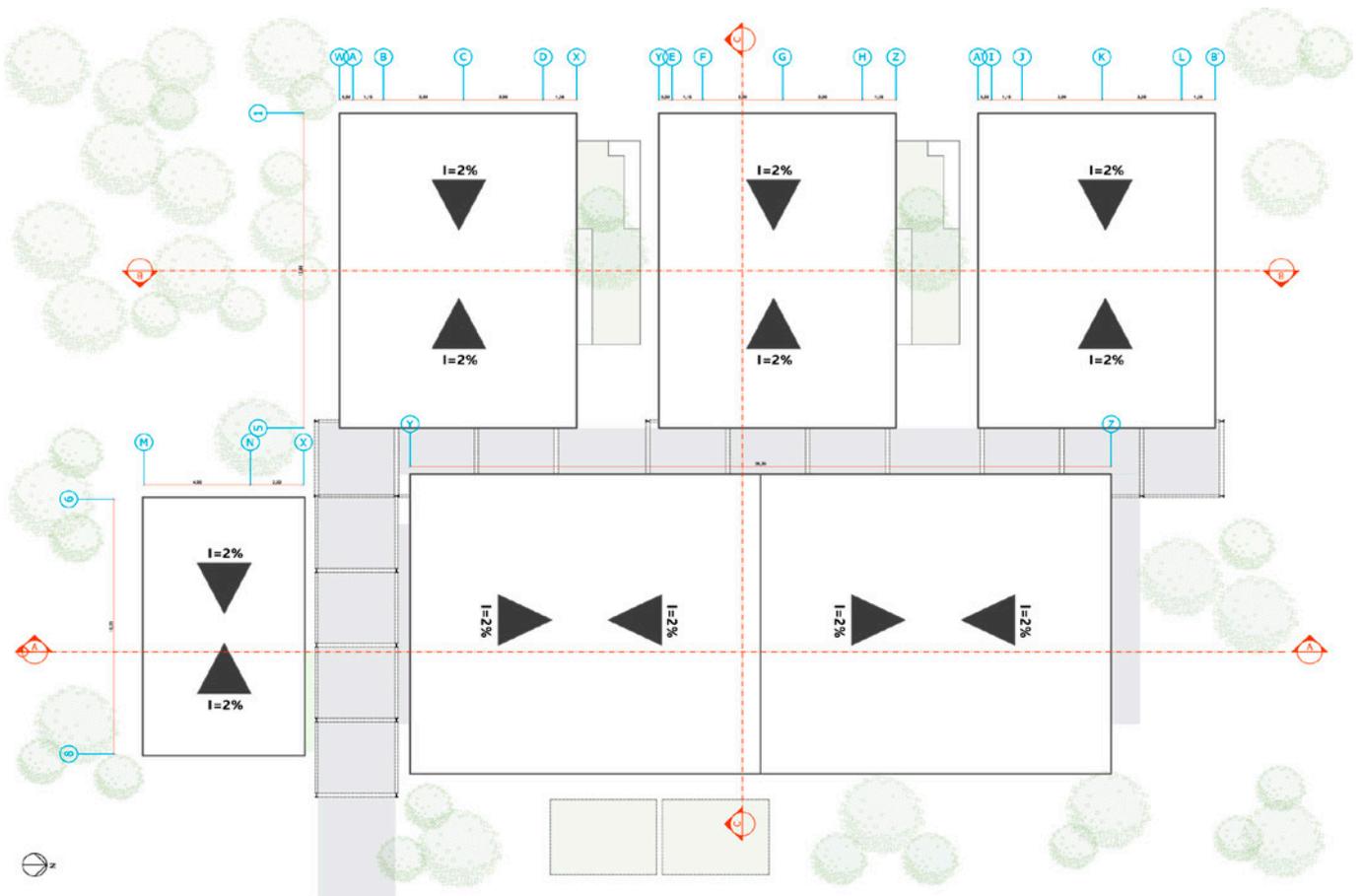


Imagem 6: implantação

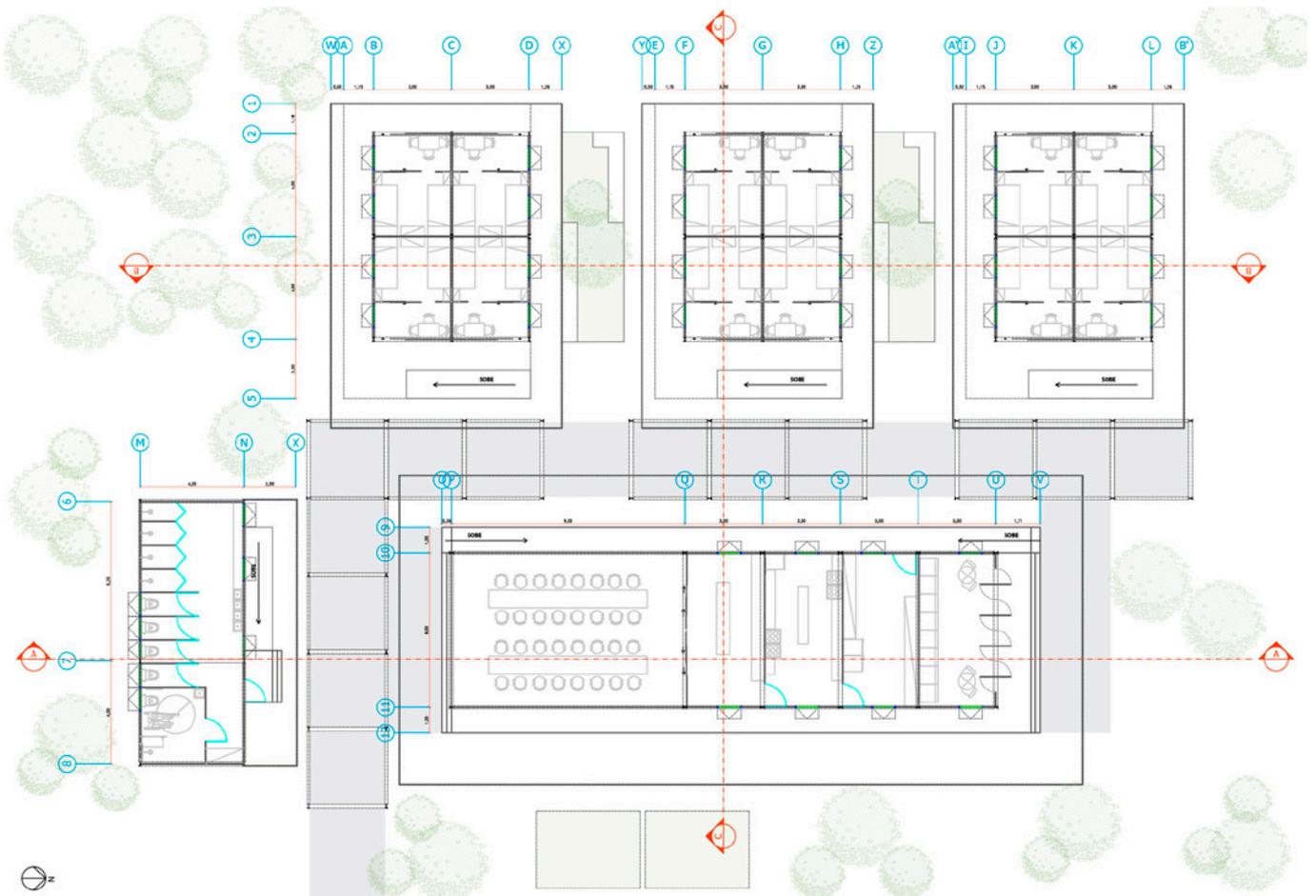


Imagem 7: planta baixa

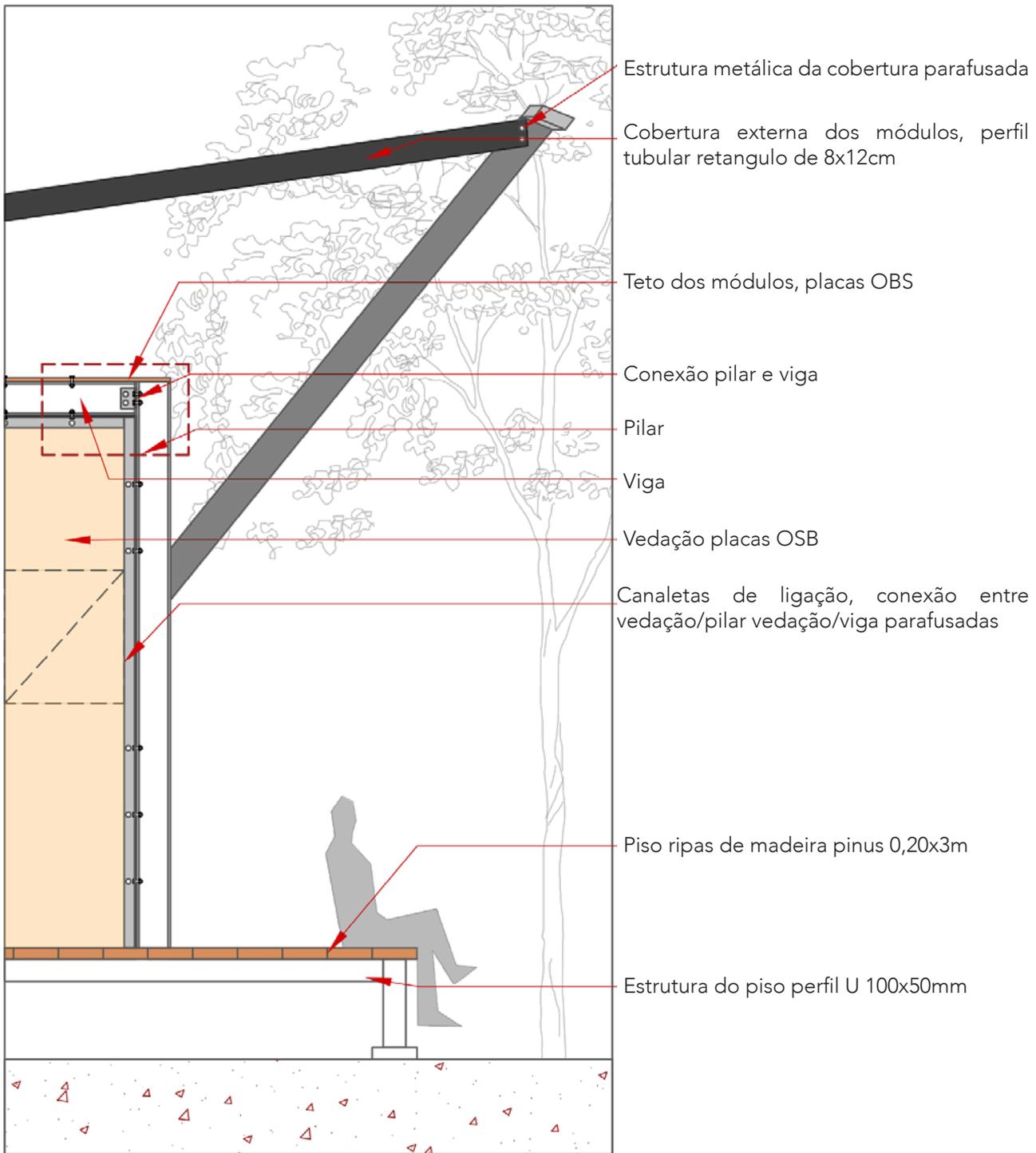


Imagem 8: Detalhamento peças geral

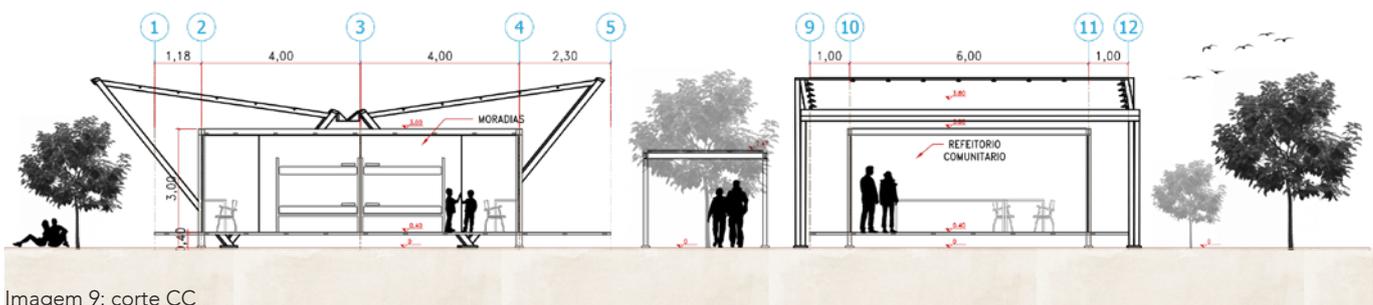


Imagem 9: corte CC

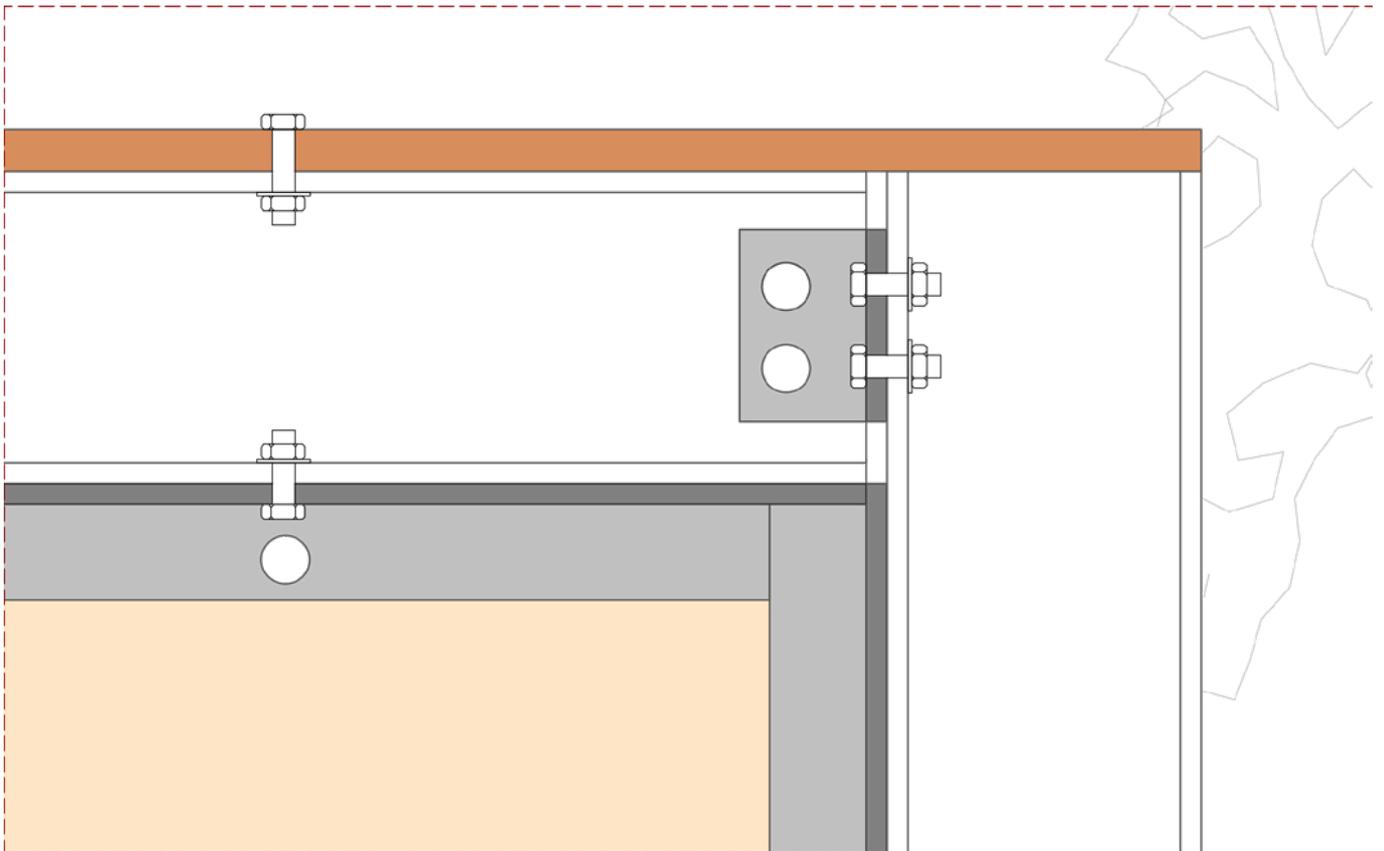


Imagem 10: Detalhamento peças ampliado



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13



# METAMORFOSE

Gabriela Caroline Almeida, 6º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## INTRODUÇÃO

Do grego *metamórphosis.eos*; É a mudança ou alteração completa no aspecto natureza ou estrutura de alguém ou de alguma coisa; TRANSFORMAÇÃO.

A busca por um espaço de conexão foi levada a um bairro onde a arte, a música, a gastronomia, o lazer e, mais importante ainda, as pessoas, são vistas juntas diariamente. O bairro universitário foi usado como uma grande inspiração ao pensar em um espaço que pudesse reunir pessoas, atividades, exposições e servir para diferentes fins.

Ao refletir sobre a ocasião que estamos vivendo, percebemos o impacto que os espaços nos causam e como os espaços urbanos sempre foram e, hoje, mais do que nunca, são de grande necessidade em nosso cotidiano. A relação entre as pessoas e o lugar que estamos muda tudo.

Hoje nos encontramos em um momento para se refletir, em um momento que precisamos reinventar novos espaços e começar a pensar na conexão e na importância que esses pequenos espaços podem ter na vida das pessoas. Precisamos de espaços que mudem constantemente, que gerem oportunidades, que se reinventem de diversas maneiras.

O Parklet Metamorfose foi criado a partir dessa reflexão, de um espaço onde as pessoas possam se reencontrar, passar momentos, mas que não se limite somente a isso. O Parklet Metamorfose permite novas utilidades, não criando uma barreira, um limite e sim aumentando e qualificando o espaço existente. Um espaço sustentável, que não se limita à materiais reutilizáveis ou biodegradáveis e tecnologias sustentáveis, mas que envolve também a forma com que pessoas podem movimentar aquele lugar para que ele seja bem utilizado, atravessando a ideia que se planejava como seu uso principal.

Pensando em levar espaços como esse para outros lugares da cidade, a ideia desde o início foi de que toda sua montagem e desmontagem fosse mais prática, com isto toda sua construção é feita através de

encaixes, possibilitando que mais pessoas participem do seu processo de montagem.

Como a tecnologia se tornou indispensável para a vivência da sociedade, o Parklet Metamorfose se integra com o resto do mundo através do uso do Wi-Fi e da disponibilidade de tomadas, permitindo uma maior aproximação das pessoas através da internet.

Quando se fala de arquitetura futurística, não devemos nos limitar à construção de peças inovadoras ou prédios tecnológicos. Devemos pensar em como as pessoas irão se adaptar a tudo isso de uma forma que elas se mantenham unidas em um espaço de convívio.

O espaço não é nada sem o uso, sem as pessoas, e, antes mesmo de pensarmos em toda a tecnologia avançada, precisamos se reinventar como sociedade para que possamos desfrutar de toda as possibilidades que esse espaço permite. A arquitetura 4.0 é a possibilidade de criar espaços mutáveis, que se adaptam e se conectam há tudo e a todos. Ao pensarmos em arquitetura nos deparamos com técnicas, materiais e geometrias memoráveis. A história da arquitetura nos ensina desde sempre que os edifícios, que foram construídos para durar, devem respeitar alguns princípios para que seu tempo de vida seja longo. O desafio da arquitetura 4.0 é possibilitar esse longo tempo de vida da arquitetura a partir da tecnologia. Um dos exemplos que podemos ver em nosso dia a dia, é a utilização de design paramétricos e das tecnologias BIM como ferramentas de design e projeto, o uso da realidade virtual e realidade aumentada para permitir uma melhor visualização e comunicação da obra como um todo. Outra forma de inovação que vem sendo muito utilizada hoje é a impressão 3D como ferramenta de projeto. Ela está presente em nossas vidas há algum tempo, sendo utilizada para fazer maquetes, agora a mesma vem sendo utilizada para produzir paredes, pontes, casas, pilares, vigas, mobiliários e diversos outros elementos arquitetônicos. A arquitetura 4.0 estará cada vez mais presente em nosso dia-a-dia.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

## SISTEMA CONSTRUTIVO

O sistema construtivo foi pensado e projetado para que fosse de fácil montagem e desmontagem, para diminuir a geração de resíduos de obra, para que possa ser montado por um coletivo e também possa ser replicado. A ideia principal é que essas peças venham prontas, com seus devidos encaixes e um manual.

A parte estrutural do Parklet foi toda feita de Pinus autoclavada, para permitir uma boa qualidade e resistência ao longo do tempo. Já os mobiliários foram pensados a partir da criação de peças cnc com um tratamento de parafuso. O Parklet possui um pé metálico que impede o contato direto da madeira com a umidade e também possibilita a passagem livre da água. Esse encaixe se dá através de um rosqueamento.

O mobiliário foi pensado de maneira solta da

estrutura, para que possa se recriar diversos cenários, desde um cenário para reuniões entre amigos, até apresentações, exposições, shows e estudos.

O Parklet tem sinal Wi-Fi e também tomadas protegidas, dando assim um uso muito mais infinito. MEDIDA PARKLET METAMORFOSE: 1000CM X 220CM

-  WIFI;
-  PONTO DE INFORMAÇÃO, DIVULGAÇÃO E REFERÊNCIA;
-  VAGAS PARA BICICLETA;
-  VEGETAÇÃO;
-  LIXEIRA ORGÂNICA E RECICLÁVEL;
-  PONTO DE EXPOSIÇÃO, MÚSICA E ARTE.

**MONTAGEM**

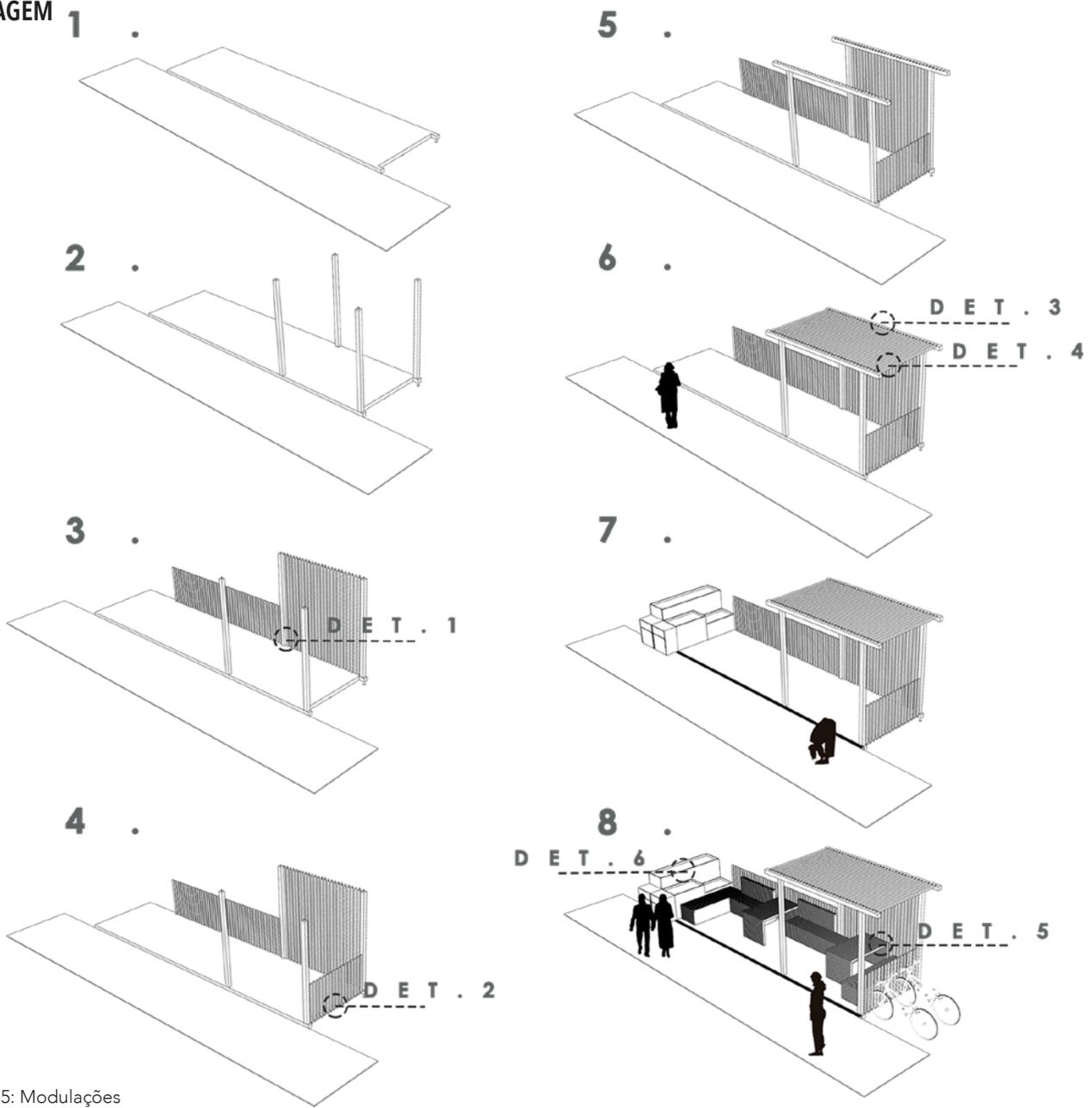


Imagem 5: Modulações

**DETALHAMENTO**

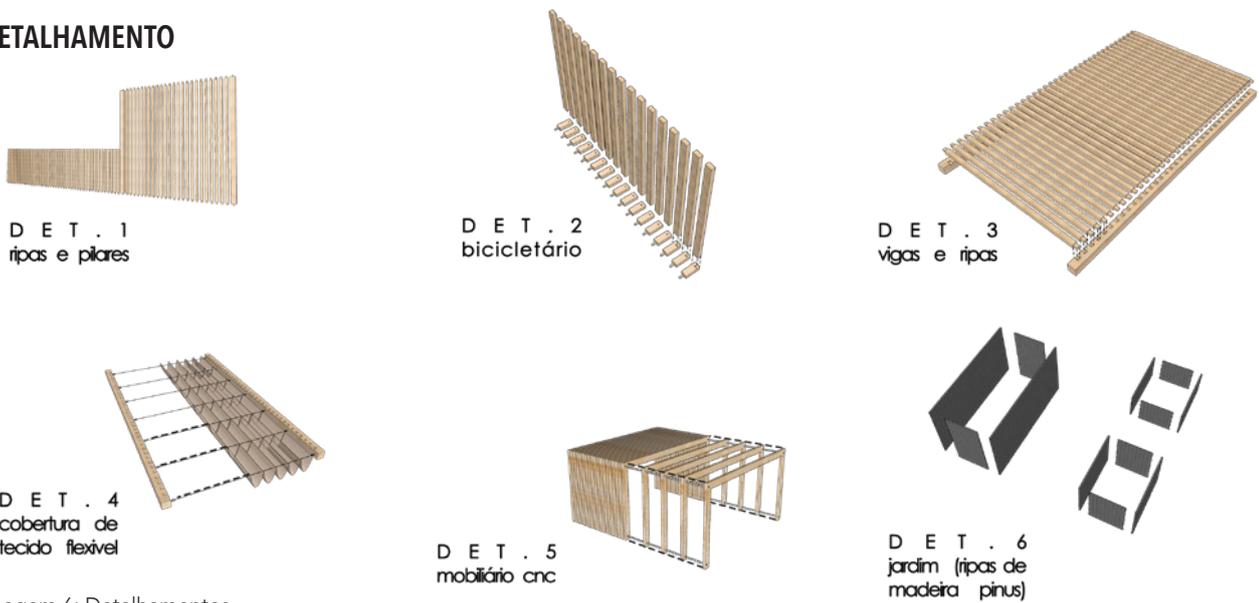


Imagem 6: Detalhamentos

# MUSEU DA INOVAÇÃO – hiperligações

Concurso nacional organizado pela Projetar.org – 023 (2017)  
Ana Paula Ferreira; Endi Marley; Leonardo Grogg  
Universidade Federal da Bahia

## LOCALIZAÇÃO

O projeto se localiza no bairro Barra Funda, em São Paulo, antigo polo industrial que ao ser reurbanizado, ganhou um caráter cultural e residencial. O terreno onde o projeto do Museu da Inovação será inserido era anteriormente uma indústria da Companhia Lithográfica Ypiranga, a primeira gráfica e editora do Brasil, inaugurada em 1901.

Próximo ao terreno do projeto encontra-se o espaço cultural do Memorial da América Latina, que foi integrado ao Museu da Inovação ao se retirar a Rua Fuad Naufel. Desta maneira, as vagas de estacionamento do memorial também atenderiam ao museu, sendo desnecessário acrescentar mais vagas.

O projeto se situa próximo à estação Palmeiras, o que facilita a conexão com o restante da região metropolitana, e também há importantes instituições de ensino como Uninove, Senai e Senac, que podem ser incorporadas nas práticas criativas do Museu.

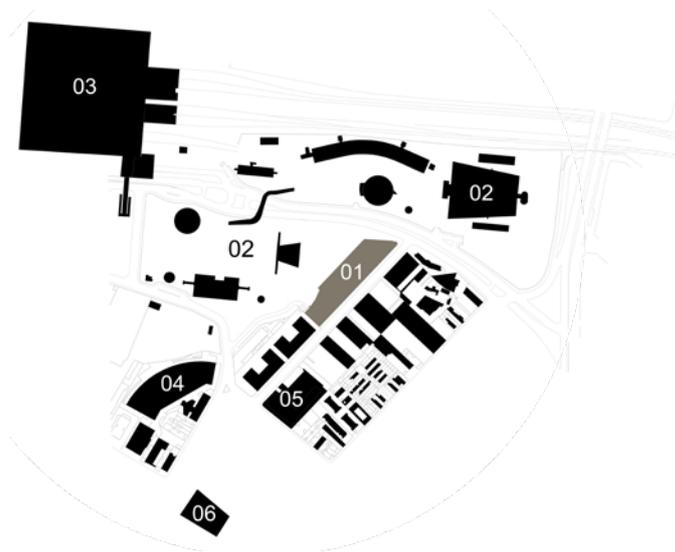


Imagem 1: O Museu da Inovação (01); Memorial da América Latina (02); Estação Palmeiras (03) e instituições de ensino: Uninove (04), Senai (05) e Senac (06).

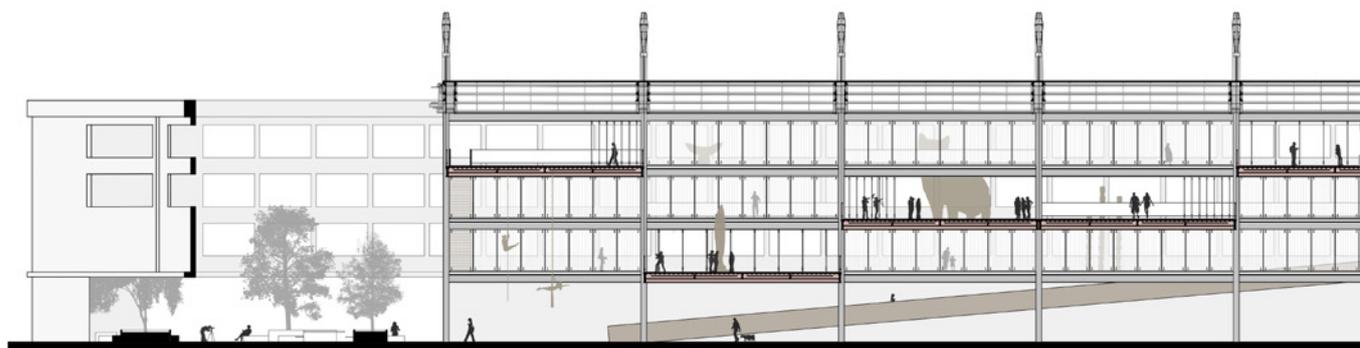


Imagem 2: Corte Longitudinal

## CONCEITO

Procuramos adequar a produção coletiva da cidade de São Paulo as atuais realidades interativas da sociedade, transformando o conceito de hiperligações em uma estrutura arquitetônica. O espaço projetado expressa e promove a interconectividade entre os saberes artísticos e tecnológicos, criando um ambiente inovador de experimentação.

Buscou-se conectar diferentes espaços como o atelier, coworking, salas de pesquisa, salas de exposição e o próprio espaço urbano. Essas ligações são tanto

visuais quanto físicas, através de plataformas móveis e rampas, compondo assim, uma única rede.

Acreditamos que a reinvenção é a chave da inovação, entretanto é necessário entendermos o passado, as técnicas e as memórias. A preservação da casca da fábrica com sua histórica tipologia de galpão industrial é uma homenagem simbólica à indústria gráfica/editorial que está em constante reinvenção, renovação e inovação. Transformando-se de fábricas produtoras de textos lineares impressos para fábricas de hipertextos interconectados na World Wide Web (web).



Imagem 3: Imagem sintética, sala expositiva.



Imagem 4: Imagem sintética, Oficinas.

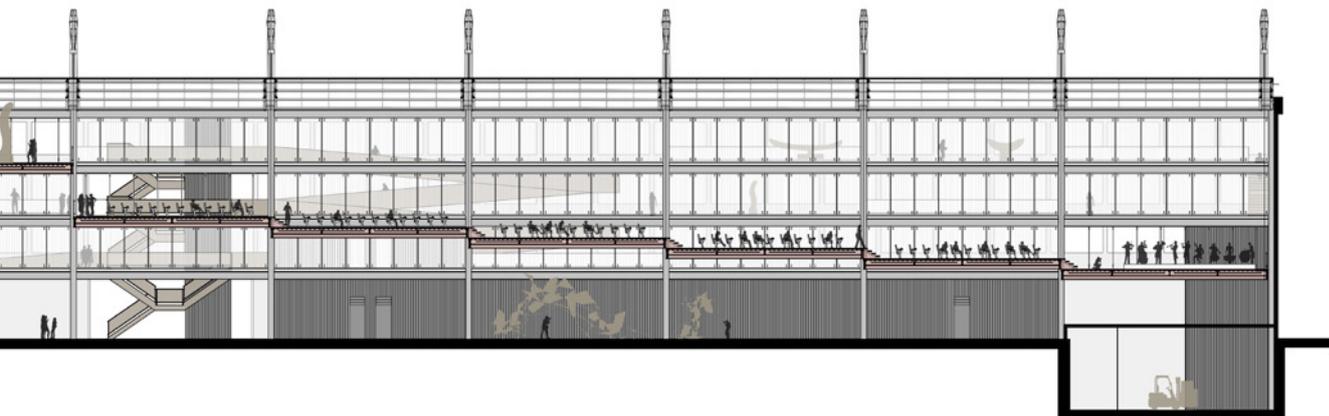




Imagem 5: Imagem sintética, vista sudoeste.

## ADAPTABILIDADE E MUTABILIDADE

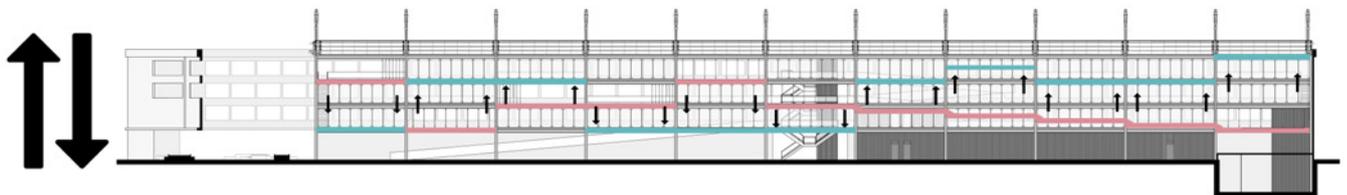


Imagem 6: Corte ilustrando a plataformas móveis.

As plataformas móveis promovem conexões diversas entre os ambientes de produção e permitem múltiplas configurações programáticas e interações entre os espaços. A movimentação vertical desses platôs pode aumentar ou fragmentar áreas de exposição e

também possibilita que os pavimentos contemham uma área suporte quando necessário. Essa constante movimentação cria uma espacialidade em transformação perene, facilitando o deslocamento dos objetos de exposição.

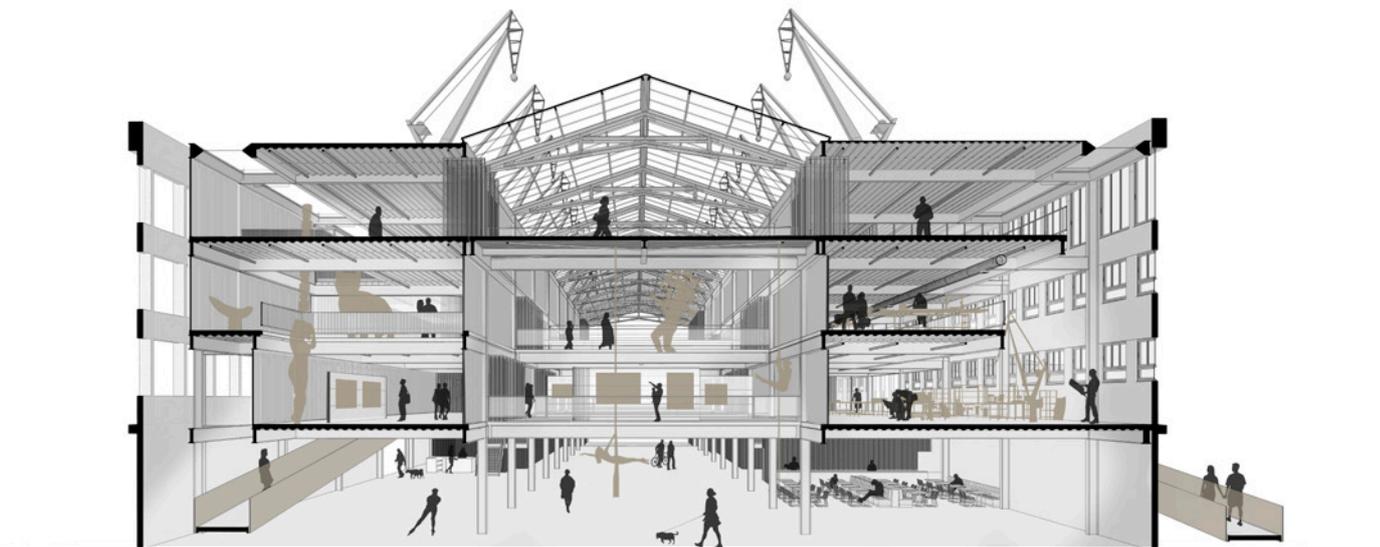


Imagem 7: Corte perspectivado transversal.

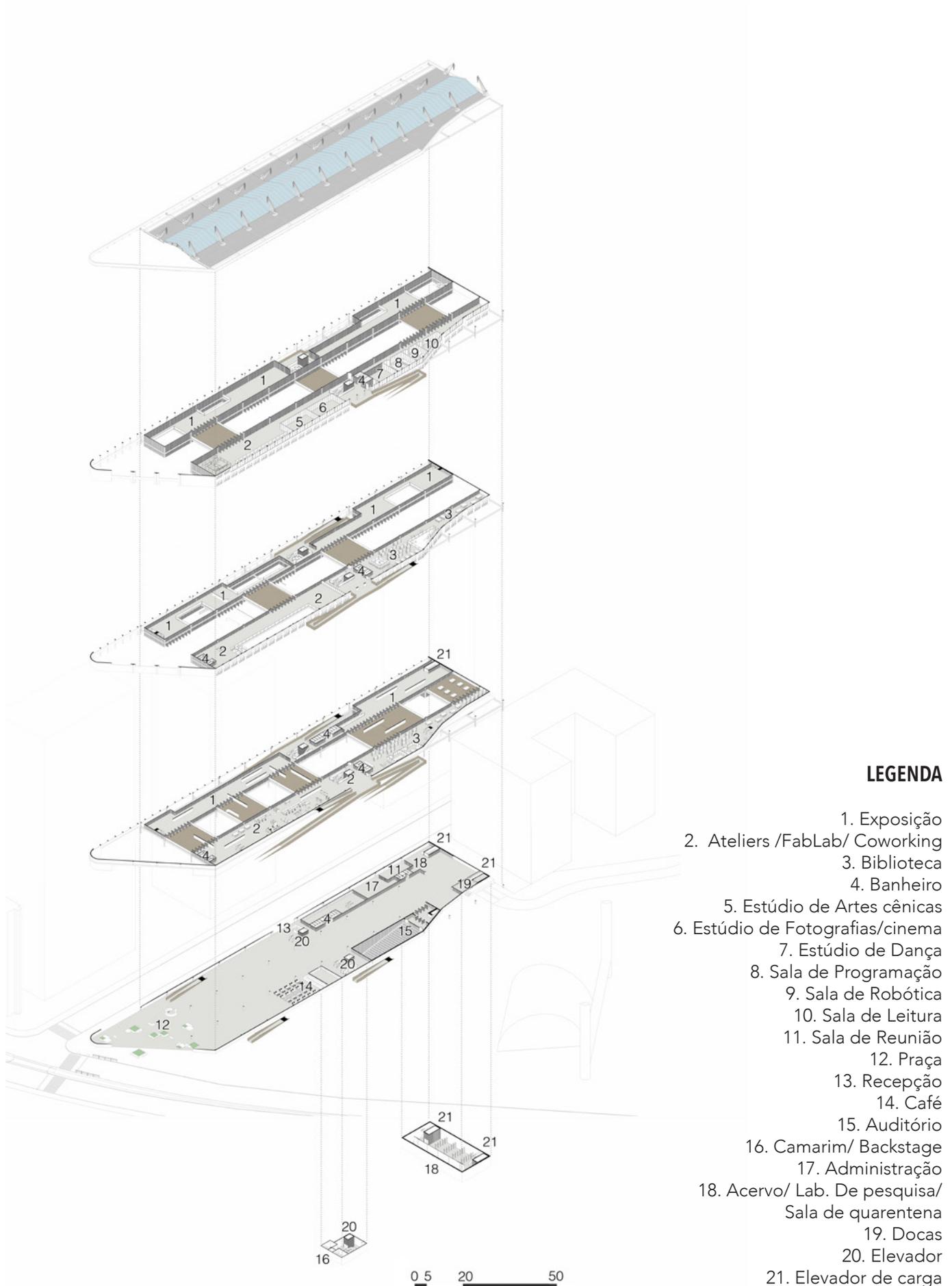


Imagem 8: Isométrica das plantas baixas.

# MOZAMBIQUE PRESCHOOL - FLOR DA MANHÃ

Concurso internacional promovido por Archorming  
Fernando Moreno Bianchi 10º Semestre;  
Isabelle Gonçalves de Oliveira 10º Semestre;  
Rafael Tanaka 9º Semestre; Ruan Miele 10º Semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

A fim de enfrentar novos desafios e em busca de experiência, o grupo composto pelos alunos Fernando Bianchi, Isabelle Oliveira, Rafael Tanaka e Ruan Miele viu a participação em um concurso de Arquitetura como uma maneira de entrar em contato com novas culturas, percepções e também contribuir para um enriquecimento na formação como futuros Arquitetos e Urbanistas. O concurso internacional "Mozambique Preschool – Flor da Manhã", promovido por Archorming associada a outras organizações, foi o escolhido pelo grupo e teve como objetivo projetar uma escola para crianças excluídas socialmente e com necessidades especiais na cidade de Xai – Xai, parte da província de Gaza. O desafio proposto trazia três vertentes fundamentais que nortearam o seu desenvolvimento, sendo eles o espaço educativo, a integração social e a sustentabilidade, todos inseridos em um projeto que preestabelecia programas

fundamentais para a escola, associados com técnicas construtivas simples e funcionais, de fácil execução.

O projeto proposto pela equipe carrega em seus traços estudos espaciais, muitas conversas e croquis que conduziram para um resultado satisfatório e criativo, através da modulação dos espaços e valorização da arquitetura vernacular, com o uso de tijolos de barro, madeira e tecidos com estampas tradicionais locais, buscando sempre unir técnicas tradicionais ao desenvolvimento de um espaço de proteção e qualidade para atender o seu uso proposto. Além da questão técnica, existiu também uma preocupação com as relações e interações sociais que a arquitetura poderia promover, sensibilizados pelo fato de ser um espaço para crianças e pessoas marginalizadas pela sociedade que merecem um espaço qualificado que abriga, conforta, protege e educa.

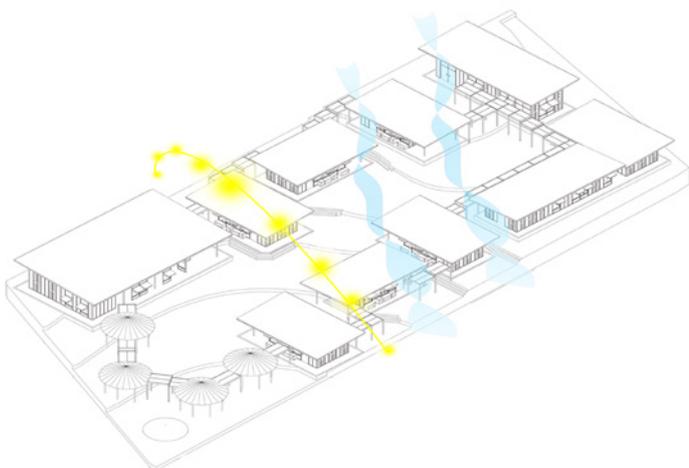


Imagem 1: Itinerário



Imagem 2: Planta Baixa

Insolação e ventilação



Estudo de fluxos

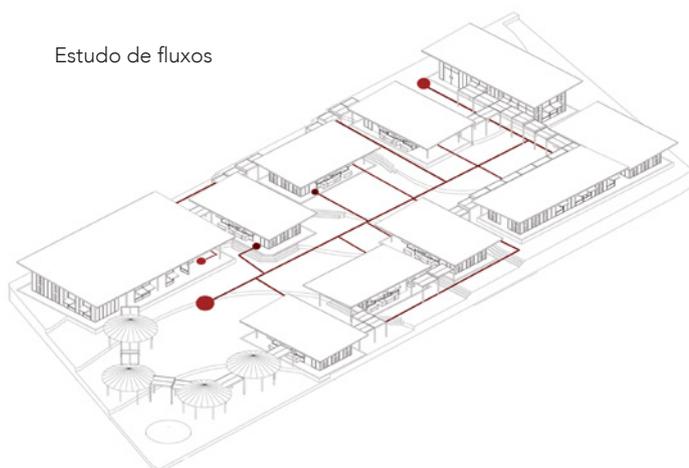
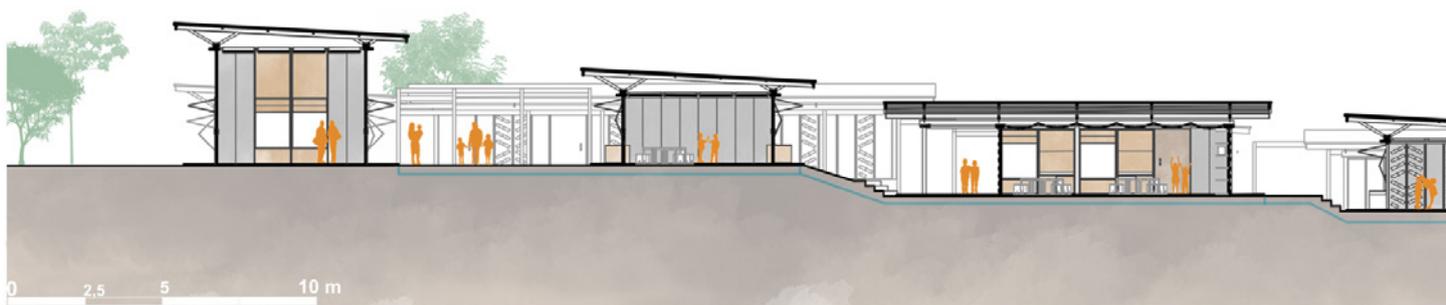


Imagem 3: Perspectiva Esquemática



A implantação da escola se projeta a partir da disposição periférica das salas de aula criando assim um pátio interno, que se transforma na principal área de convívio social e distribuidor dos fluxos. Próximo ao ingresso da escola, temos o espaço Multiuso que transcende a essência da educação, sendo um lugar de aprendizagem e manifestações culturais. As salas de aulas, dispostas modularmente, foram elaboradas para o conforto dos alunos e professores criando um espaço funcional e interativo com seus usuários, de forma livre e moldável para diversas situações educacionais. A questão construtiva foi muito importante para resolver esse módulo, no qual incorpora-se o uso da madeira como estrutura principal e vedações como brises, placas de argamassa para paredes, telha metálica para uma cobertura leve e o uso de tecido com estampas tradicionais de forma lúdica.

Acreditamos em três educadores principais de uma escola, o professor, o aluno e a arquitetura. O projeto visa abraçar todos os elementos em um espaço que oferece diferentes qualidades, incentivando a interação social e desenvolvendo um senso comunitário entre alunos, professores e a própria comunidade local. Portanto, procuramos projetar um espaço escolar que possa fornecer todo tipo de uso com sensação de conforto, vivência e segurança.

Através da implantação das salas de aula, criamos uma área periférica para as crianças correrem e brincarem, essa área externa tem a intenção de se transformar em uma extensão da sala de aula, dando a possibilidade de outras formas de ensino. A partir do desenvolvimento das aberturas, estamos tentando eliminar espaços residuais, para que nenhuma criança se sinta excluída.

Todos os edifícios apresentam uma permeabilidade visual e física, com o intuito de criar um ambiente acolhedor, onde existe integração, independentemente de qualquer rótulo social imposto. Por esse motivo, além de pensar na integração entre os programas, escolhemos manter as árvores para mostrar o quanto é importante preservar a natureza e cuidar do planeta, e além disso, considerar no projeto a importância da relação entre o ser humano e meio ambiente desde o início dos seus aprendizados.



Imagem 5: 3D Setores



Imagem 6: Sala de Aula



O projeto busca criar um contraste entre as construções tradicionais de Moçambique e as técnicas desenvolvidas atualmente de maneira harmônica e respeitosa. Isso é feito através da construção de formas circulares individuais, que remetem a ideia de tribo e origem, formando assim o pátio coberto. Em contraponto, temos outros espaços, como o multiuso, construídos a partir de formas ortogonais com um raciocínio de desenvolvimento modular in loco, onde a construção ocorre em fases, não exercendo um esforço físico constante.

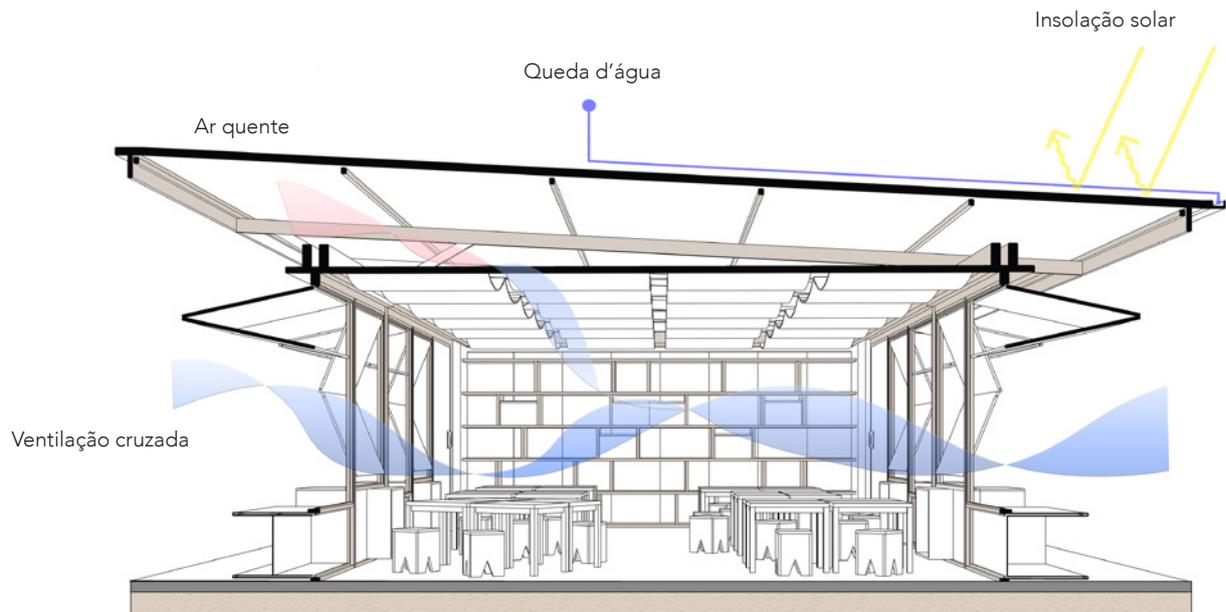


Imagem 7: Corte Perspectivado

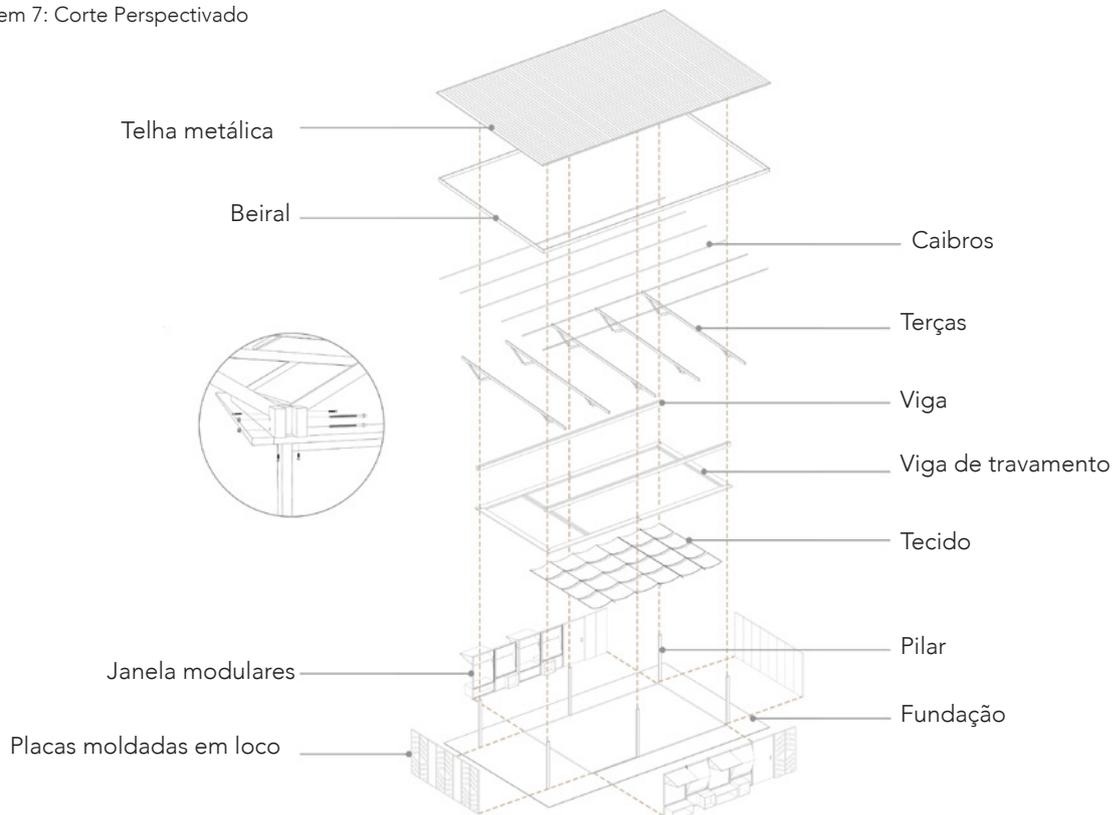


Imagem 8: Explodida



Imagem 9: Espaço multiuso



Imagem 10: Pátio

# MERCADO PARADA 06

Trabalho Final de Graduação  
Mariana Bastos Mariano, Arquiteta e Urbanista  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de dar continuidade ao Plano Urbano "Arco Estruturador Norte"<sup>1</sup> apresentando mais especificamente o desenvolvimento do projeto "Mercado Parada 06", localizado na região Norte de São Paulo no distrito da Brasilândia. A partir de levantamentos realizados, verificou-se a necessidade de um equipamento que pudesse viabilizar fluxos e oferecer um espaço público de qualidade voltado ao comércio, serviço e encontro. O projeto foi desenvolvido através de pesquisas e investigações acerca do tema, enfrentando os desafios sociais e físicos do território, como a falta de espaços livres e deslocamento limitado por conta da topografia acidentada do bairro. Seu objetivo consiste na requalificação urbana por intermédio de uma proposta de reestruturação viária e da implantação de um Mercado Público associado a um sistema de transporte

e mobilidade. O intuito é de que o equipamento além de distribuir fluxos, funcione como catalisador do espaço público ao gerar espaços de permanência, interações sociais e visibilidade ao bairro.

O equipamento de caráter regional no decorrer do desenvolvimento do trabalho, deparou-se com um processo que construiu-se e desconstruiu-se em relação a uma conjuntura de desafios para costurar uma malha de vias, caminhos e ocupações. Ao mesmo tempo em que o projeto se impõe como elemento articulador de dois grandes fluxos regionais, ele se adapta e fortalece as condições de seu entorno, permitindo que o contexto se aproprie dele como peça necessária de desenvolvimento e avanço do bairro. É preciso entender a importância da relação do espaço associado ao uso de Mercado Público ser a confluência de um movimento de fluxos que atrai e



Imagem 1

<sup>1</sup>Plano Urbano Desenvolvido pelo grupo de TFG Especial entre os anos 2019/2020 com o Professor Dr. Claudio Manetti na PUC Campinas

distribui forças. O projeto em seu contexto urbano, é um referencial de cultura e identidade em que as pessoas podem apropriar-se para relações de troca. A essência do mercado vai muito além de atividades comerciais; ele é fluxo, é transmissão de saberes, é tradição. Ele emana humanidade, é espaço de abertura para a cidadania e democracia. O mercado é cenário para a voz da Brasilândia ser escutada além dos morros da serra.

É porta para que “gente de fora” além da zona norte, abra os olhos para um lugar de tanto potencial e belezas naturais. O mercado no fim das contas se desmancha na rua, e a rua é um dos poucos “lugares” que ainda pertence a todos quando na verdade não é de ninguém.

Dentro da proposta do Arco Estruturador Norte, foram definidas 8 paradas de ônibus, sendo que 6 delas estão relacionadas a projetos que serão desenvolvidos individualmente. As paradas de ônibus foram locadas conforme a conexão com equipamentos existentes

e lugares com potencial de tornarem-se pequenas centralidades, onde os projetos associados a elas estabelecem conexões de sub-centralidades e reafirmam sua força estrutural. Localizado na sexta parada num eixo estratégico de confluências de fluxos para norte do Arco Estruturador, o projeto de caráter comercial, traz a proposta de estender a atribuição de centralidade linear ao longo da Av. Dep. Cantídio Sampaio.

Delimitada pela rua Jaime Manhani e pelo eixo de bifurcação do Arco Estruturador Norte da Av. Deputado Cantídio Sampaio com a Rua Hércio da Silva, está localizada a área de projeto de aproximadamente 6700m<sup>2</sup> conformada após uma proposta de reestruturação viária. Para uma primeira etapa de concepção da implantação, assumiu-se o Arco como extensão do projeto e desde um princípio ressaltou-se a força da essência pública do Mercado e sua articulação com fluxos e modais de transporte.



Localização do projeto no Arco

- A Terminal Vila Nova Cachoeirinha
- B Futura estação da Brasilândia (linha 6 de metrô)

Imagem 2:

## ARQUITETURA - NATUREZA x ARQUITETURA - SOCIEDADE

O projeto tem como princípio o enfrentamento de duas questões principais: o desnível de 18m do terreno e a articulação do equipamento com um sistema de permeabilidade de fluxos associado a parada de ônibus número 06 proposta no Plano do Arco - neste contexto surge o nome do projeto "Mercado Parada 06". Neste sentido, o conceito essencial aborda um viés urbano, em que o uso potencializa o espaço e suas relações adjacentes.

Tendo em vista os fundamentos abordados anteriormente, compreende-se que, de fato, o desenho proposto deve ser concebido como uma extensão da

rua. Essa ideia se materializa na articulação de duas lâminas horizontais posicionadas na mesma angulação das vias de seu perímetro que conformam um eixo de distribuição de fluxos.

A implantação buscou através de dois volumes edificados, setorizar a área de projeto em 3. O primeiro setor engloba o volume de apoio às atividades do mercado que se relaciona a parada 06 do Arco Estruturador. O segundo setor trata-se do corpo associado a práticas comerciais e consumo de alimentos. O terceiro setor surge como um espaço aberto de praça pública resultante da articulação dos dois edifícios propostos.

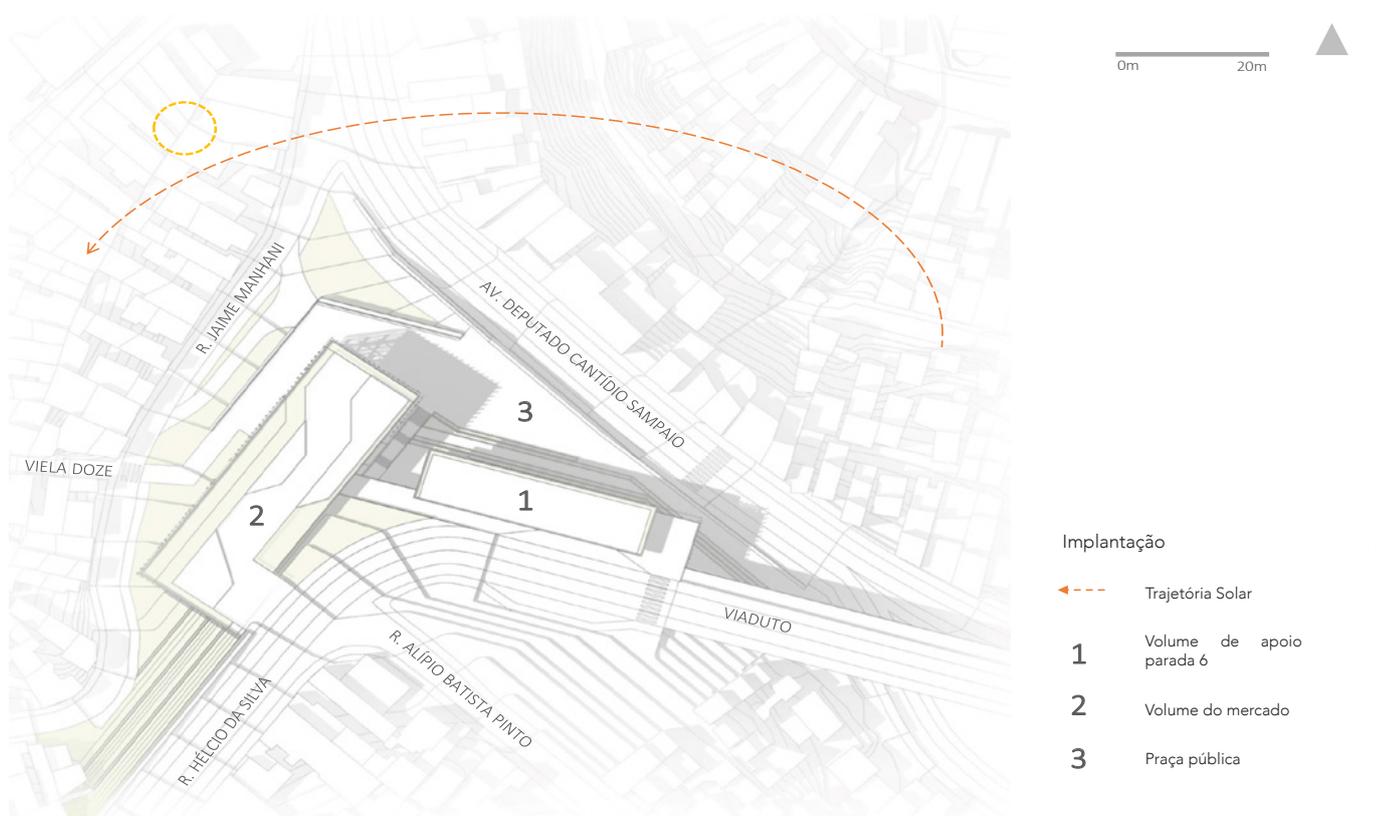


Imagem 3

Inerente ao partido de concepção do equipamento, está o conceito de permeabilidade. Este tema dentro do projeto se encaixa em mais de uma abordagem, sendo ele presente: na conexão de fluxos propostos com os existentes; nos acessos posicionados em diversas cotas do terreno que direcionam o público ao equipamento; no contexto visual de uma paisagem que pode ser contemplada de todos os pavimentos; na ausência de vedação dos edifícios, tornando-o uma espécie de praça aberta com apropriação de uso comercial; na extensão de calçadas que se confundem em espaços de

permanência; e no fundir do conceito de mercado ao equipamento urbano de transporte público parada 06.

A distribuição do programa foi organizada em 6 níveis principais no terreno, adotando a verticalização do volume edificado como estratégia de criação de espaços de interação social, contenção da topografia e distribuição de fluxos através de eixos de circulação. Situada na cota mais alta da área de intervenção (cota 810), a cobertura do maior edifício funciona como uma praça mirante do distrito e da Serra da Cantareira.



Imagem 4

Na sequência, segue o pavimento de praça coberta na cota 806. Este nível é caracterizado pela incorporação do Plano do Arco, que considera o acesso por transporte coletivo e percursos peatonais. Quem deseja aproximar-se por esse nível, irá se deparar com uma elevação horizontal de vista permeável que se mistura com a paisagem. A primeira percepção se dá pelo pavilhão de dupla

função do edifício de apoio: planta livre e parada de ônibus. Neste pavimento as pessoas podem percorrer o interior do projeto e apropriar-se dos espaços para dinâmicas livres. Foram propostos módulos de mobiliário para compor o espaço do mercado; com isso as pessoas tem um suporte caso queiram utilizá-los para atividades coletivas ou até mesmo para apropriá-los como setor comercial.

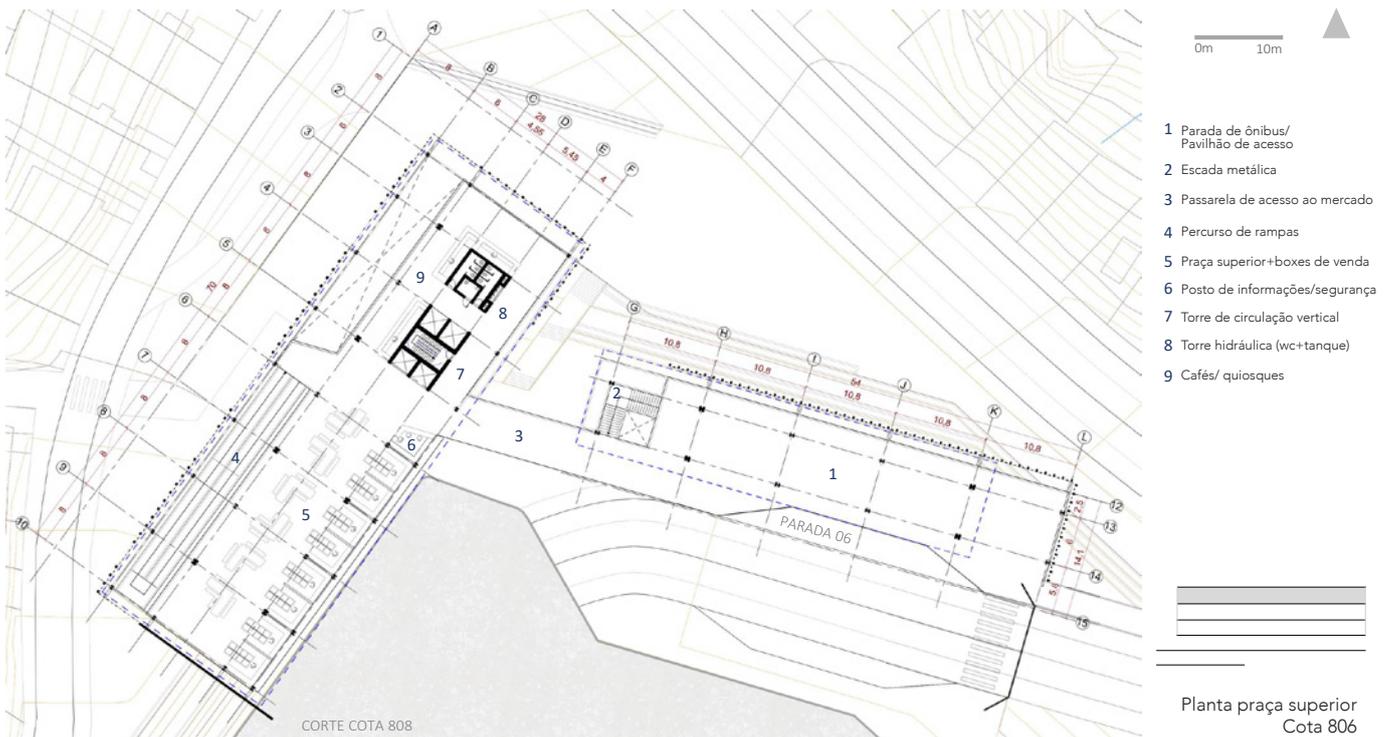


Imagem 5

Na imagem (6), estão demarcados os 3 eixos de circulação vertical que articulam todos os pavimentos dos edifícios, sendo eles um núcleo de escada aberta; rampas que costuram os níveis e geram um percurso de visibilidade interna e externa; e a torre de circulação técnica composta por dois elevadores sociais, uma escada de emergência e dois

elevadores de carga. Além dos elementos citados, destaca-se a escada que conecta o eixo articulador dos edifícios até o nível de praça inferior na cota 794. Ao lado da torre de circulação técnica, está disposta uma torre hidráulica com um tanque de uso comum e banheiros masculino, feminino e para portadores de necessidades especiais (PNE).

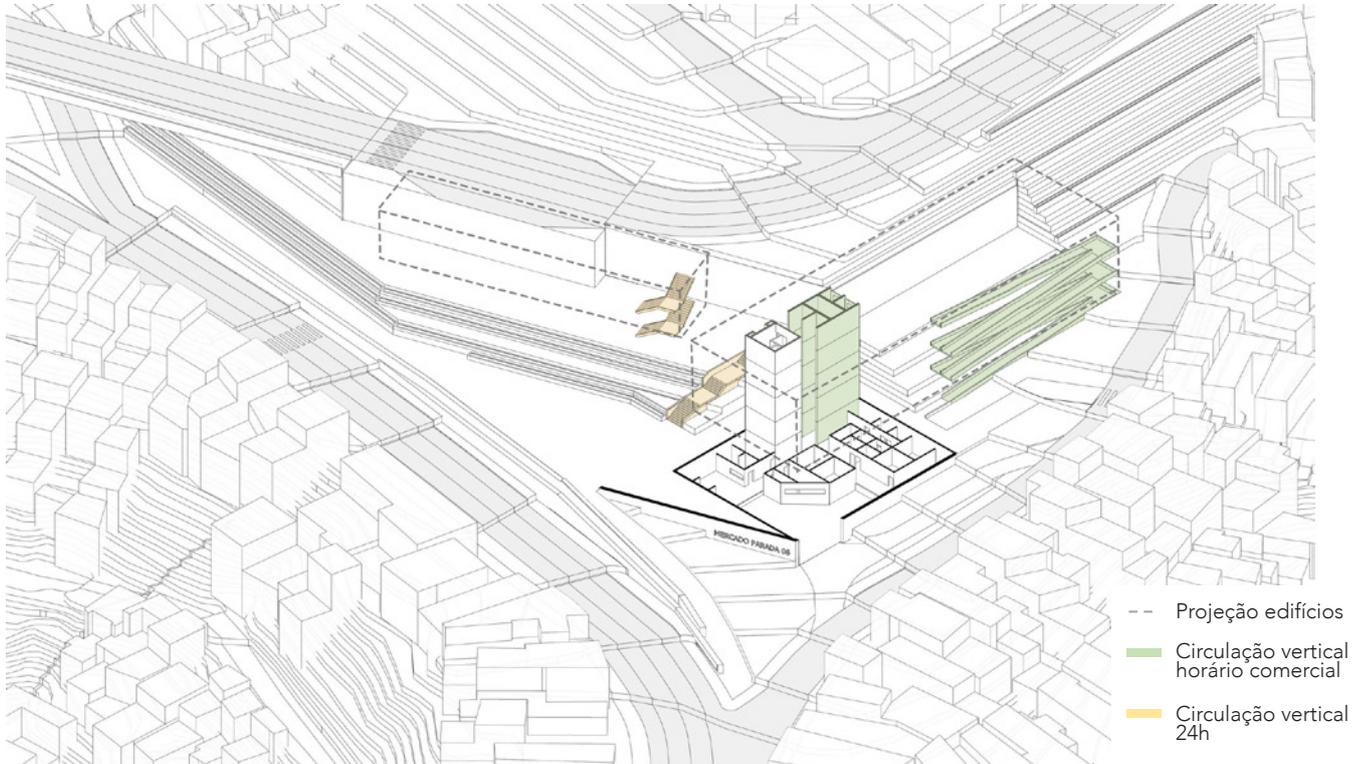


Imagem 6

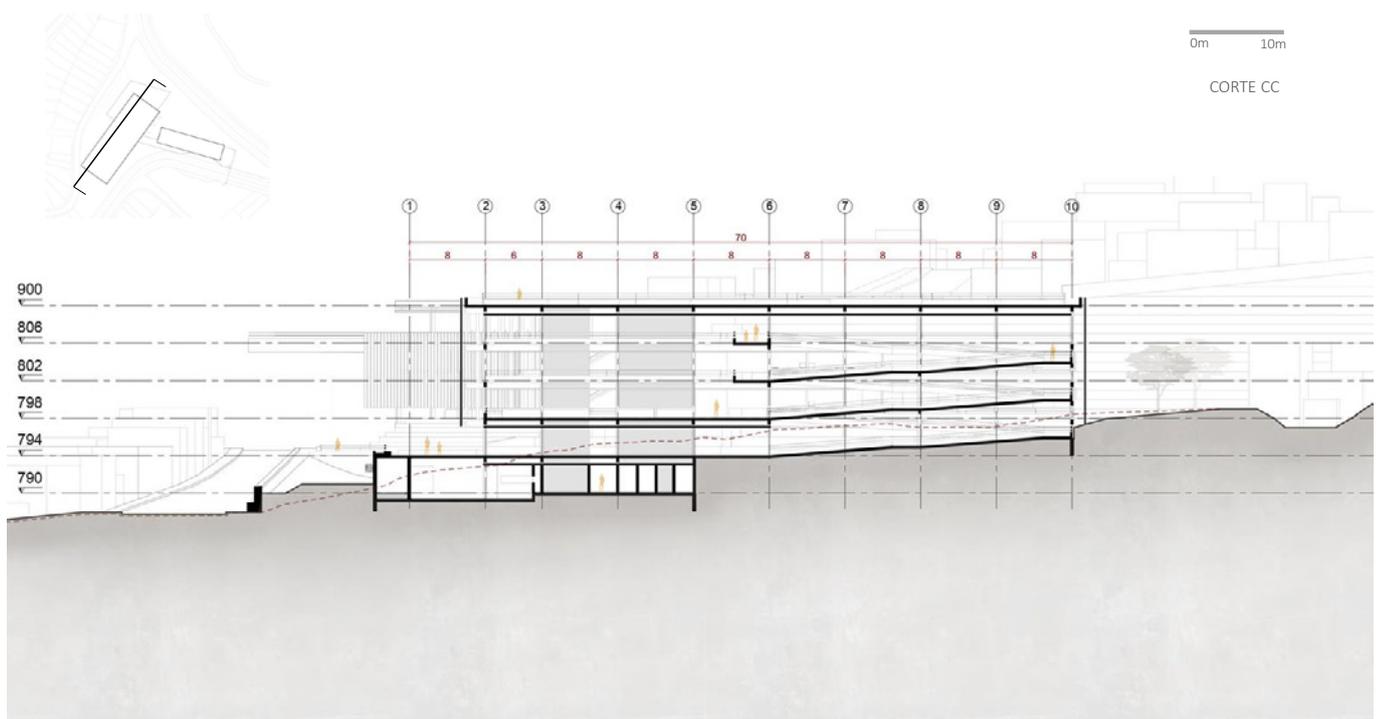


Imagem 7

Os seguintes pavimentos estão relacionados mais diretamente ao programa de comércio e serviço do Mercado. A planta do nível 802 apresenta a espacialidade marcada pela praça de alimentação e restaurantes distribuídos ao longo do muro de contenção. O mesmo ocorre com os postos de açougue e peixaria na planta do nível 798, que

recebem o suporte de refrigeradores posicionados ao longo do arrimo que contém a topografia. Tanto no edifício de apoio quanto no edifício do Mercado, boxes de 1,10m de altura estão distribuídos para a venda de frutas, legumes, verduras e demais produtos que dispõem preparos ou condições de armazenamento específico.

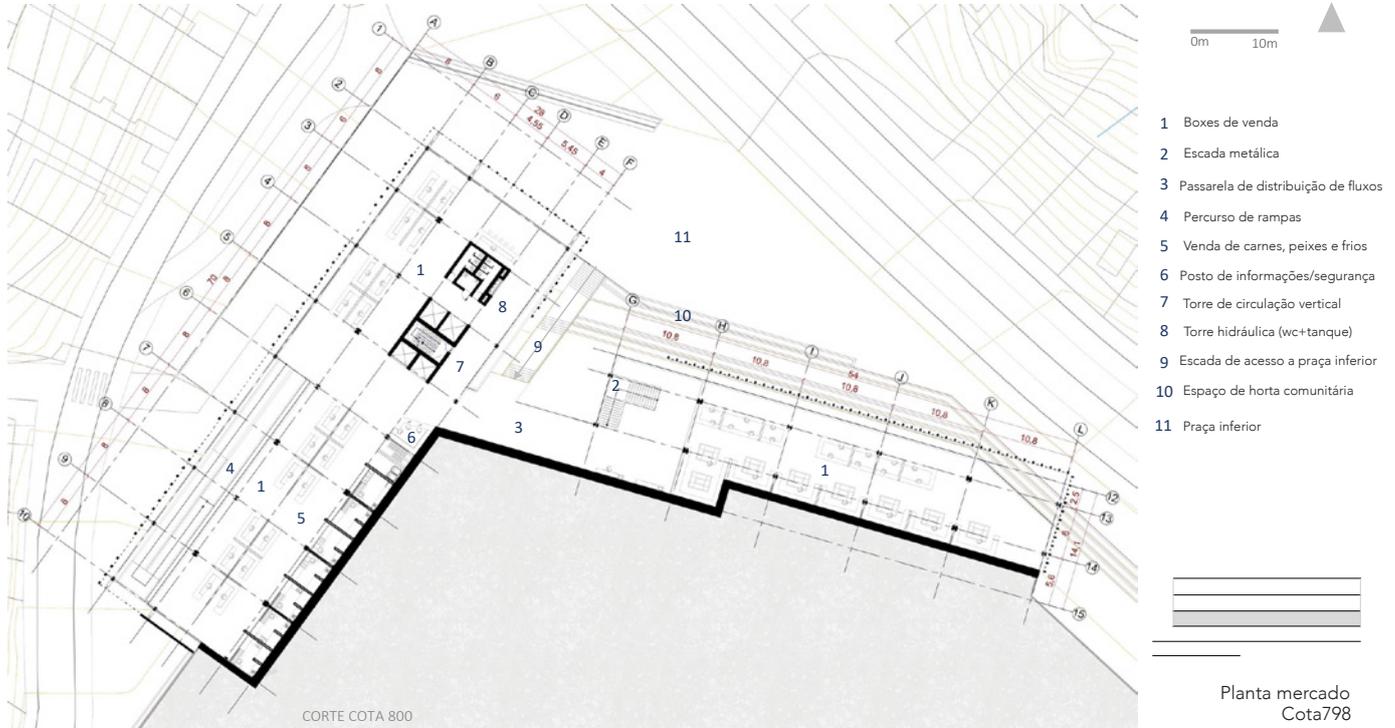


Imagem 8



Imagem 9

A praça inferior na cota 794 é um espaço de extensão da calçada destinada ao uso público 24h. Ao caminhar por ela, é possível passar pela área do mercado mesmo sem entrar nele. Este pátio/ percurso permite a liberdade de apropriação informal, a exemplo das feiras livres; e disponibiliza espaços para o cultivo de hortas, para que além da venda, o edifício também permita a produção de alimentos sob os cuidados dos usuários do mercado.

Por fim, o último nível situado na cota 790 constitui-se pela área técnica do Mercado Público,

articulada pelas torres de circulação vertical e hidráulica em concreto. Neste pavimento constam áreas de carga e descarga, administrativa, para armazenamento, área de destino ao lixo, sala técnica e reservatório de água. Esta área foi projetada no subsolo a fim de separá-la visualmente do restante das atividades desenvolvidas no Mercado e voltá-la a Rua Jaime Manhãni que viabiliza o acesso dos veículos de abastecimento de mercadorias (VUCs) - veículos urbanos de carga com capacidade de até 3 toneladas.



Imagem 10

Nota: Este material é um resumo daquele apresentado como Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em Dezembro de 2020, sob orientação do professor Ms. Claudio Manetti. Para ter acesso ao trabalho completo do TFG Urbano acesse o QR code.



# CENTRO DE PESQUISA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Trabalho Final de Graduação  
Paola Hoehne, Arquiteta e Urbanista  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## INTRODUÇÃO

A leitura e análise da zona norte do município de São Paulo como um todo e, posteriormente dando destaque para a região do distrito da Brasilândia, revelou um território de múltiplas carências, mas repleto de identidade e potencialidades, onde a população contribui para a produção da paisagem.

Compreender a relação da expansão urbana frente a uma geografia acentuada e as bordas da Serra da Cantareira tentando resistir, além dos processos de ocupação histórica junto à falta de infraestrutura e equipamentos públicos foi fundamental para o

desenvolvimento deste trabalho que deriva do plano urbano do Arco Estruturador Norte.

Das complexidades do território colocadas anteriormente através do Plano, surgem 6 projetos estruturais ao longo de seu percurso — necessários e de grande importância para o contexto e o cenário em que estão inseridos. Cada projeto leva consigo uma questão significativa a ser abordada, além do desejo de contribuir, respeitando a vida que lá se faz presente. Estes projetos potencializam ainda mais o sistema articulador de transporte e mobilidade proposto para esta região



Imagem 1: Localização do distrito Brasilândia

— conectando estruturas viárias e pontos de interesse, estabelecendo conexões entre áreas de centralidade e equipamentos existentes e integrando os “Jardins”, identificados como pequenos bairros locais. Além disso, interliga dois modais de transporte fundamentais para a região: o atual Terminal Vila Nova Cachoeirinha e a futura estação da linha 6 laranja de metrô da Brasilândia. Novos equipamentos, novos percursos e novas arquiteturas surgem para potencializar sobretudo as relações existentes e as que estão por vir.

No caso deste projeto, associado à parada de ônibus 04 do Arco Estruturador Norte, a proposta contempla questões relacionadas diretamente a um local, atualmente em desuso, onde a geomorfologia passou por uma alteração, mudando completamente seu tipo de solo, a paisagem e a sua relação com o tecido urbano. A partir da análise mais aprofundada do aterro Itaberaba, atualmente desativado, e de seu entorno imediato, as análises realizadas previamente através do Plano urbano foram contempladas.



Imagem 2: Localização Arco Estruturador Norte e projetos estruturais

## PAISAGEM

A fim de compreender o território inicialmente, foi imprescindível adotar uma escala “macro” para entender as relações de (des)conexão e estruturas presentes no entorno deste vazio urbano. Através desta escala, ainda que neste momento distante da escala de desenho das arquiteturas, surgiram novos desafios e questionamentos: de que maneira fazer o território do aterro desativado se reconectar à cidade? Foi necessário, além da leitura e do entendimento do que o existente representa, reconhecê-lo e enxergar seu potencial. Além disso, também houve a intenção de reverter a atual paisagem e dar um novo significado a este “vazio abandonado”.

Nesse sentido, por vezes, a paisagem incomoda (e muito): evidencia nossas práticas para além dos discursos que a camuflam, questiona valores correntes, aponta para um desejo possível de mudança – o que nos proporciona alguma esperança e faz brotar um sentimento de urgência.

Este território abriga complexidades sociais e fragilidades ambientais. Sobretudo, torna-se ainda mais frágil diante de um local onde abrigou uma cava de uma pedreira e posteriormente um aterro.

A princípio, buscou-se entender o impacto que um aterro traz e representa para o território, não apenas no aspecto ambiental, mas também social, econômico e político. E que mesmo após a sua desativação, ainda permanecem muitas questões originárias desta problemática ao longo de muitos anos.

## PLANO E PROJETO

O Plano para o aterro e seu entorno reúne as informações e análises coletadas através dos 3 aspectos — áreas de aterro, fluxos propostos e presença de áreas de preservação e favelas, com o objetivo de qualificar e integrar o aterro e suas bordas, devolvendo este espaço ao tecido urbano de modo adequado. As áreas de projeto para este território foram numerados conforme a imagem (Img 03 - PLANO) e são descritas a seguir:

A área 1 diz respeito a manutenção das áreas indicadas pelo PMMA como remanescentes de Mata Atlântica, com a proposta para uso de lazer, através de percursos e integração das áreas de transição de suas bordas com as vias existentes.

A área 2 tem como proposta a reurbanização e reconversão de favelas, além da criação de transposições para o sistema de mobilidade e transporte do Arco Estruturador Norte. Em detrimento à geografia do local, as vias foram determinadas pelo perfil natural do terreno. A ocupação do território acompanhou a esta mesma lógica, de forma não planejada e de modo precário - foram ocupados locais onde até então havia espaço livre. Isso se deve ao fato das quadras serem extensas e não apresentarem vias locais ou transposições de uma rua a outra, reduzindo também a mobilidade peatonal dos moradores.

A área 3 evidencia a necessidade do projeto de recuperação ambiental das áreas degradadas e contaminadas das áreas de aterro para a implantação de um parque urbano, como um importante equipamento urbano e de respiro frente ao adensamento populacional. Junto a isto, propõe-se o novo desenho de sua borda de modo que não configure uma barreira, oferecendo locais de uso para áreas esportivas, por exemplo.

Já a área 4 foi escolhida para ser desenvolvida. Este local configura um importante nó viário e de conexão, além de inaugurar uma “porta de acesso” tanto para o Arco Estruturador Norte, quanto para porção norte do território e a sul, através da conexão peatonal com as escolas. Este local sobretudo tangencia elementos fundamentais da paisagem e ajuda a reconverter áreas estruturalmente precárias.

Também é proposta a reurbanização e o redesenho das moradias da favela Cidade Alta — localizada muito próxima às áreas de aterro. Este desenho foi desenvolvido preliminarmente, considerando a requalificação do território, além da conexão com a proposta de projeto.

Portanto, este local tem o objetivo de desenhar a transição tanto da via ao sistema do bairro e aos novos espaços que são propostos, quanto da transição para o Parque, indicado através da proposta 3 de projeto.

O projeto da área 4 neste momento já enuncia um pré-programa, visto o cenário em que está inserido e as problemáticas envolvendo a memória deste local.

O programa foi desenvolvido de modo a estabelecer uma relação direta, dialogando com esta paisagem existente, construindo novas relações a fim de trazer, não somente uma nova realidade espacial e mais digna a este local, mas também social e econômica.

Entende-se a importância do desenho das arquiteturas como um elemento produtor dessa nova paisagem, com a capacidade de fortalecer e potencializar a identidade do local. Os sistemas de “cheios e vazios”, isto é, os sistemas de espaços livres/públicos e construídos, possuem um papel fundamental no desenvolvimento deste projeto.



Imagem 3: Plano do aterro e de entorno

## PROJETO: CENTRO DE PESQUISA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O projeto do Centro de Pesquisa e Educação Ambiental está diretamente relacionado à revitalização e requalificação de uma área ambientalmente degradada junto ao espaço público. Há uma associação direta entre a sua concepção, a percepção como memória e significado e suas formas de uso e apropriação do espaço da cidade pelos seus usuários através da implantação de um equipamento que contribui para seu desenvolvimento.



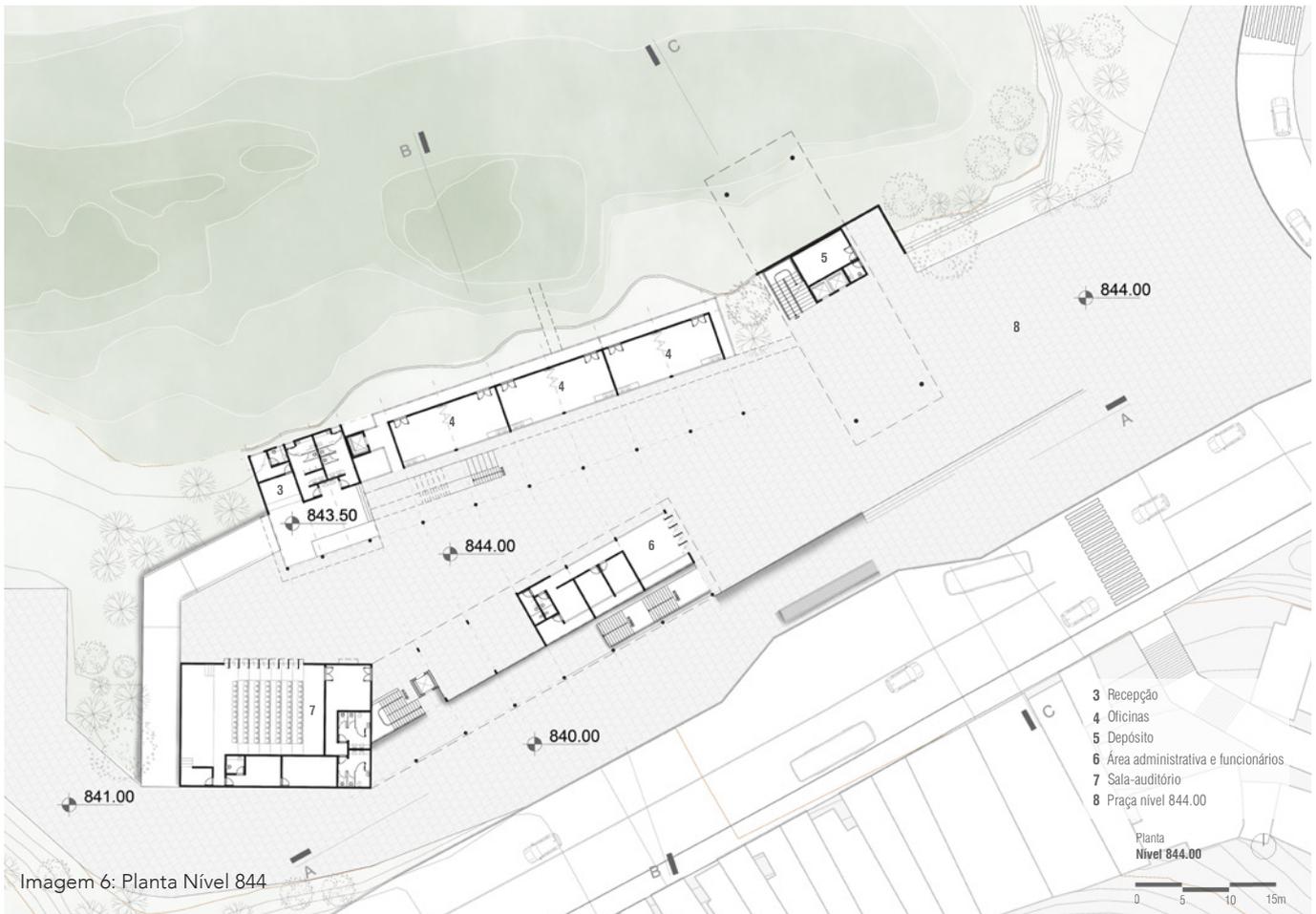


Imagem 6: Planta Nível 844

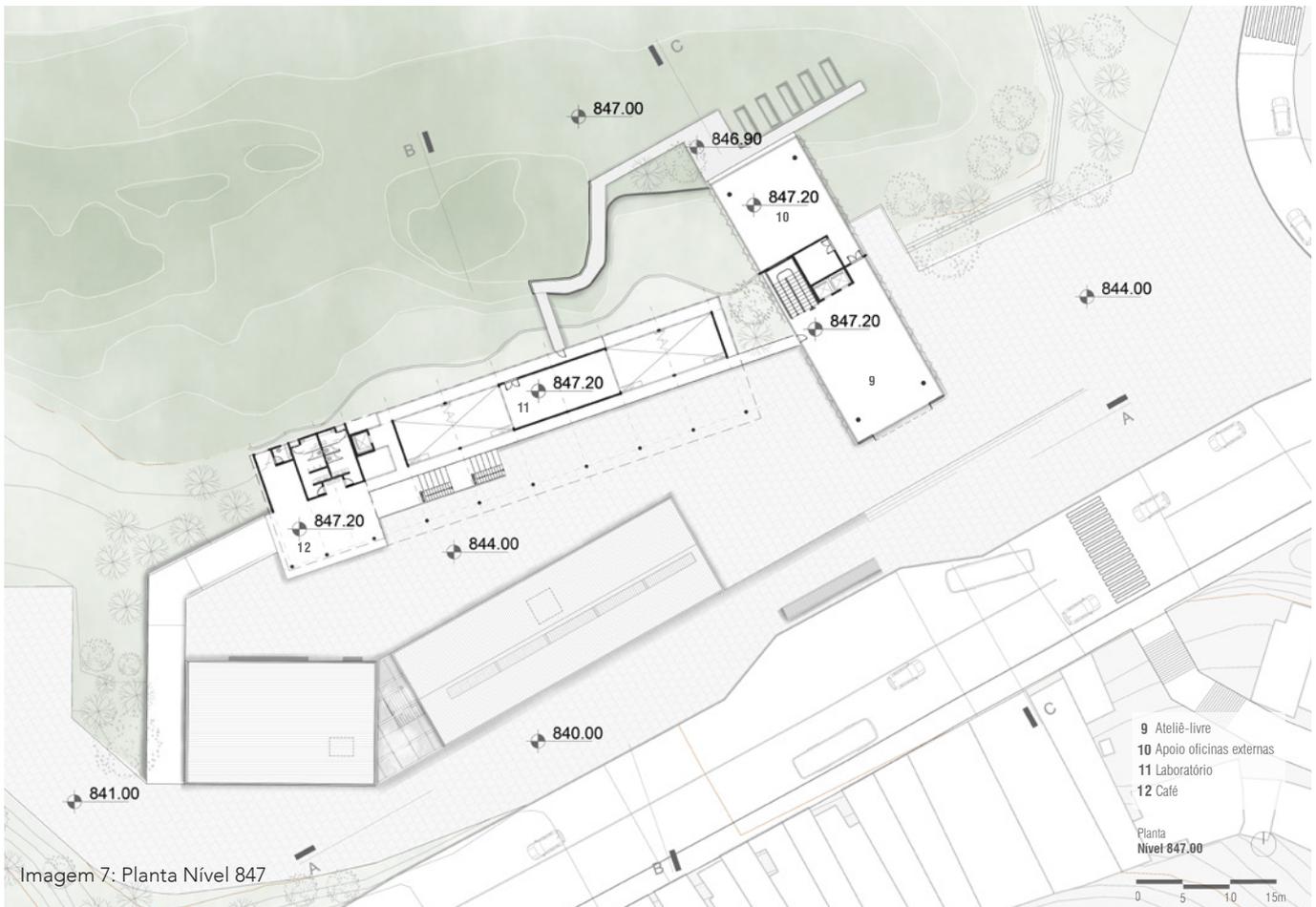


Imagem 7: Planta Nível 847

Este projeto é um equipamento urbano multidisciplinar relacionado à questão dos resíduos, que incorpora princípios sustentáveis de modo social, educacional, cultural e político. Trata-se de um complexo que conta com um centro de pesquisa e educação ambiental, que estimula a promoção da inclusão social, além de valores que possibilitam a transformação dessa realidade.

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

O projeto do Centro de Pesquisa e Educação Ambiental identifica a problemática dos resíduos sólidos e o reconhece como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania. Além disso, visa à construção de novas relações sociais, educativas e culturais, a fim de gerar conscientização e incorporar ações para desenvolvimento sustentável, através de experiências práticas.

A proposta para este espaço envolve oficinas teóricas e práticas que incluem a população local e as próximas gerações, a fim de proporcionar uma formação de mais qualidade na condição de vida atual.

A implantação dos edifícios busca uma unidade arquitetônica que reconfigura a borda do morro e se abre convidando o público, através da calçada — cota 840.00 junto à parada de ônibus, e a Praça — na cota 844.00, que representa a extensão dos edifícios.

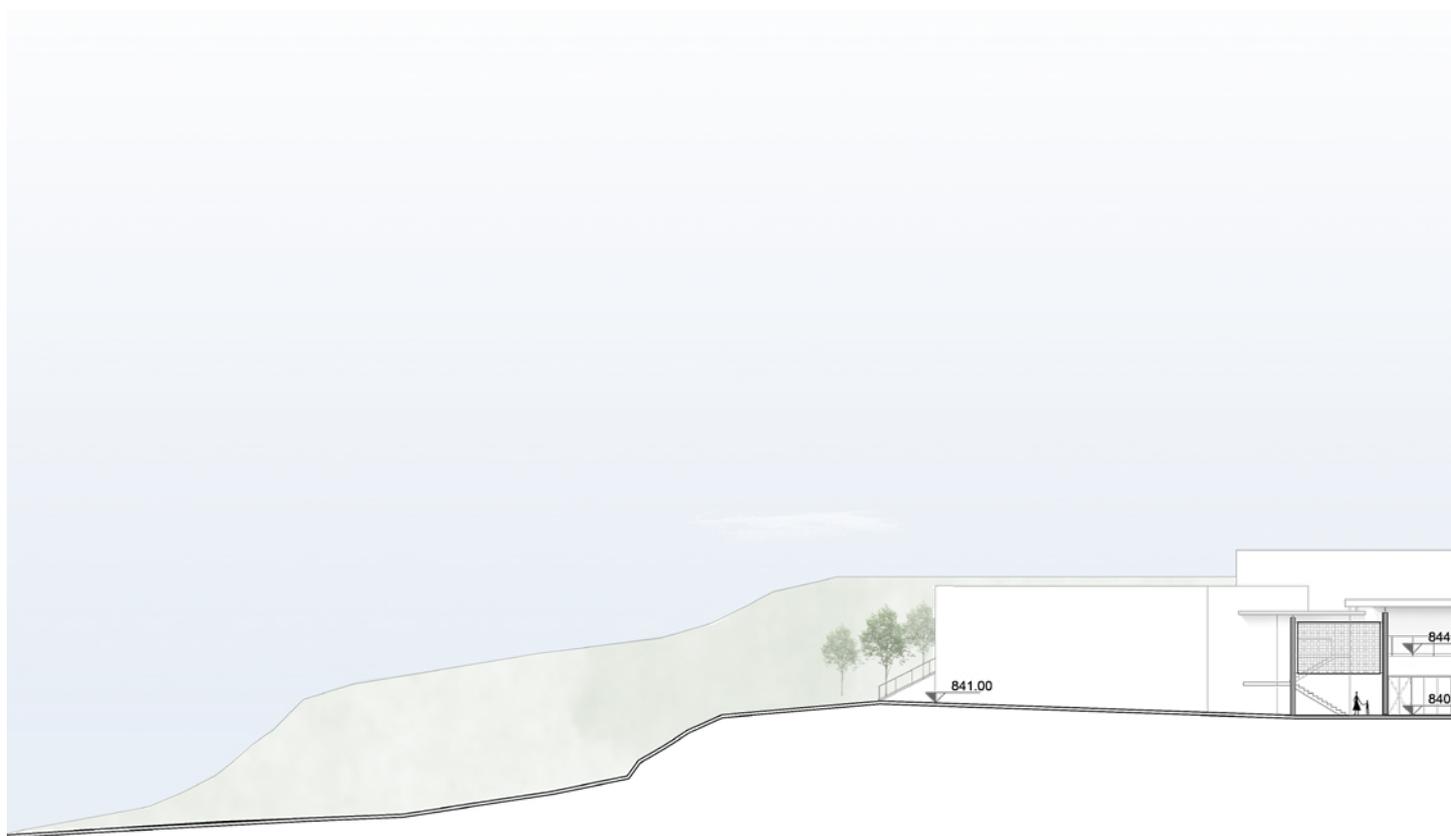


Imagem 9: Corte AA



Imagem 8



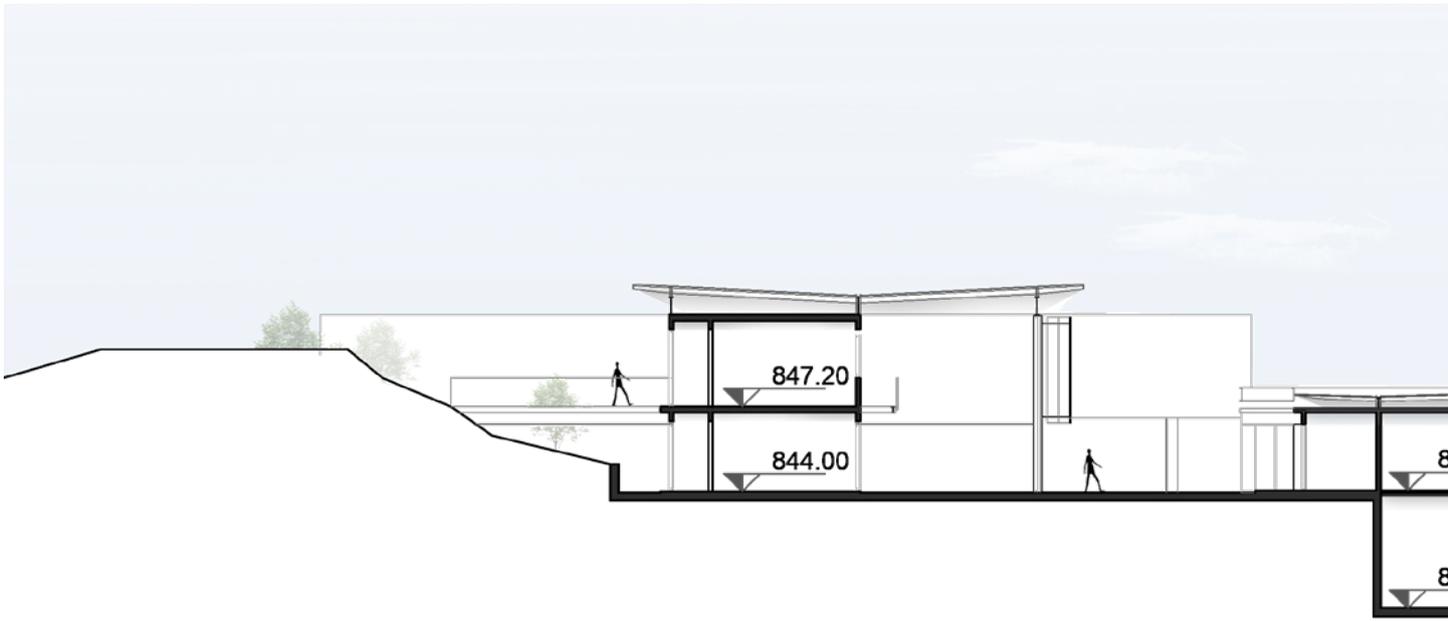


Imagem 10: Corte BB

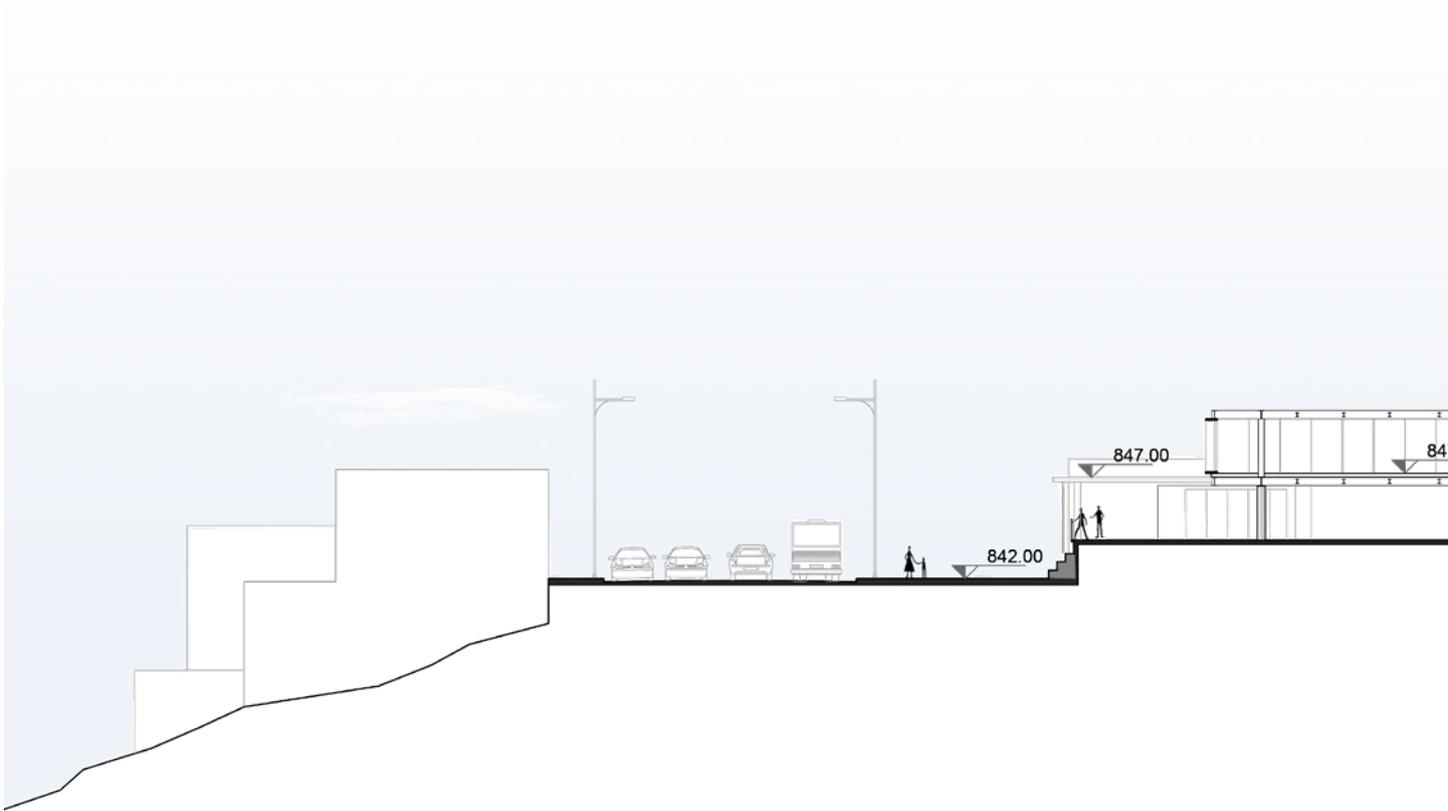
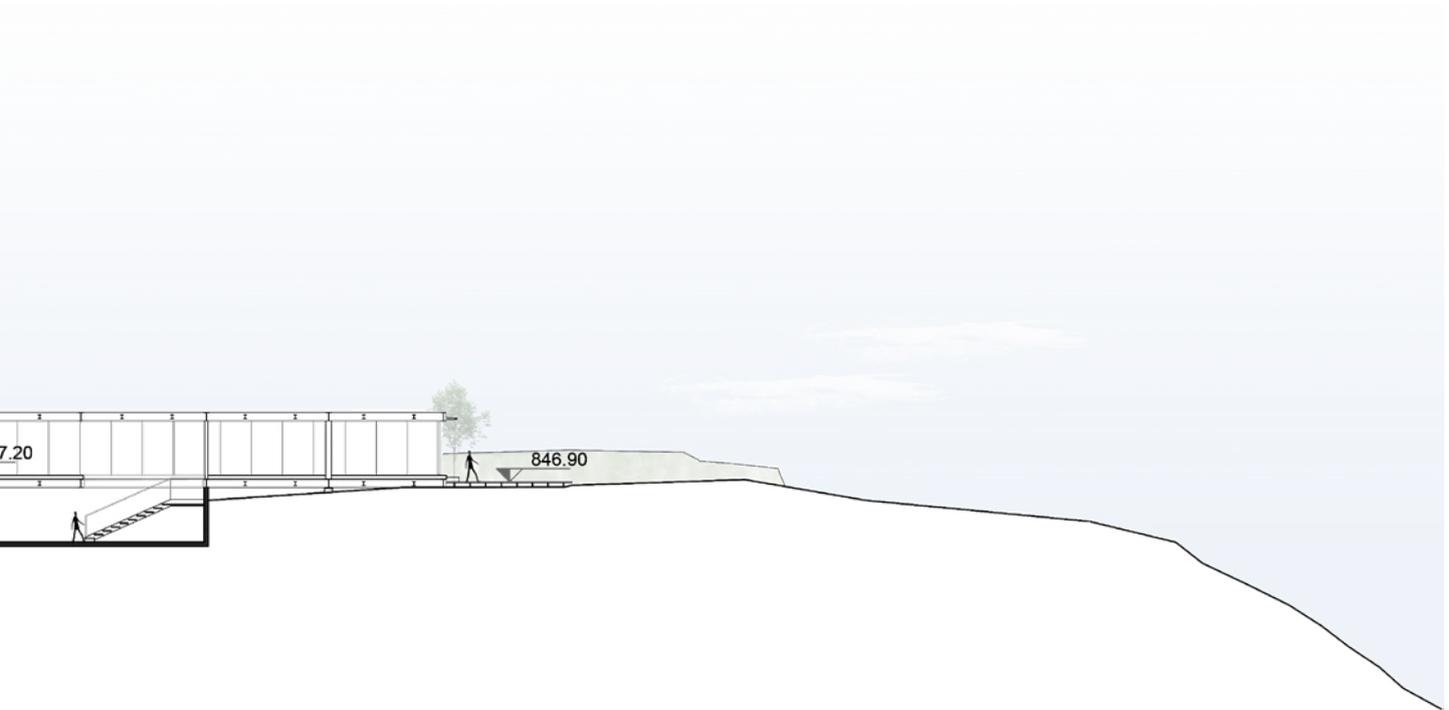
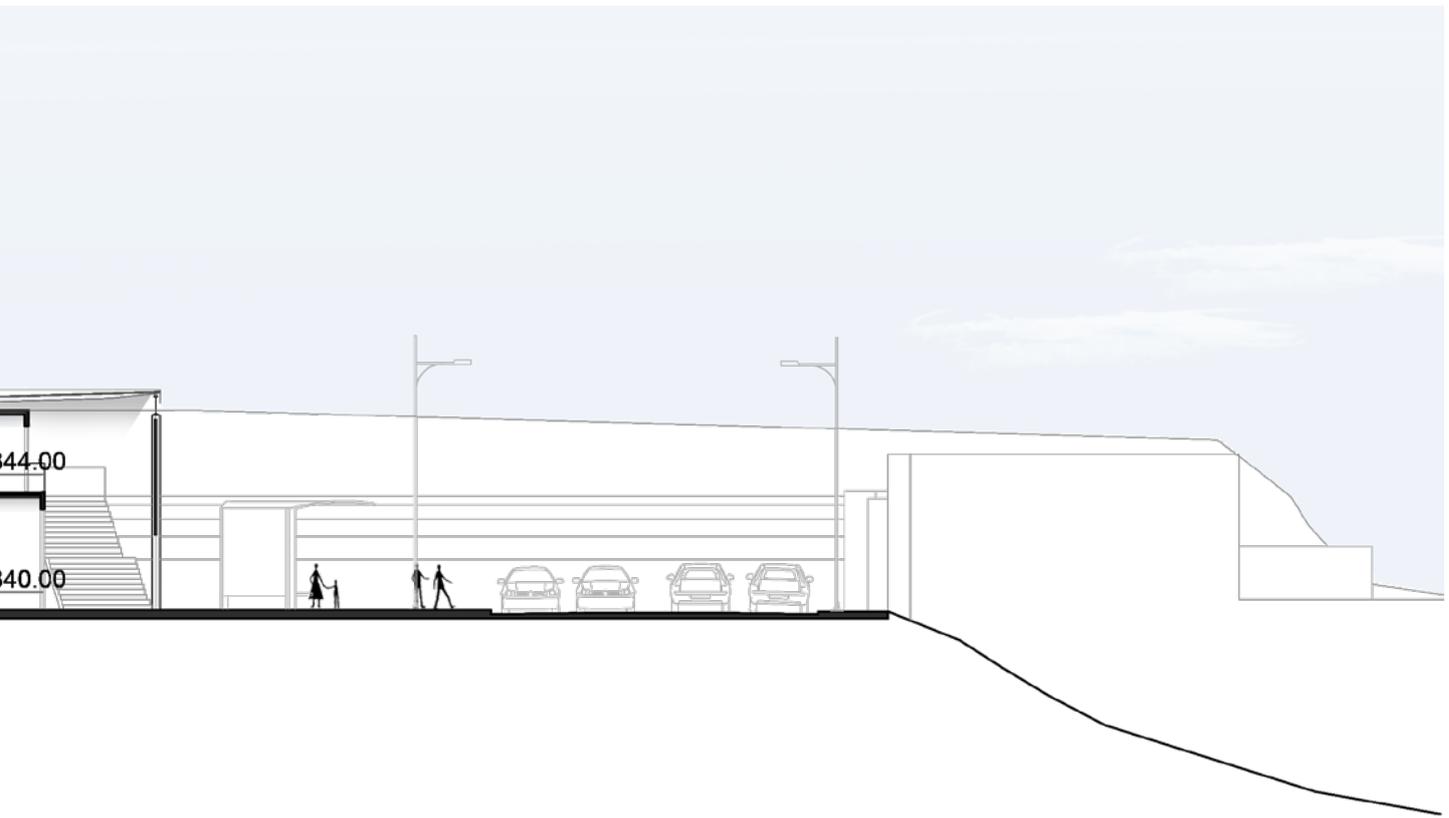


Imagem 11: Corte CC



O projeto traz consigo a unidade de cheios e vazios, isto é, a própria configuração do vazio se torna um espaço que dialoga com as edificações cobertas. O gesto inicial de desenho é o da praça, cujo espaço se consolida depois, com a construção do seu entorno e assumindo o próprio vazio como um espaço. A Praça,

neste sentido, é parte integrante das conexões de usos estabelecidos nos edifícios, que se estende como um pátio contido no miolo deste conjunto edificado. Além disso, a arquitetura dialoga com os domínios visuais da paisagem, através de aberturas, frestas, rampas ou escadas.

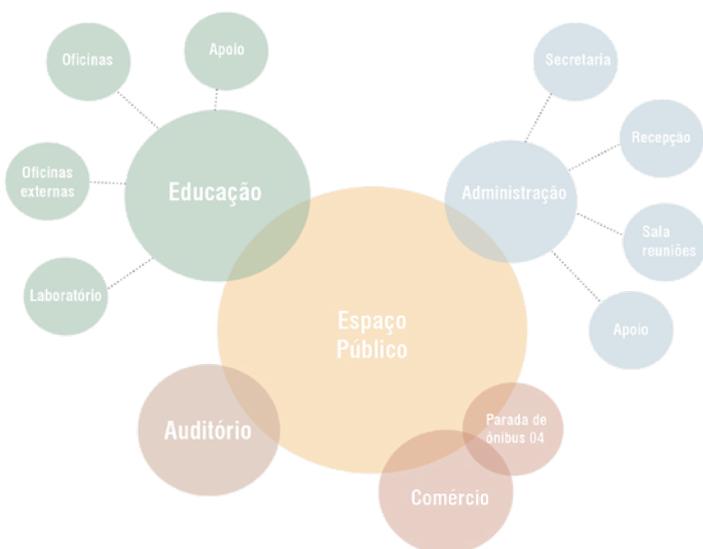


Imagem 11: Programa associado ao espaço público.

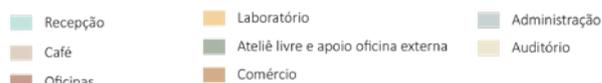
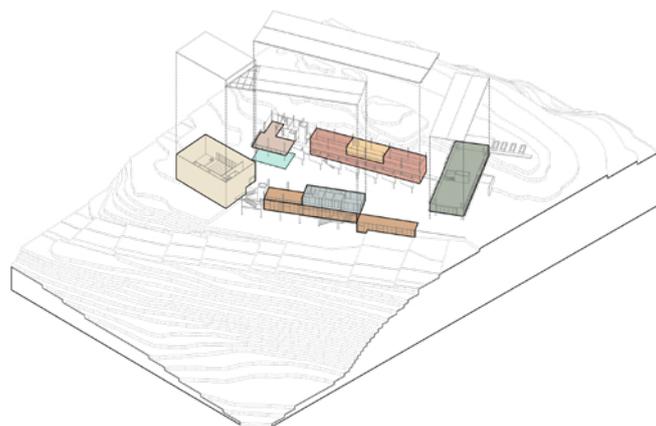


Imagem 12: Programa

A movimentação de terra foi necessária. Ela acomoda os edifícios, mas sobretudo libera a calçada e permite uma relação mais próxima com o espaço público. A implantação dos edifícios não está associada somente a topografia, mas também ao programa e a relação com o espaço público. A disposição do conjunto de edifícios sugere uma gradação: do mais público, da relação com a via e o vazio da praça, aos usos coletivos de menor escala, como por exemplo as oficinas externas, que ocorrem na cota 847.00.

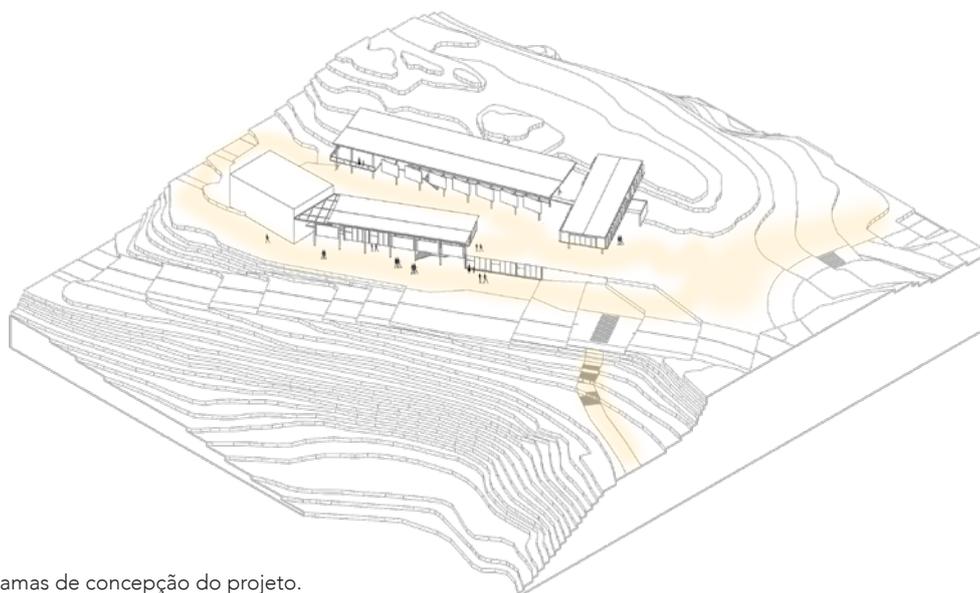
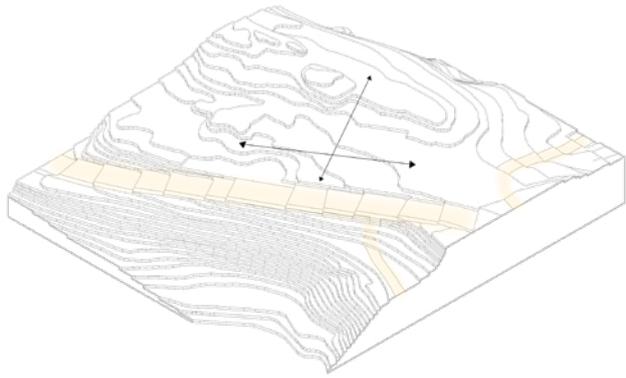
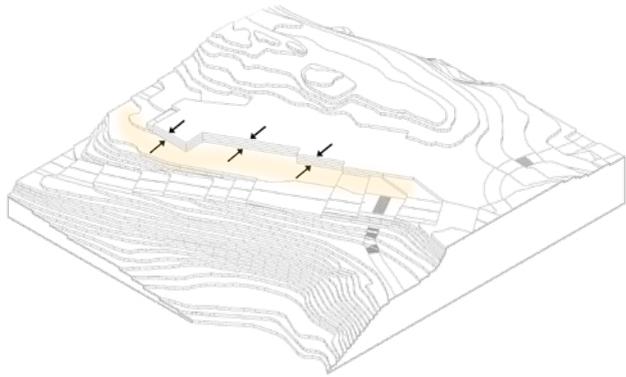


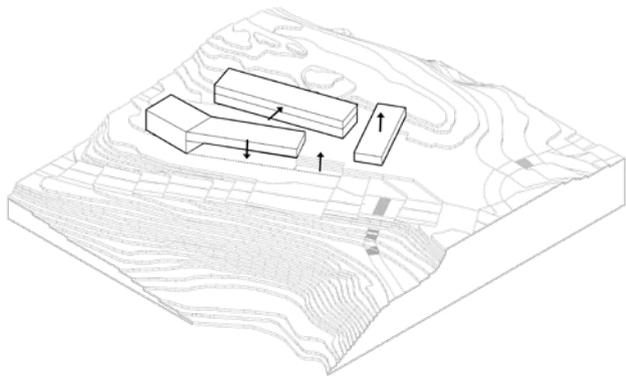
Imagem 13: Diagramas de concepção do projeto.



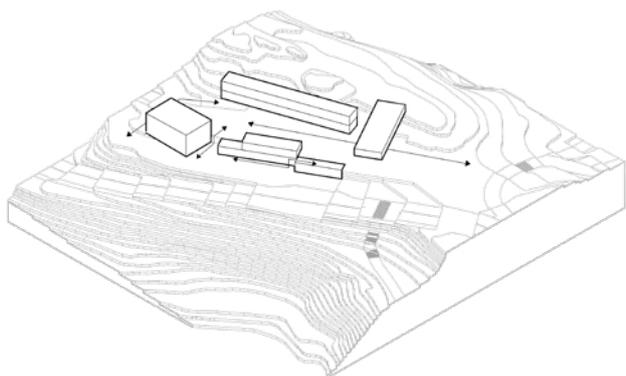
a. Terreno original e proposta de novos fluxos. Conexão sentido leste-oeste e norte-sul.



b. Alteração da topografia decorrente da proposta de projeto, considerando os fluxos e espaço público.



c. Disposição dos edifícios conformando a conexão entre o pátio e a praça + fachada ativa na via do Arco.



d. Edifícios implantados: permeabilidade entre cheios e vazios.

Imagem 14: Diagramas de concepção do projeto.



Imagem 15



Imagem 16



Nota: Este material é um resumo daquele apresentado como Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em Dezembro de 2020, sob orientação do professor Ms. Claudio Manetti. Para ter acesso ao trabalho completo do TFG Urbano acesse o QR code.



# COMPLEXO FERROVIÁRIO ARTÍSTICO E CULTURAL DE CAMPINAS - SP

A incorporação do Restauro Crítico e da Pura Conservação na arquitetura campineira. Um projeto de restauro para lembrar e reavivar a história da FEPASA e sobretudo da arquitetura do ferro associada com novas proposições contemporâneas, valendo-se do edifício da Rotunda + Anexos como base do estudo.

Caio Rodrigues Ramos 6º semestre;  
Erik José da Silva 6º semestre; Gabriel Uirá Correia  
Fernandez 6º semestre; Rodrigo Issao Miyashiro 6º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## INSERÇÃO

O projeto de Restauro Crítico e de Pura Conservação, desenvolvido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo PUC- Campinas para a disciplina de Projeto F, tem como área de estudo a antiga estação ferroviária de Campinas, FEPASA. Onde na cidade a qualificação espacial se dá pela formulação da permeabilidade e da categorização de múltiplos usos, ao pátio e aos edifícios que são patrimônio histórico tombado.

Para esse projeto foram consideradas e incorporadas as questões sustentáveis, preexistências edificadas e topográficas, a técnica construtiva, a urbanidade, a forma e a história contada através do espaço. Além de mecanismos também urbanos que busquem integrar a Vila Industrial ao Centro da cidade

por meio dos fluxos gerados pela abertura do complexo, a fim de criar uma cidade cada vez mais universal e compartilhada.

Dentre todos os edifícios tombados existentes no complexo, para a realização do projeto optou-se pela escolha da Rotunda, um edifício de forma singular que se destaca em relação aos outros, sendo assim seria possível extrair da forma desse edifício toda a lógica para a organização dos espaços livres e dos percursos peatonais dentro da FEPASA.



Imagem 1: Fluxograma - FEPASA e o centro de Campinas

## O COMPLEXO E A CIDADE

A cidade de Campinas por suas multifuncionalidades exerce a função de metrópole, que por décadas transformou-se em um equipamento ímpar, que além de autossuficiente, fomenta demandas regionais e se coloca como um polo representativo em escala nacional. Porém, a constituição de espaços livres no centro da cidade, que representem um caráter histórico necessário se mostra escassa, com edifícios que deveriam contar a história da cidade e do patrimônio arquitetônico, e mesmo que tombados, ainda pouco

se fala sobre sua importância, e menos sobre caminhos para revitalizar tais construções.

As diretrizes deste projeto buscam resgatar a história da FEPASA e reafirmar seu caráter metropolitano. A ausência de perímetros e muros somada a criação de praças foi uma forma de concretizar a questão da permanência, fazendo com que o complexo deixe de ser apenas um local de passagem. Desta forma, criou-se a partir da necessidade de um ambiente onde as pessoas olhassem ao seu redor e desfrutassem da sociabilidade, um desenho que incorpora os edifícios com um potencial cultural e artístico significativo de ser aproveitado, além das áreas de lazer e espaços livres de permanência.



Imagem 2: Implantação

## PARTIDO E PROGRAMA

A forma pura do radial em semicírculo da Rotunda, extrapola para além do seu desenho, contida em um pergolado que percorre em direção a Oficina Lemos.

Diante de todo o potencial que o complexo exerce na cidade de Campinas, para a área de estudo foi dada a Rotunda o programa de um Museu de importância regional e anexo ao mesmo duas Galerias de Arte e Cultura Contemporânea. Sendo elas divididas em duas partes, uma integrada a topografia da esquina de forma sutil gerando um pátio de ingresso e outro de forma mais robusta e maciça com leves movimentações, objetivando a

experiência espacial varada entre vãos, pé direito e desníveis.

A proposta definida para o edifício Rotunda, é um museu que preserva a história de toda FEPASA em determinado espaço, e de Campinas. Busca-se uma relação com o próprio radial do edifício com um dos principais eixos de circulação, que se forma ao leste do complexo. É pensado para que seja um espaço permanência sobre o mezanino onde uma pequena biblioteca será instalada.

No anexo proposto para as Galerias de Arte e Cultura, são setorizados espaços onde ocorrerão exposições de arte contemporânea de artistas locais, em dois volumes ligados por rampas e acoplados a Rotunda.

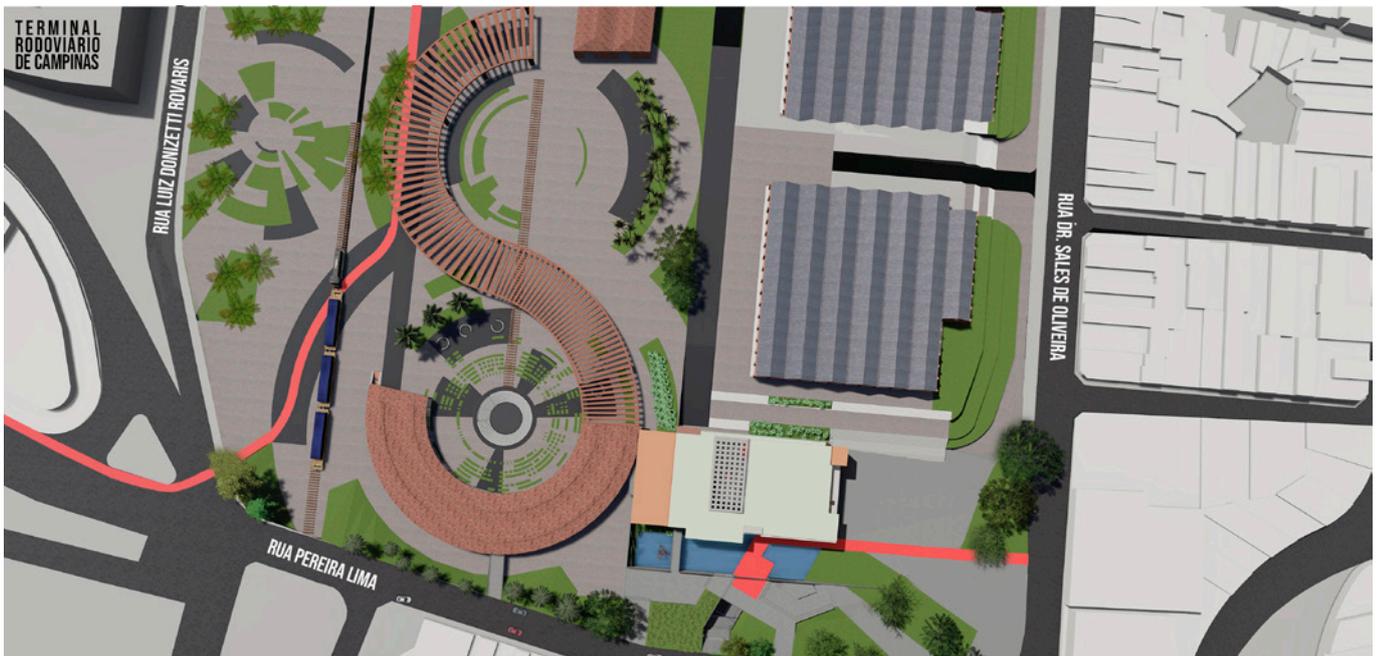


Imagem 3: Implantação da área de estudo

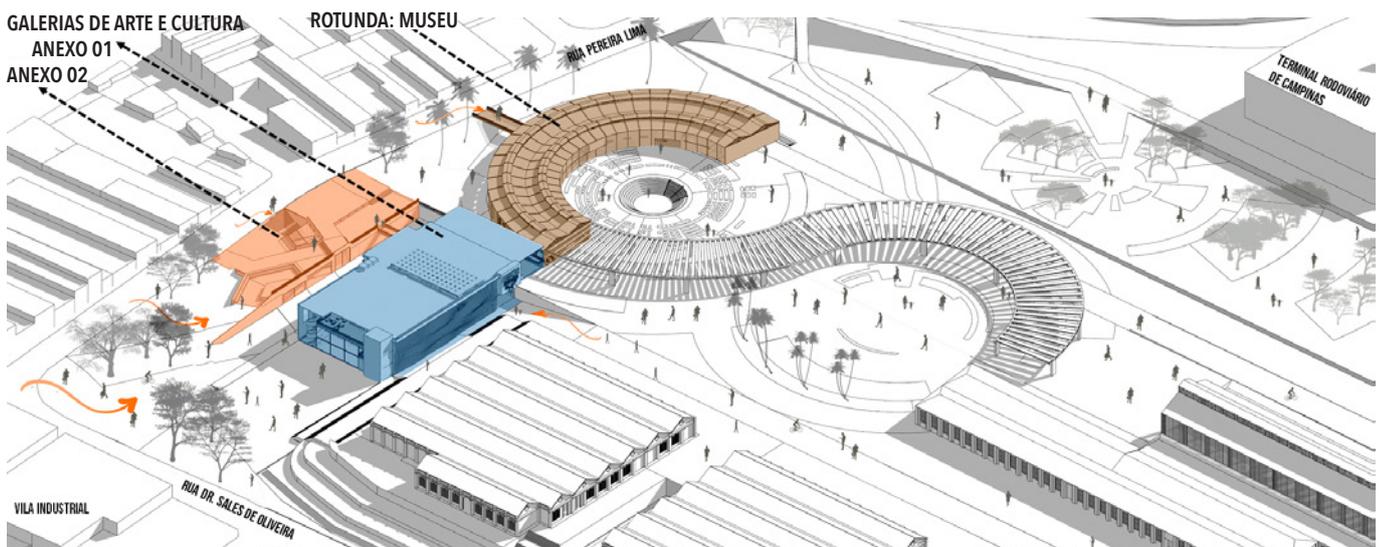


Imagem 4: Esquema fluxos da Rotunda e anexos

A implantação na esquina da Rua Dr. Sales de Oliveira se deu em resposta para um centro de fluxo intenso busca captar e conduzir os múltiplos fluxos por entre o projeto, se dando de forma a guiar no entorno para que adentre nas diferentes cotas

onde, já em sua relação, é possível transitar entre os anexos e a Rotunda, propondo um percurso, mas não impedindo a passagem que cruze o espaço, provendo vitalidade e segurança aos residentes e também os de passagem.

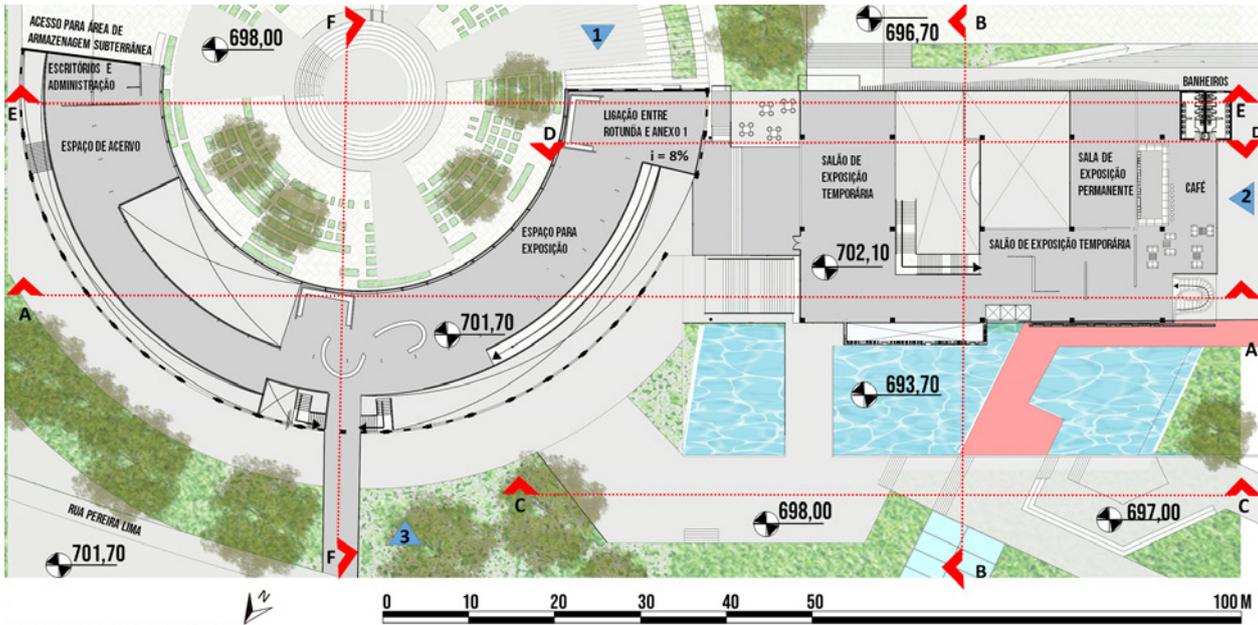


Imagem 5: Planta pavimento superior

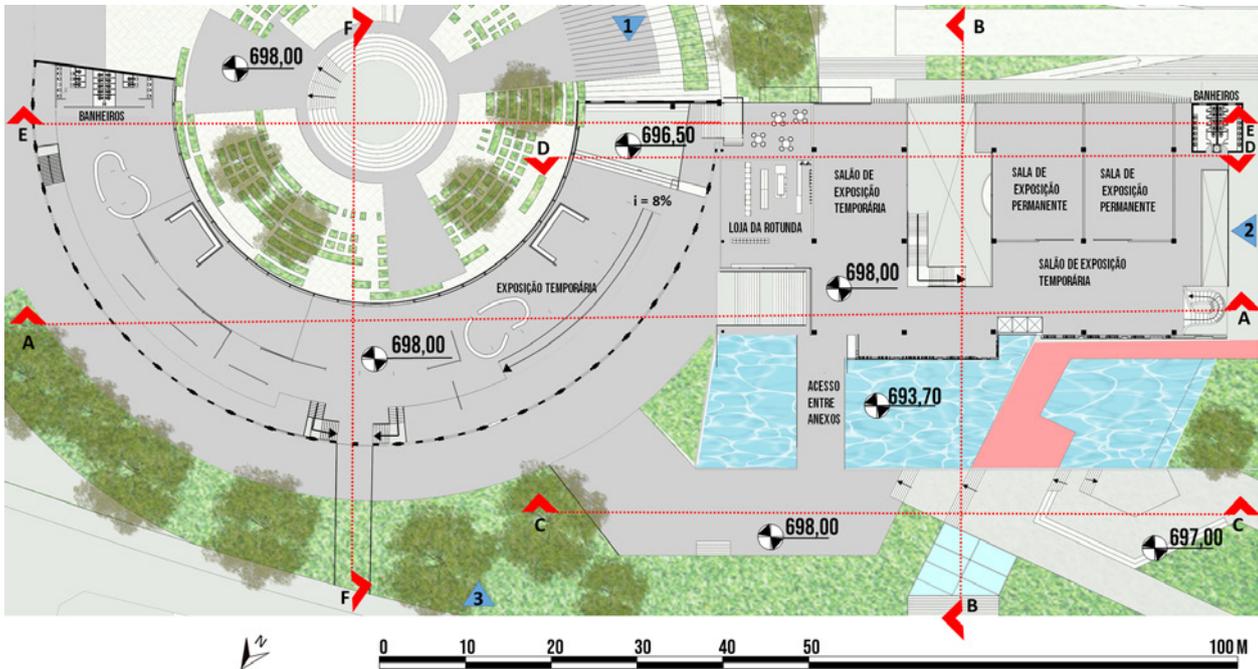


Imagem 6: Planta pavimento térreo

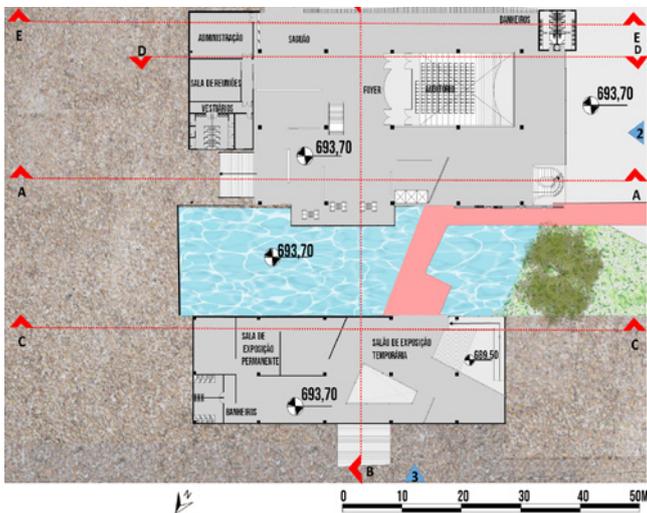


Imagem 7: Planta pavimento subsolo 01

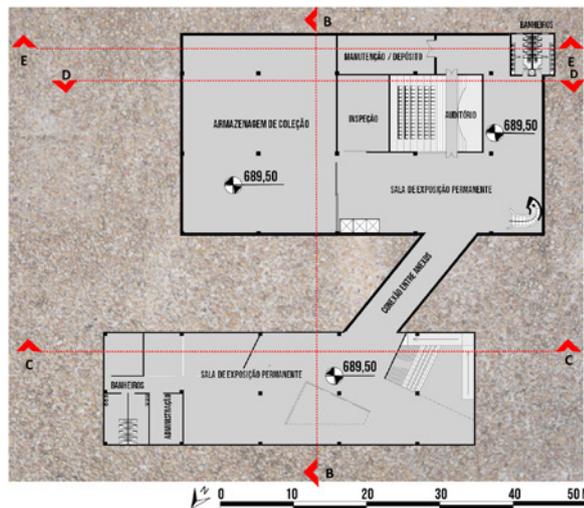


Imagem 8: Planta pavimento subsolo 02

ANEXOS

+

ROTUNDA

COBERTURA COM DOMOS

CAIXA DE ELEVADORES

CAIXA DE BANHEIROS

FACHADA RESTAURO CRÍTICO

ESCADAS CARACOL

ESCALA: ACESSO À RUA PEREIRA LIMA

PISO: ACESSO À RUA DR SALES DE OLIVEIRA

COBERTURA

701,70 - 702,10

PAV. SUPERIOR

698,00

PAV. TÉRREO

693,70

SUBSOLO I

ESCALA: ACESSO À ROTUNDA

BRISE PARAMÉTRICO

689,50

SUBSOLO II



Imagem 9: Esquema axonométrico Rotunda + anexos

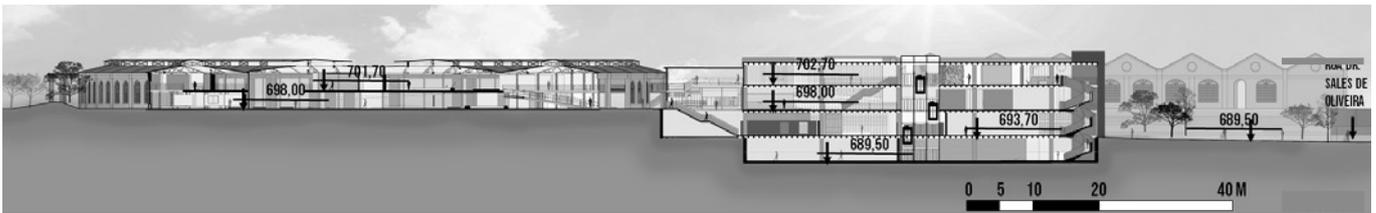


Imagem 10: Corte AA

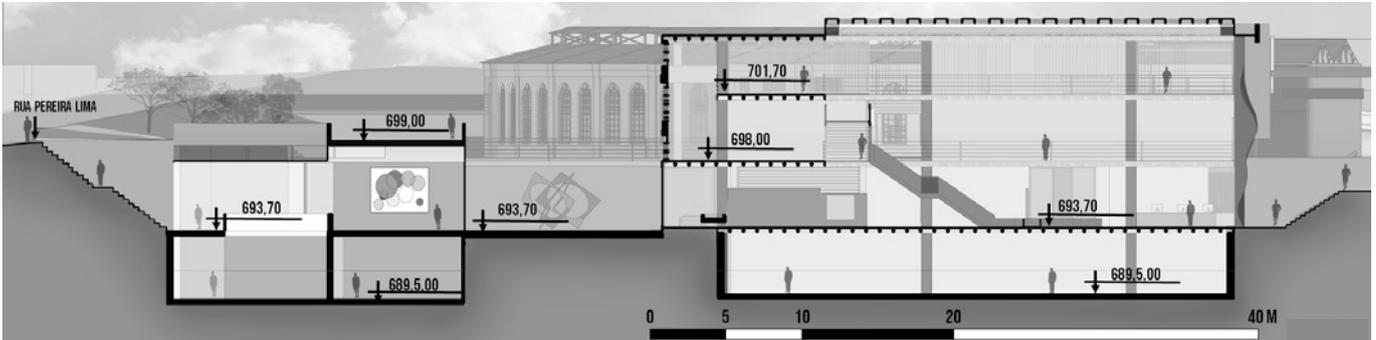


Imagem 11: Corte BB



Imagem 12: Corte CC

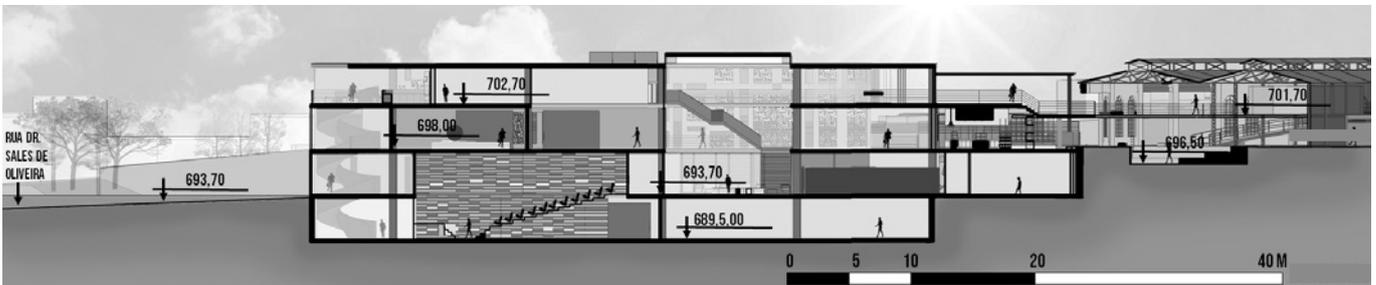


Imagem 13: Corte DD



Imagem 14: Corte EE

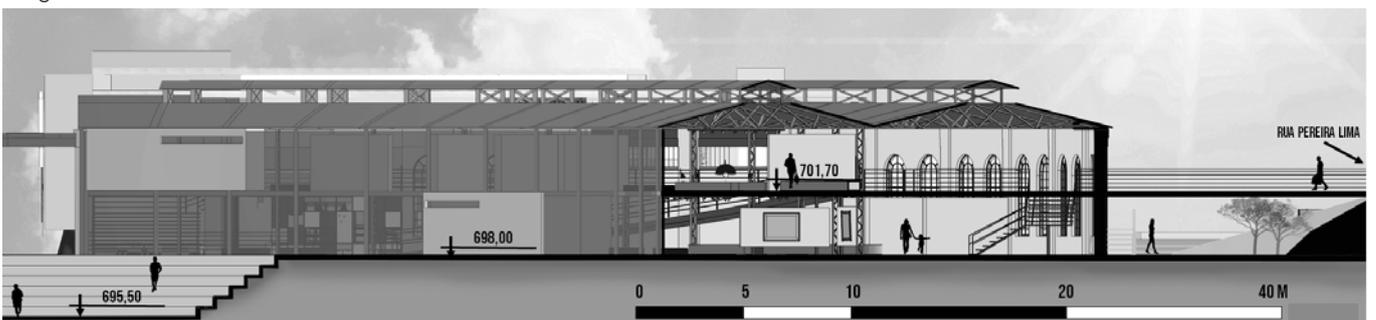


Imagem 15: Corte FF

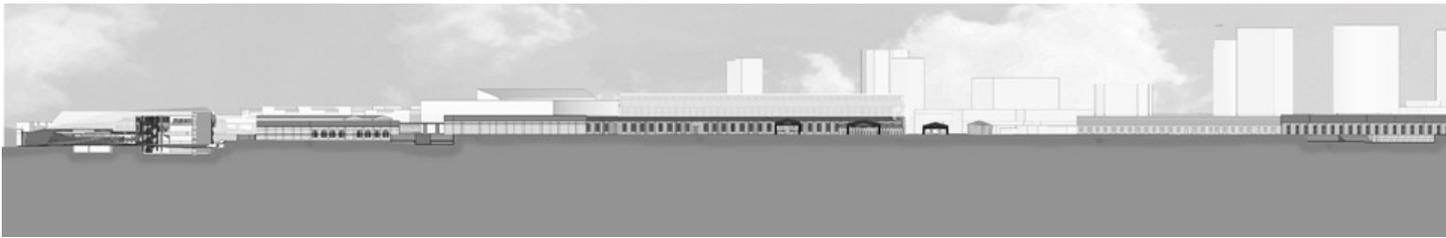


Imagem 16: Corte Longitudinal GG



Imagem 17: Elevação 1



Imagem 18: Elevação 2



Imagem 19: Elevação 3

## SOBRE A CRÍTICA CONSTRUTIVA

A crítica construtiva feita no novo anexo ao edifício da Rotunda, compreende o rigor e a organização do preexistente feito de forma saudosista, e se apropria disso para criar um esquema movimentado que se desintegra e desfaz aprimorando a linguagem arquitetônica

contemporânea. O desenho dos cobogós refletem a forma de todo complexo, teoricamente representando o círculo contido, o círculo desconstruído, o ortogonal em transição paralelo ao orgânico e a forma pura do triângulo nas linhas retas.

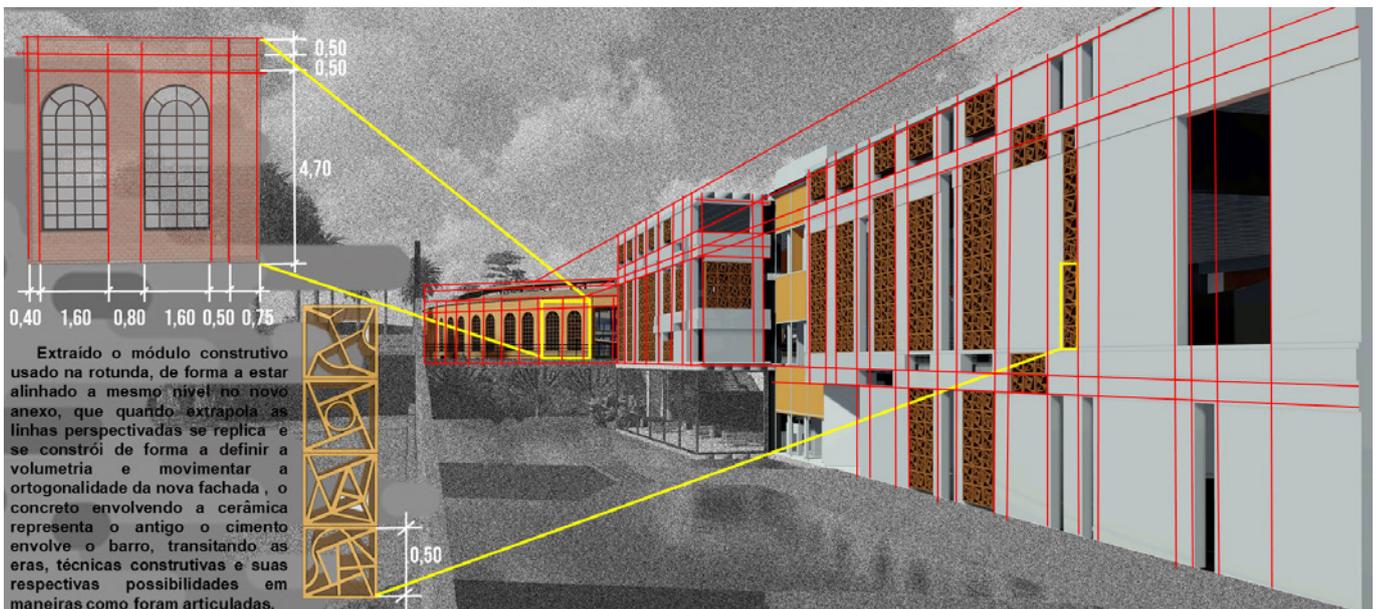


Imagem 20: Fachada rítmica sob a ótica da crítica construtiva

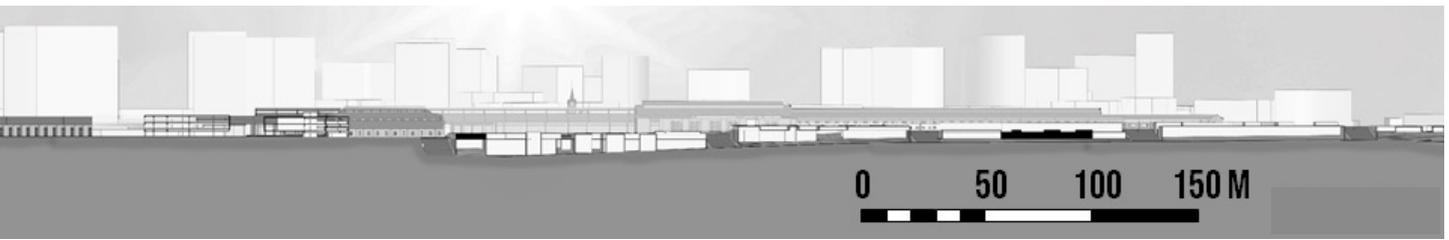


Imagem 21: Entrada no no complexo pela Rua Dr. Sales de Oliveira



Imagem 22: Sistema de espaços livres e de convivência paralelos a Rotunda

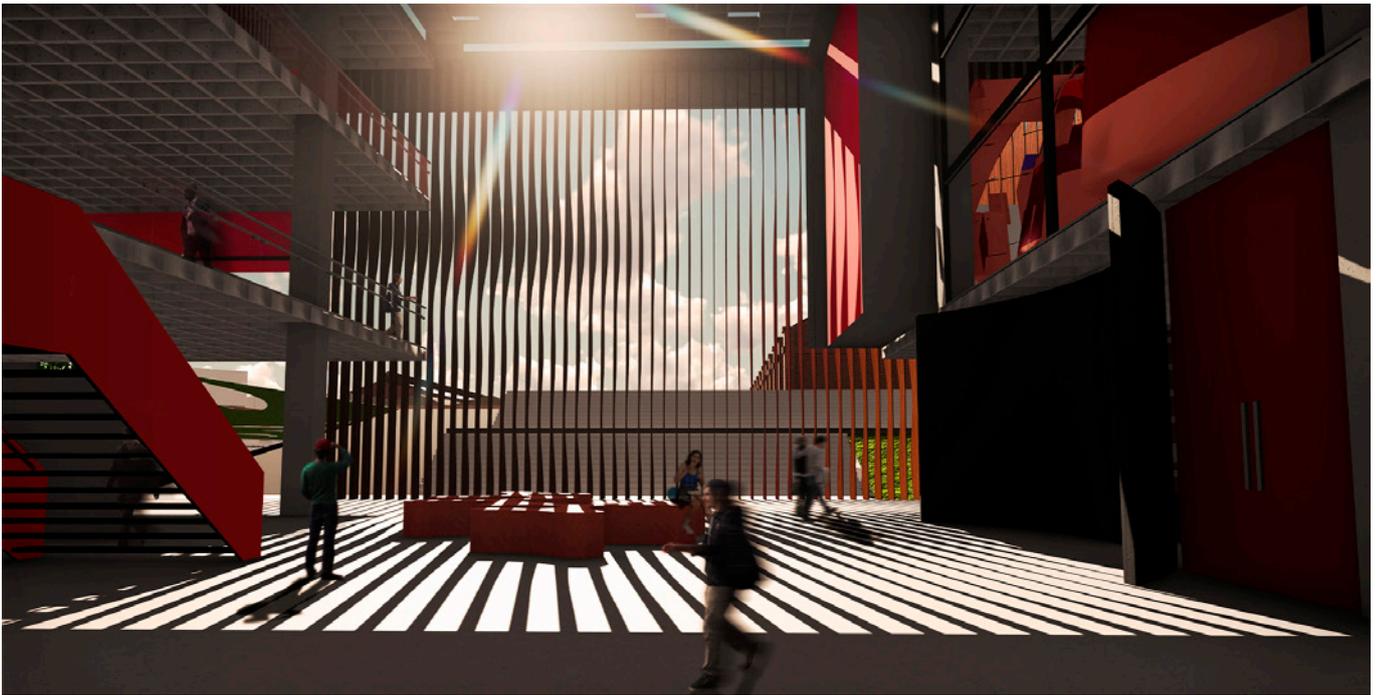


Imagem 23: Perspectiva interna - Galeria de Arte Contemporânea 01



Imagem 24: Perspectiva interna - Galeria de Arte Contemporânea 01



Imagem 25: Perspectiva interna - Galeria de Arte Contemporânea 01



Imagem 26: Perspectiva interna - Conexão entre galerias de arte por meio da passarela



Imagem 27: Perspectiva interna - Nova construção em paralelo a Rotunda

# UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE RENASCER

Trabalho produzido na disciplina Projeto G  
Carla Monara 8º semestre; Gabrieli Cavalari 8º semestre;  
Helena Dal Bianco 8º semestre; Julhia Bernardo 8º semestre;  
Leonardo Martins 8º semestre; Lilyan Laurenne 8º semestre;  
Vitória Quitério Cappello 8º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## MEMORIAL

Visando atender ao programa de Unidade Básica de Saúde direcionado ao atendimento de uma ESF, Equipe de Saúde da Família, o projeto explora o método da industrialização na construção por meio da técnica de argamassa armada.

O edifício conta com 900m<sup>2</sup> de área total construída, partindo de um módulo mínimo de estabilidade de ciclo fechado, isto é, os elementos construtivos cumprem mais de uma função, sendo a viga, também calha; os pilares, também condutores de

água pluvial; e a cobertura, por meio dos sheds, torna-se uma abertura, contribuindo na iluminação e ventilação natural. As peças em argamassa armada que compõem o módulo, possuem escala acessível à construção manual, permitindo a racionalização e modulação do espaço, e prevendo a adaptação da edificação perante necessidades de ampliação e diferentes contextos de implantação, sem prejudicar a qualidade arquitetônica do projeto inicial.



Imagem 1: Entrada da UBS

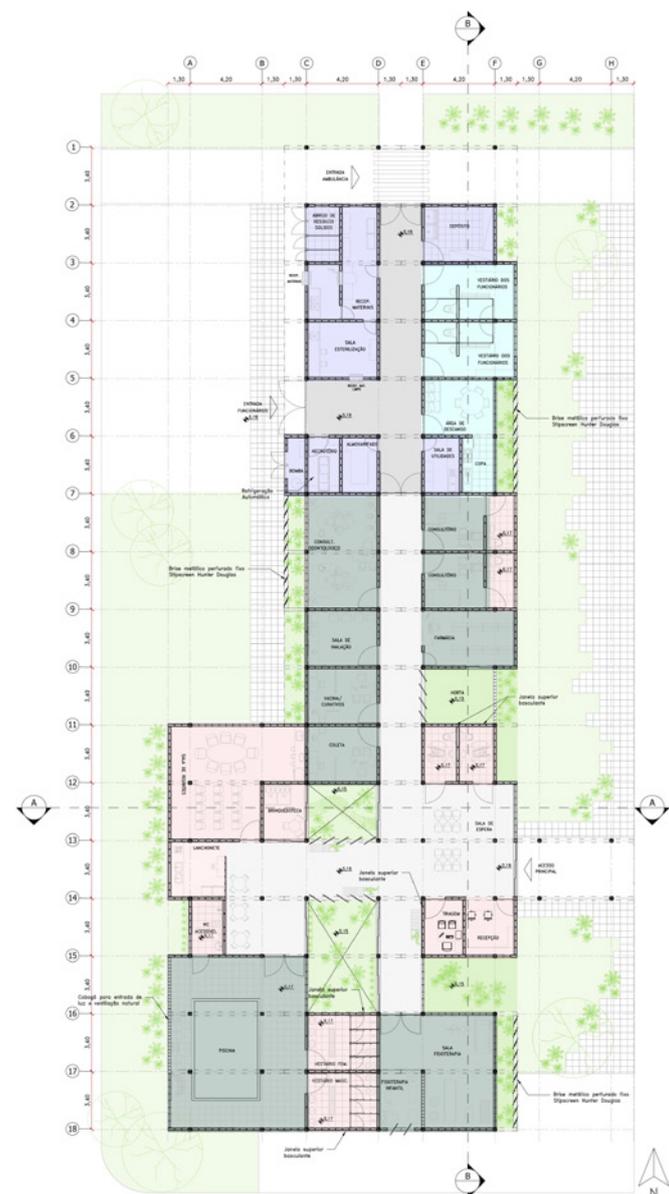


Imagem 2: Planta térreo

O programa, bem como sua setorização, buscam a humanização dos espaços, os tornando acolhedores, a partir da relação interior e exterior, o qualificando com conforto térmico e acústico, e garantindo a acessibilidade universal. Além dos usos básicos previstos no Manual de Estrutura Física das UBS, o projeto apresenta um programa de apoio complementar, contando com espaço para palestras e campanhas de conscientização, horta medicinal e farmácia, salas de fisioterapia, piscina e brinquedoteca para tratamentos alternativos, com o objetivo de proporcionar um equipamento social de qualidade e cuidado para com seus usuários.



Imagem 3: Vista interna do consultório

- Atendimentos
- Apoio aos usuários
- Apoio aos funcionários
- Suporte de serviços
- Acesso livre
- Acesso restrito aos funcionários
- Jardins/Áreas verdes

## MÓDULO MÍNIMO

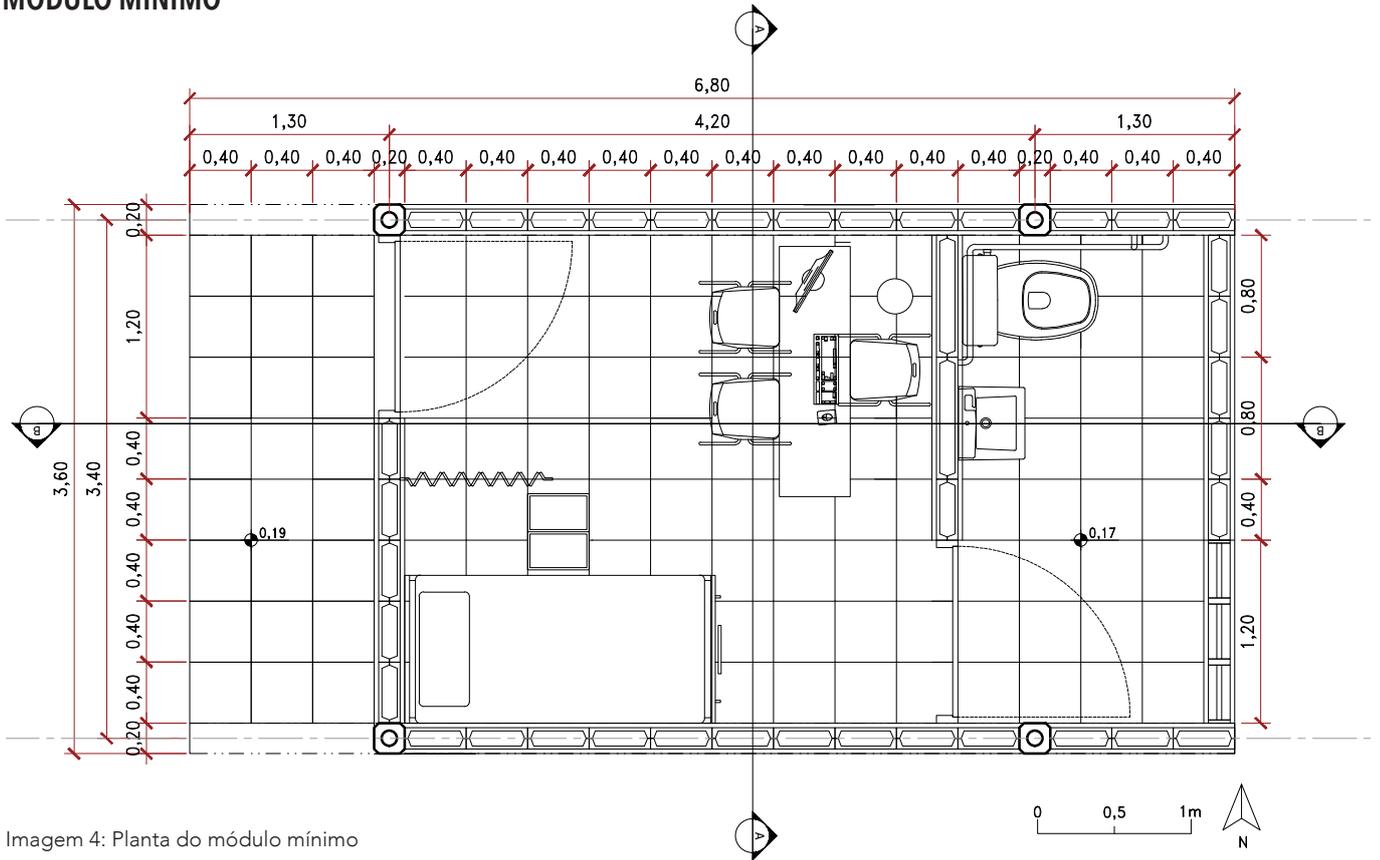


Imagem 4: Planta do módulo mínimo

## DETALHAMENTOS

### Shed + Capa Telha + Laje

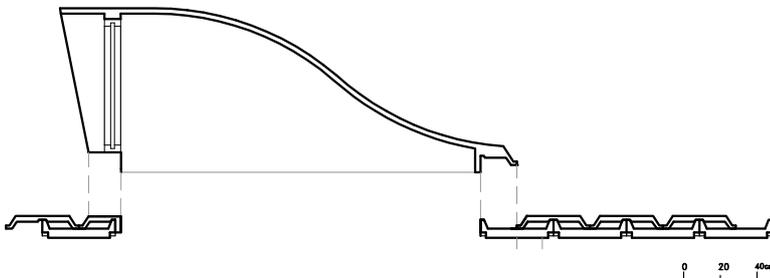


Imagem 6: Detalhamento

### Capa Telha + Laje

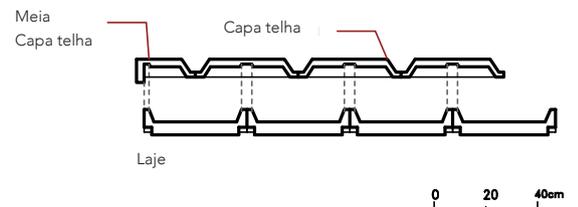


Imagem 7: Detalhamento

### Caixa d'água + Viga + Painel

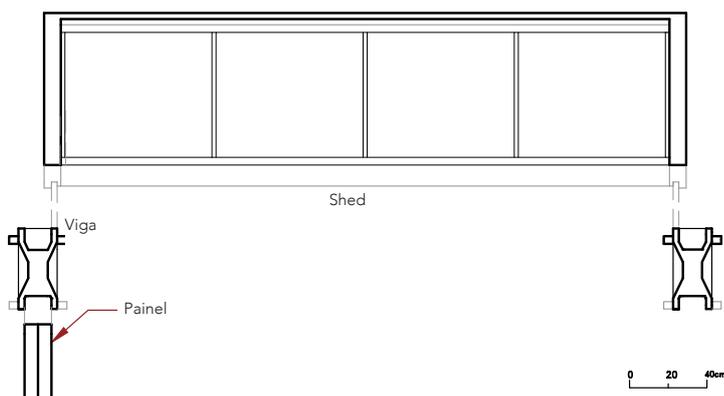


Imagem 8: Detalhamento

### Caixa d'água + Painel Hidráulico

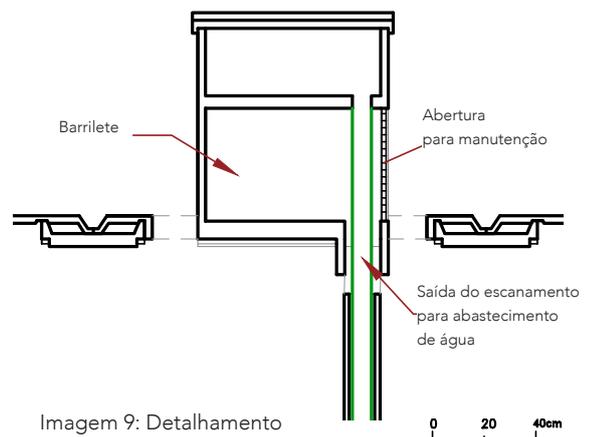


Imagem 9: Detalhamento

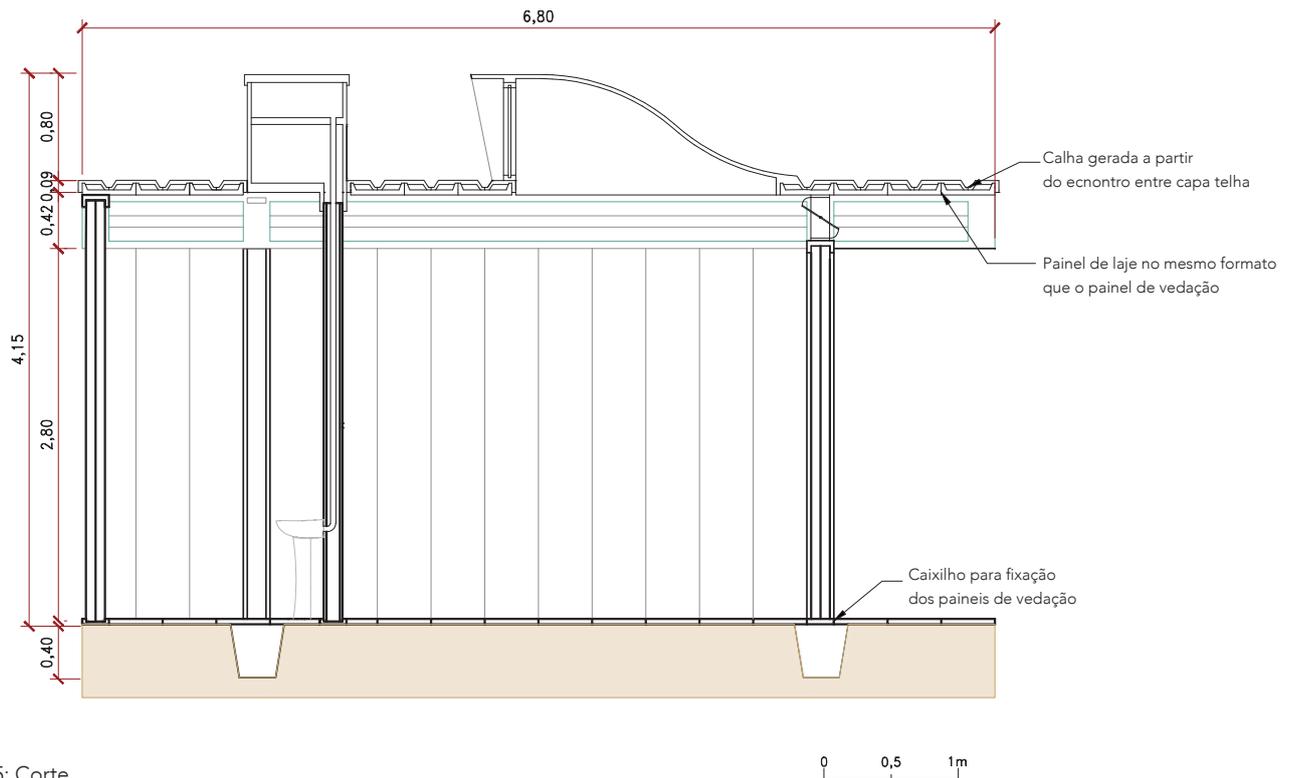


Imagem 5: Corte

### Laje + Viga + Pilar

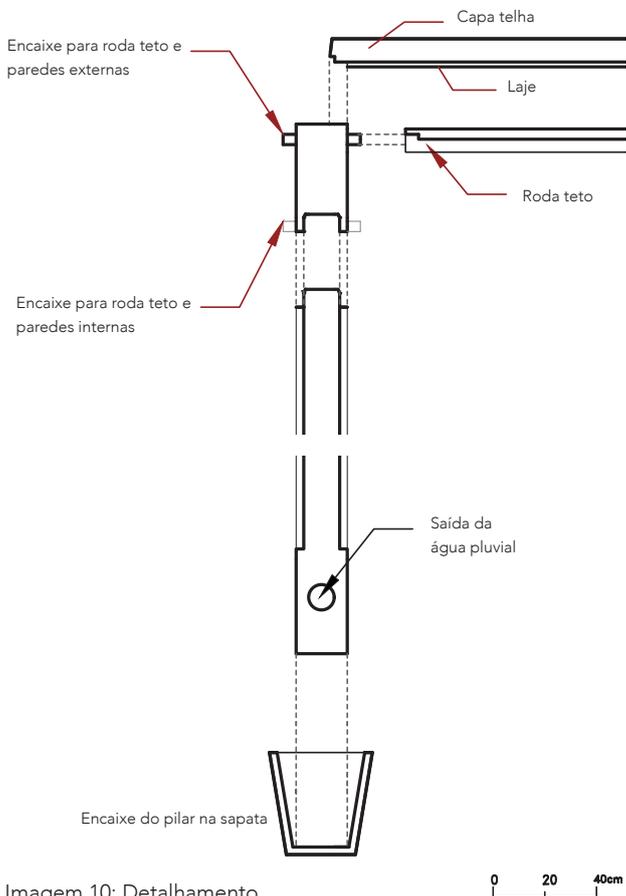


Imagem 10: Detalhamento

### Janela + Painel

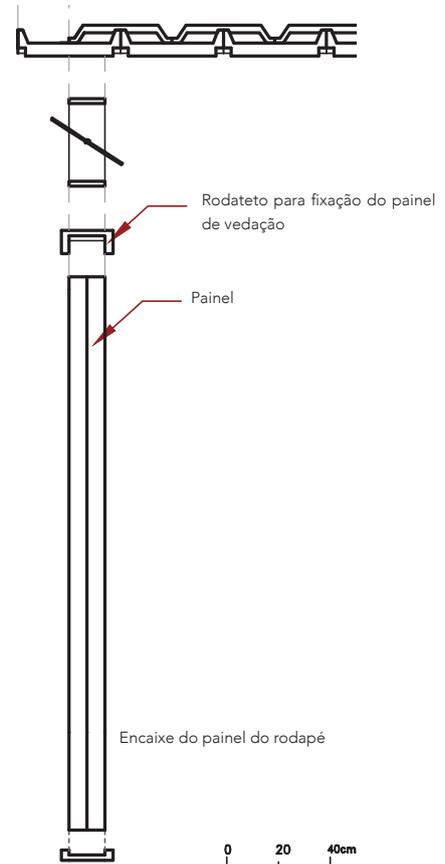


Imagem 11: Detalhamento

# PROCESSO DE MONTAGEM

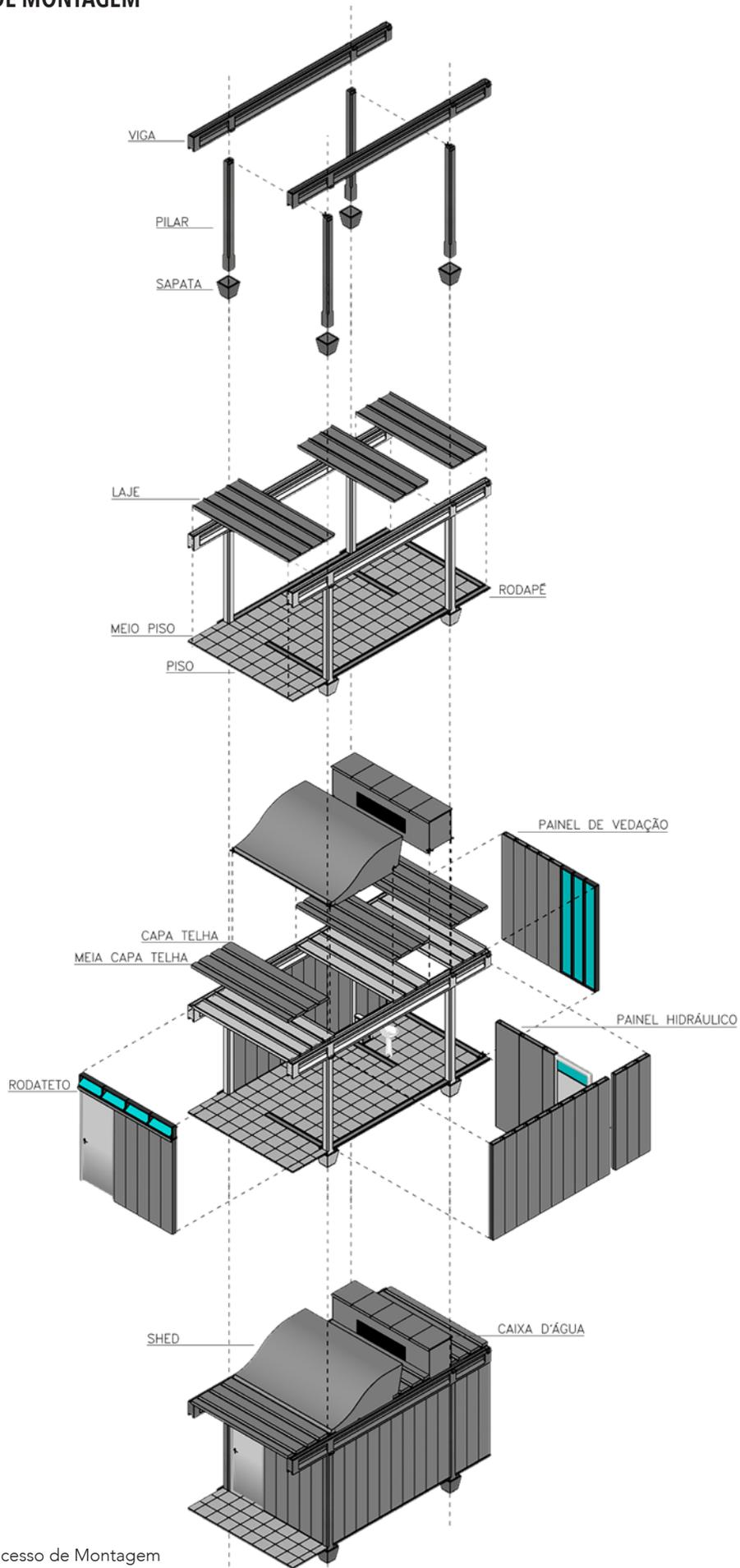


Imagem 12: Processo de Montagem



Imagem 13: Corredor Interno



Imagem 14: Área da piscina para aulas e fisioterapia.

# MUSEU INTINERANTE

Proposta para o concurso Museu da Democracia. Traz uma crítica a maneira com que tratamos a democracia e a arquitetura.

Carolina Mescollotto Moretti 7º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## INTRODUÇÃO

Descrição do Projeto: Museu Itinerante

Segundo o dicionário Michaelis,

**Mu.seu. sm.** 3. Instituição onde se expõem obras de arte e objetos de cunho científico ou histórico.

**De.mo.cra.cia. sm.** 4. Forma de governo que tem o compromisso de promover a igualdade entre os cidadãos.

sm. 5. Sistema político influenciado pela vontade popular e que tem por obrigação distribuir o poder equivalente entre os cidadãos, assim como controlar a autoridade de seus representantes.

Analisando os significados das duas palavras, podemos nos perguntar:

## MUSEU, UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO?

Como ensinar e passar a democracia a todos se um Museu não é um espaço para todos, se na maioria, suas arquiteturas monumentais são **barreiras** físicas, que definem as classes que são pertencentes ao **lugar**, das classes que ali não se sentem bem-vindas, a começar pela sua inserção urbana, onde estão localizados os museus nas grandes cidades? Quem é o público alvo? Como escolher apenas um local para ensinar a democracia, se é um direito de todos? A terminar pela própria arquitetura grandiosa em si. Como tratamos a memória, a democracia e a arquitetura juntamente no nosso país? Esses são alguns questionamentos que devemos rever como cidadãos e que podemos mudar como arquitetos e urbanistas.



Imagem 1: Itinerário

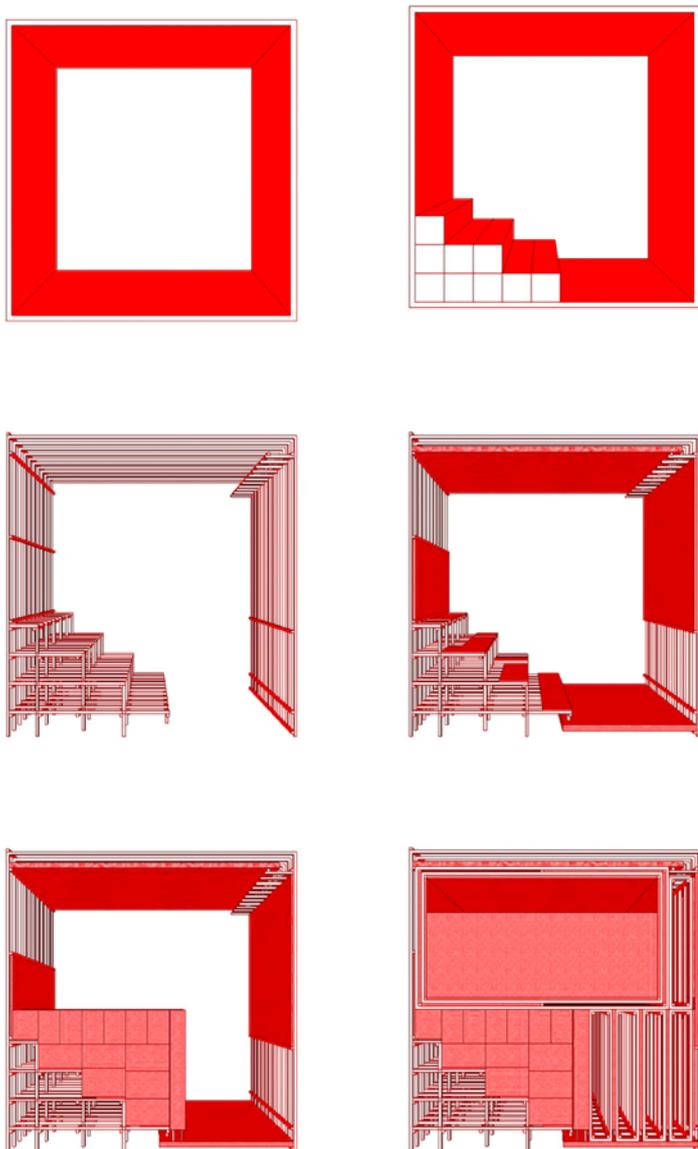


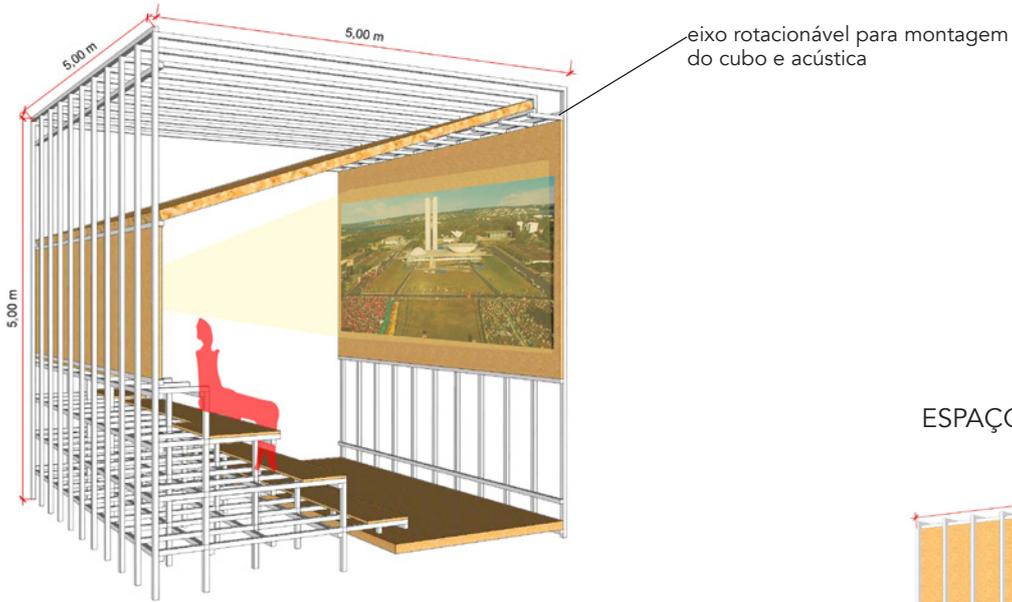
Imagem 2: Diagrama de evolução conceitual

A democracia precisa ir aonde o povo está, assim como a informação, as diversas culturas e suas histórias, para que se crie aos poucos a consciência do passado, e se ensine o questionamento do futuro. Por isso, o Museu Itinerante deve viajar por todo o território brasileiro, sobretudo nos locais onde há grande fluxo de diferentes tipos de pessoas, como por exemplo, praças públicas, lugares que são marcos de manifestações, vazios urbanos, rodoviárias e estações de metrô e trem. Levando uma leitura diferente à sociedade, desde o momento em que ocupa o espaço público, o transforma e o qualifica, abraçando e abrigando quem ali passa e queira fazer parte da nova história, até o seu conteúdo exibido e disponível, para que todos possam ver, ler, ouvir e acima de tudo sentir. Além de inspirar pequenas atitudes cotidianas que possam ajudar no coletivo.

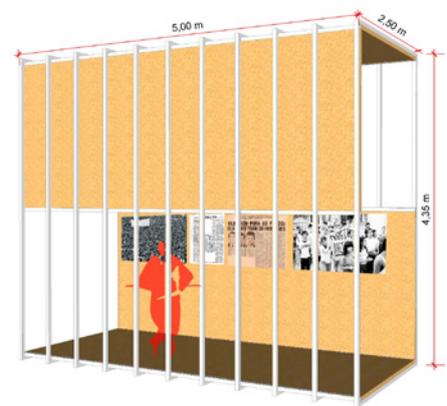


Imagem 3: Locomoção

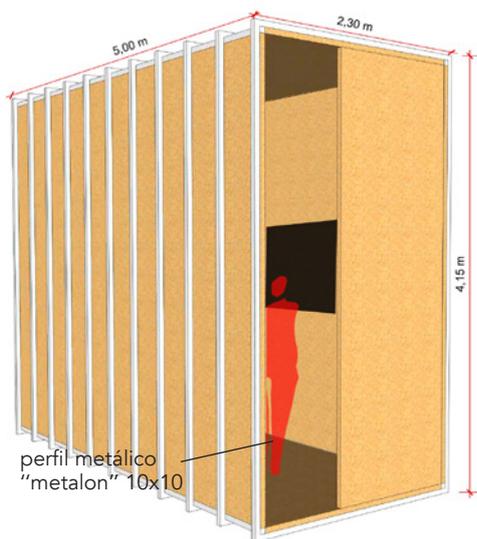
### MINI AUDITÓRIO (1)



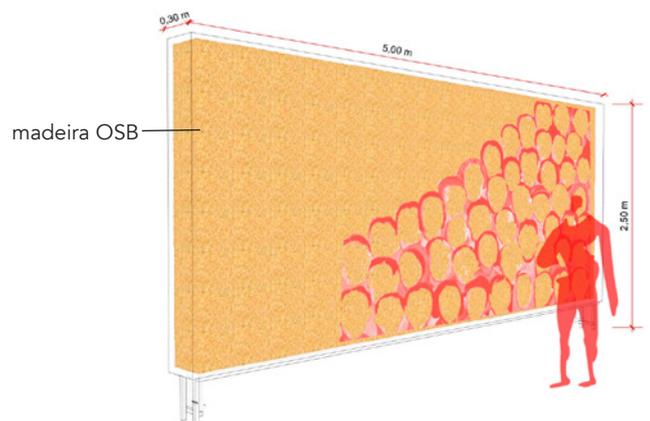
### ESPAÇO SEMIABERTO (2)



### ESPAÇO FECHADO (3)



### PLACA HORIZONTAL (4)



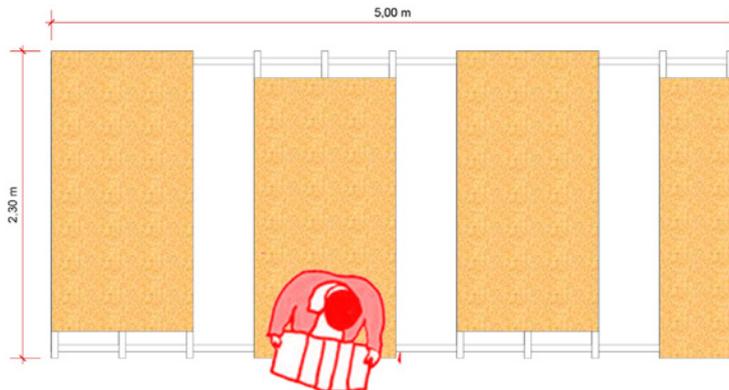
PLACA VERTICAL (5)  
TIPO



O Museu consiste em um grande cubo de 5x5x5m que se desmonta e se desdobra no espaço, trazendo em si, mobiliários urbanos que cumpram o programa de necessidades, entre eles um mini auditório (1) para exibir imagens, documentários e podendo servir para possíveis encontros e reuniões; um espaço semiaberto (2) para informativos gerais a respeito da democracia, que possam ensinar de maneira clara atos democráticos e antidemocráticos do cotidiano; um espaço fechado (3) para exposições simples e didáticas que possam mostrar de maneira clara e linguagem acessível documentos da comissão nacional da verdade; uma placa horizontal (4) em memória dos mortos e desaparecidos; vinte e seis placas verticais (5), cada uma representando um estado brasileiro e trazendo consigo histórias antidemocráticas de cada lugar; e cinco bancos (6) para permanência.

Cada elemento tem um tamanho diferente e uma função diferente, mas quando se unem, são apenas um, representados na forma mais pura da natureza, viajando e tentando encontrar seu lugar no espaço, assim como nós.

BANCO (6)  
TIPO



“Esse é tempo de partido,  
Tempo de homens partidos.  
Em vão percorremos volumes,  
Viajamos e nos colorimos”

(Carlos Drummond de Andrade)

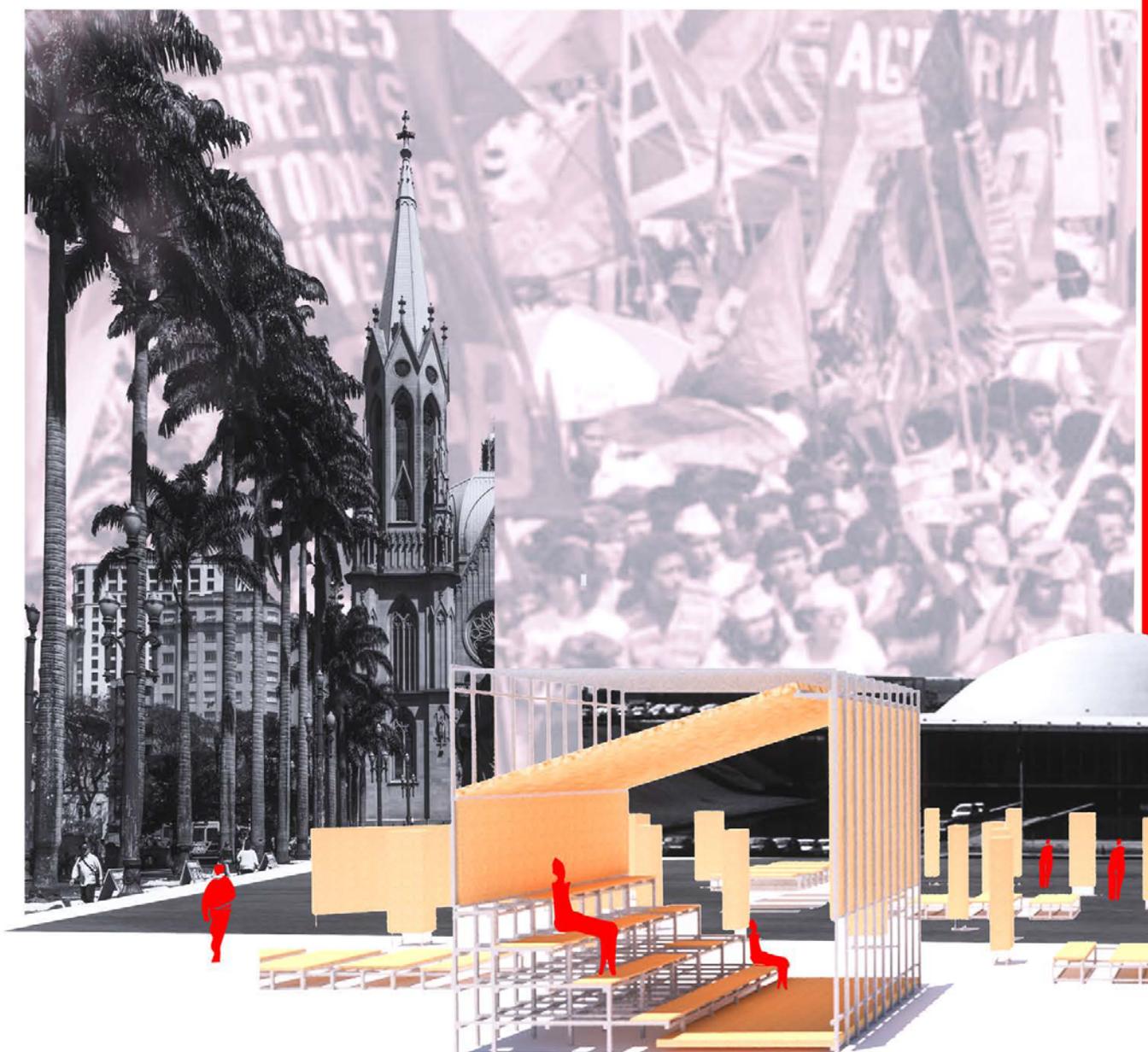
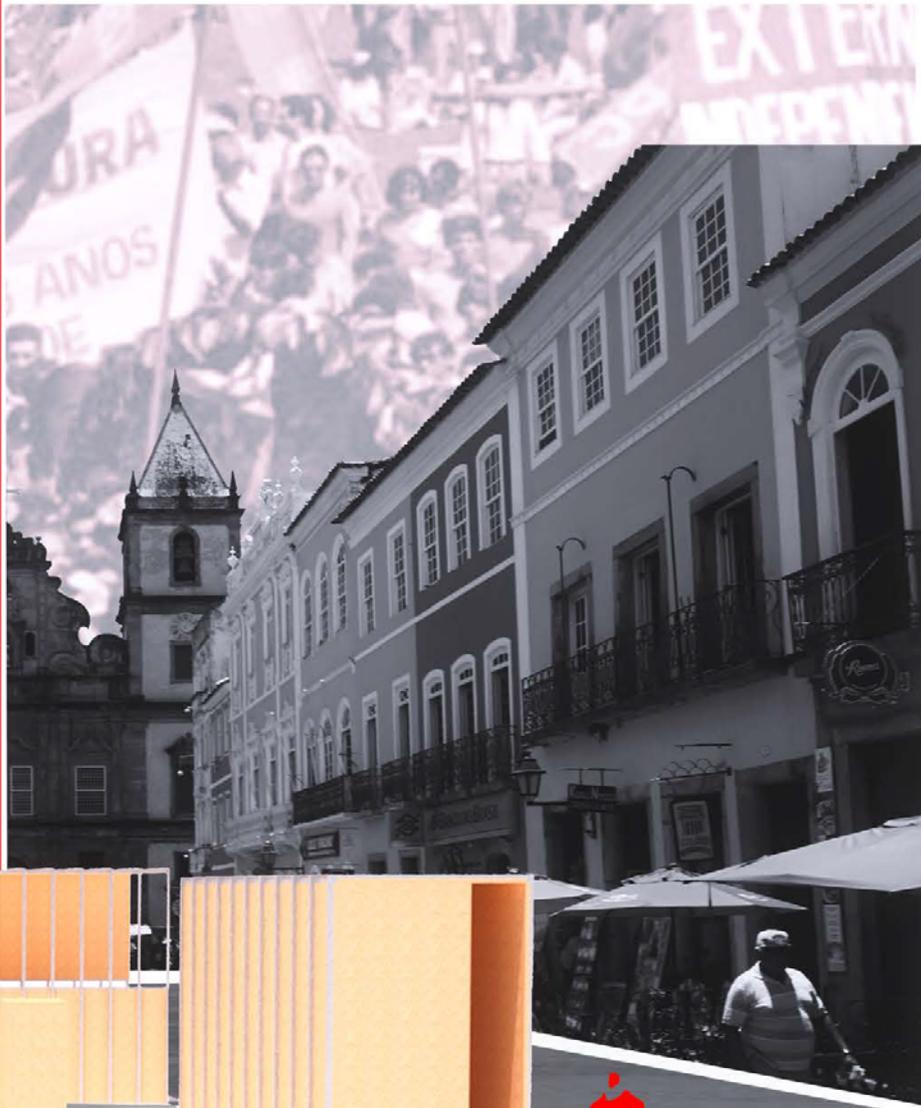


Imagem 5: Museu da Democracia



# QUADRA ABERTA DE USO MISTO

Trabalho desenvolvido na disciplina Projeto D  
Carla Monara 8º semestre; Helena Dal Bianco 8º semestre;  
Julhia Bernardo 8º semestre; Vitória Cappello 8º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

A disciplina de Projeto D busca desenvolver programas e partidos arquitetônicos, tendo como referência as diferentes matrizes do habitar contemporâneo, implantando-os na região central de Campinas, marcada pelo intenso adensamento populacional e construtivo. Dessa forma, com ruas e calçadas estreitas, acentua-se o estrangulamento das áreas públicas através das edificações existentes, as quais ocupam até os limites de recuo, e evidencia a ausência de espaços livres amplos e a alta taxa de impermeabilização do solo.

O projeto proposto para duas quadras, localizadas entre a Rua Marechal Deodoro e a Sacramento, explora o partido de atuar como um respiro em meio a tanta verticalização. Com a implantação de um térreo livre, com comércios e serviços de fachadas ativas e usos internos, o projeto conecta ambas as quadras e as requalifica, convidando os usuários a permearem pelo local, valendo-se da topografia existente e a relação com os níveis de acesso aos platôs do projeto. Para suprir a carência de áreas verdes permeáveis, o projeto opta por soluções paisagísticas, não apenas no térreo, mas também em tetos jardins, em busca de melhorias no conforto térmico do projeto e de seu entorno, além de auxiliar na redução de enchentes ao possibilitar maior permeabilidade das águas pluviais.

A área central de Campinas possui grande

potencial, porém nota-se má atribuição de usos, como pode se perceber pela frequente presença de estacionamentos. O que revela uma priorização do automóvel, ao invés de explorar a fluidez do espaço e a mobilidade do pedestre. O projeto coloca em primeiro lugar, o homem; atentando à coexistência do habitar e seus moradores nos grandes centros urbanos, com comércios, serviços e grande circulação de trabalhadores.

O centro, tradicionalmente, constitui um lugar muito movimentado durante o horário comercial, porém à noite as ruas se esvaziam, caracterizando-se como uma área insegura. A implantação de serviços no térreo, como restaurantes e bares, foi adotada com o propósito de induzir a circulação de pedestres também à noite, em busca de lazer, tornando-o um local seguro para os usuários ao desenvolver a vida noturna na região.

Observa-se que, predominantemente, os residentes do centro de Campinas são idosos, pequenas famílias, jovens estudantes, recém formados ou trabalhadores da própria região. Logo, os diversos usos propostos foram pensados em função das necessidades tanto dos moradores, quanto dos trabalhadores que usufruem do local, em busca de explorar a infraestrutura existente e viabilizando progressos na qualidade de vida dos mesmos. Tais usos são complementados através de diferentes tipologias residenciais e áreas de convivência, públicas e privadas, não convencionais.



Imagem 1: Vista do cruzamento da R. Marechal Deodoro com R. Sacramento.



Imagem 2: Térreo livre do edifício 1.



Imagem 3: Implantação 1:200

A partir dessa diversidade de usos e usuários, os edifícios foram pensados para contemplá-los através dos seguintes usos e tipologias:

Quadra 1:

- Edifício 1:
- Térreo de uso misto;
- Torre com 3 apartamentos por andar, com dois dormitórios e um banheiro cada: 2 unidades de 77m<sup>2</sup> e 1 de 100m<sup>2</sup>.

Quadra 2:

- Edifício Lâmina:
- Térreo de uso misto;

- Lâmina com 8 salas corporativas por andar com banheiro geral: 6 unidades de 50m<sup>2</sup>; 1 de 60m<sup>2</sup> e 1 de 90m<sup>2</sup>;

- Lâmina com 3 apartamentos por andar, com um dormitório e um banheiro cada: 45m<sup>2</sup>.

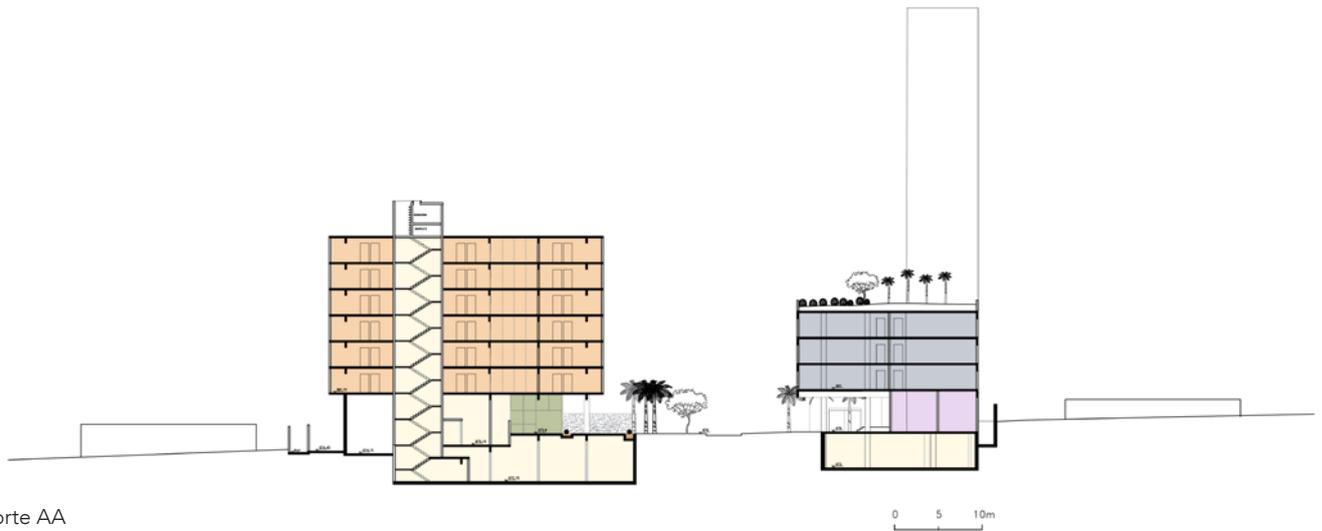
- Edifício U:

- Térreo de uso misto;

- Torre com 8 Lofts Duplex por andar, com um dormitório e um banheiro cada: 60m<sup>2</sup>;

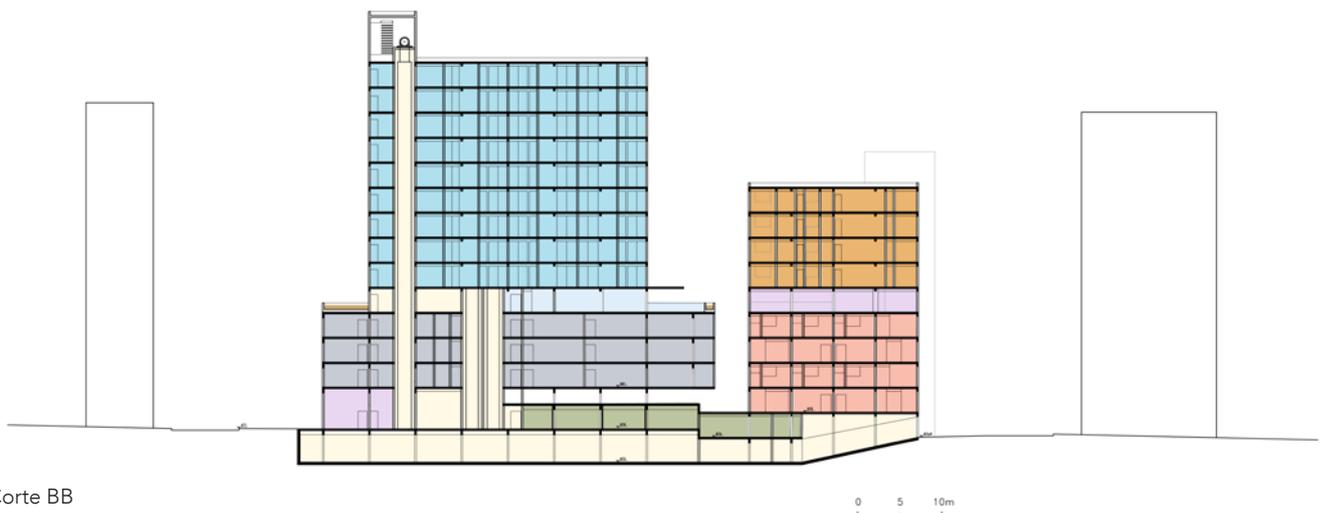
- Todos os Lofts com opção de mezanino e/ou de adaptação do primeiro pavimento para uso comercial;

- Meia torre com 2 apartamentos por andar, com dois dormitórios e um banheiro cada: 75m<sup>2</sup>.



Corte AA

|   |   |  |
|---|---|--|
|  Circulação              |  Lofts Duplex        |  Apto. 2 Dorms. Ed. 2 |
|  Uso comum dos moradores |  Acesso público      |  Apto. 2 Dorms. Ed. 1 |
|  Salas comerciais        |  Apto. 1 Dorm. Ed. 2 |  Comércio/Serviços    |

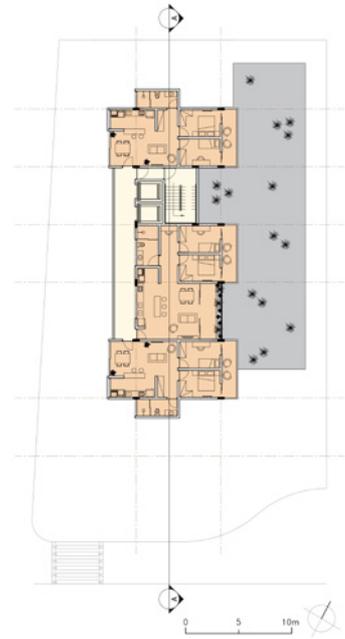


Corte BB



Pavimento Tipo 1º Pavimento  
Edifício Corporativo

Pavimento Tipo 1º Pavimento  
Loft



Pavimento Tipo Ed. 1  
Aptos 2 Dormitórios



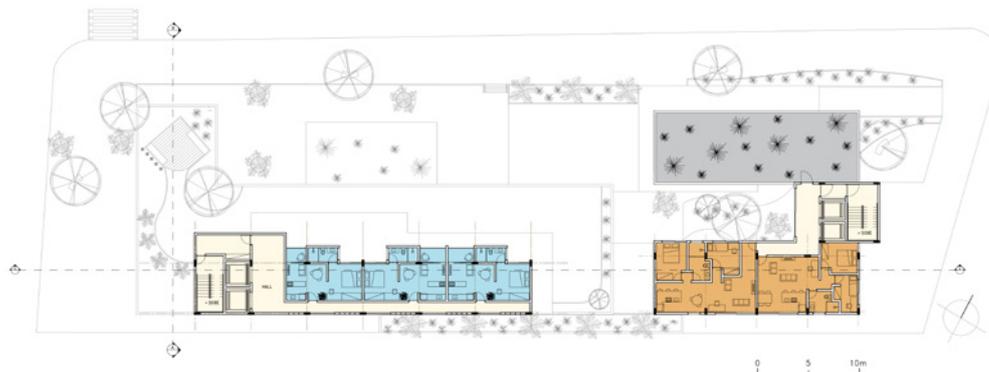
Pavimento Tipo 2º Pavimento  
Edifício Corporativo

Pavimento Tipo 2º Pavimento  
Loft



Terraço Acesso Público

Área Comum Privativa



Pavimento Tipo - Apartamentos  
1 Dormitório Ed. Lâmina

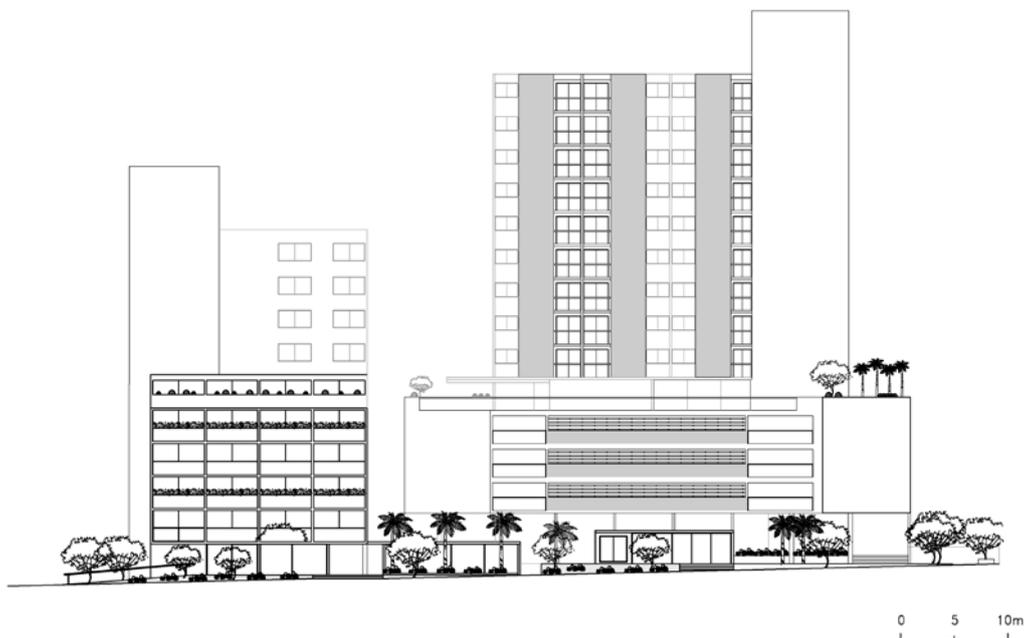
Pavimento Tipo - Apartamentos  
2 Dormitórios

- Circulação
- Uso comum dos moradores
- Salas comerciais
- Lofts Duplex
- Acesso público
- Apto. 1 Dorm. Ed. 2
- Apto. 2 Dorms. Ed. 2
- Apto. 2 Dorms. Ed. 1

Para a concepção dos pavimentos-tipos das torres habitacionais, todos os dormitórios foram posicionados em busca da insolação mais indicada. No Edifício 1 da Quadra 1, os dormitórios estão voltados para a fachada nordeste. Na quadra 2, no Edifício Lâmina, os quartos possuem aberturas na face noroeste, enquanto no Edifício U o estudo da insolação foi mais aprofundado. Para possibilitar essa tipologia num terreno relativamente estreito, foi determinado um número máximo de andares para o volume frontal do projeto, dessa forma, o restante da volumetria pôde crescer verticalmente com a insolação necessária. Nos primeiros quatro pisos do Ed. U, com a volumetria completa, foram propostos Lofts onde o acesso acontece pelo primeiro pavimento e, conectado através de uma escada caracol e sem a existência dos corredores,

o segundo pavimento abriga a área íntima e se abre para a face noroeste. A partir do sexto pavimento, com apenas a volumetria posterior, os dormitórios se voltam ora para face noroeste, ora para nordeste.

Quanto à incidência solar nos escritórios, os quais possuem aberturas voltadas à face noroeste, foram implantados brises horizontais que permitem a ventilação e a entrada parcial de luz, auxiliando no conforto térmico e visual no interior do edifício. Ademais, as salas dos escritórios foram dispostas na planta-tipo em função da criação de pátios internos, entre as salas e voltados para a rua, como uma forma de romper com a monotonia comum aos edifícios executivos, desenvolvendo um ambiente fluido para o convívio interno e estabelecendo uma relação com o entorno do projeto.



Elevação Nordeste (Edifício 2)



Elevação Sudoeste (Edifícios 1 e 2)



Imagem 3: Vista da quadra 2.



Imagem 4: Térreo livre do edifício lâmina e torre de lofts.

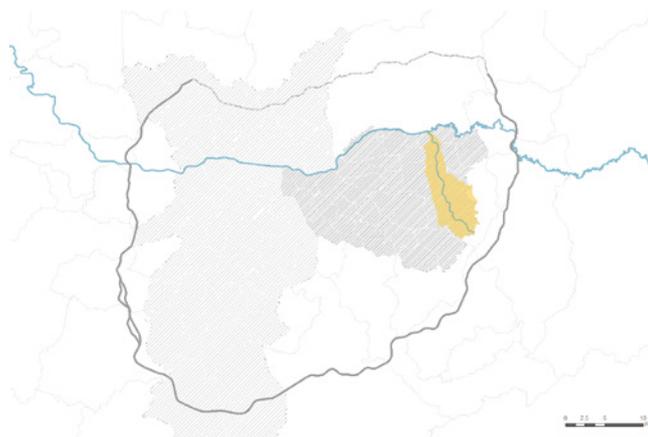
# IRRADIAÇÕES

Trabalho Final de Graduação  
Adriano Bueno de Godoy Junior, Arquiteto e Urbanista  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

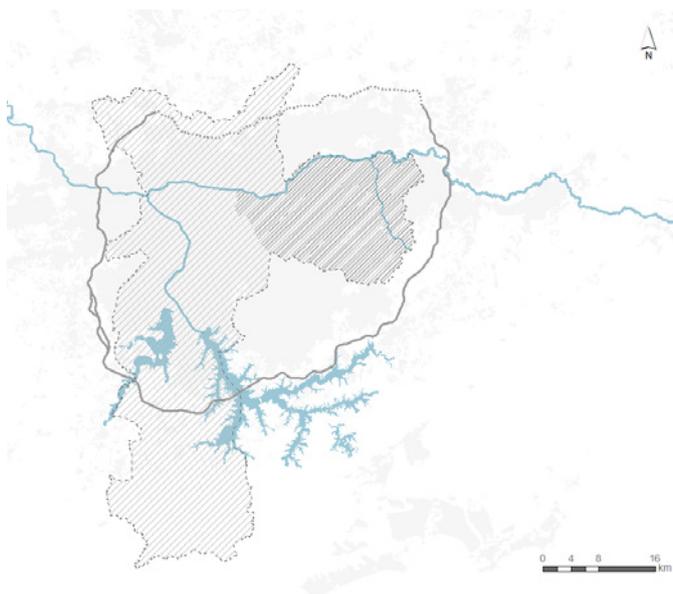
## APRESENTAÇÃO

Este trabalho se vale do pretexto de dois projetos propostos pelo Poder Público: uma linha de monotrilho e dois corredores de ônibus, para pensar um Projeto de Intervenção Urbana nos arredores do Terminal de Ônibus Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo.

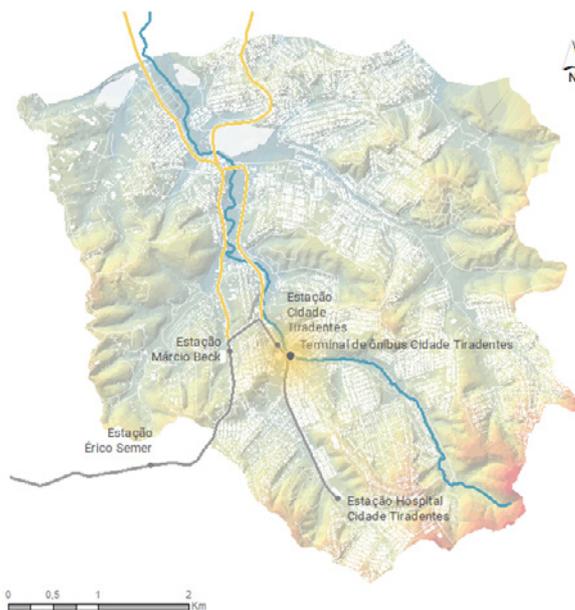
Hoje, quase 40 anos depois do início do processo de urbanização e ocupação do território, não há nenhum modal de média e alta capacidade que atenda sua população de mais de 210.000 habitantes - população de uma cidade média - composta, em mais de 82% por pessoas que recebem até 0,5-3 salários mínimos, moradores de um território ambientalmente frágil, carente de empregos formais, marcado pela presença de favelas e loteamentos irregulares, há 41,2 km da área central.



Mapa Localização 02: Zona Leste Paulistana e bacia hidrográfica do Ribeirão Itaquena em destaque. Fonte: Produzido pelo autor com dados GEOSAMPA



Mapa Localização 01 : Município de São Paulo. Fonte: Produzido pelo autor com dados GEOSAMPA



Mapa Localização 03: Recorte do plano urbano e localização do projeto. Fonte: Produzido pelo autor com dados GEOSAMPA

## TERRITÓRIO

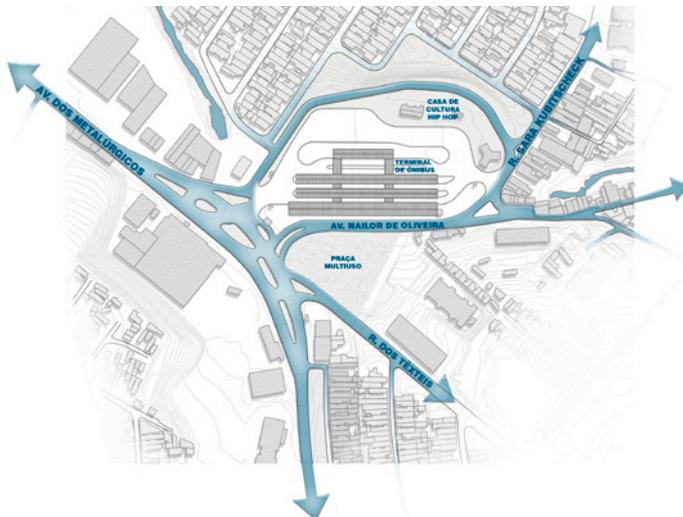
É evidente o caráter de “nó”, ponto irradiador que o território tem, característica que norteou o método de análise e permitiu uma classificação espacial:

O Centro: Formado pelo terminal de ônibus de Cidade Tiradentes, a praça e a Casa de Cultura Municipal do Hip Hop. Ainda que fisicamente próximos, estes três elementos, espaços coletivos e indutores de movimentação têm relação frágil;

-Raio 01 - Av. dos Metalúrgicos: Centralidade linear de Cidade Tiradentes, concentrando comércio, serviços e equipamentos públicos de saúde, educação e lazer. É por onde, segundo projeto do Poder Público, passará a do monotrilho e terá início as duas linhas de corredores de ônibus;

-Raio 02 - Av. Nailor de Oliveira: Via estruturadora da favela Jd. Maravilha, paralela ao Ribeirão;

-Raio 03 - R. dos Têxteis: Via arterial que começa nas proximidades do terminal e sobe até a cota mais alta da topografia, conectando diversos conjuntos habitacionais a sul.



Mapa Território: Situação atual do recorte do projeto.  
Fonte: Produzido pelo autor com dados GEOSAMPA

## PROJETO

O processo de projeto deste trabalho pode ser sintetizado e agrupado em seis grandes ações:

**1. Redesenhar o viário:** A primeira percepção foi a quantidade de superfície que estas vias ocupam, sem que isso signifique qualidade de seu desenho para a segurança de todos os usuários. Portanto, à luz da iminente transformação que a passagem do monotrilho e do corredor de ônibus na exigem, um novo desenho é proposto para todas as vias do entorno do terminal:

Duas rotatórias, associadas ao controle semafórico;

Nova seção viária precisa ser proposta para a Av. dos Metalúrgicos;

Fechamento de trecho da Av. Nailor de Oliveira que passa em frente ao Terminal de Ônibus e incorporação de sua superfície à praça existente;

Alargamento da R. Sarah Kubitschek, que contorna o Terminal, para funcionar em sentido duplo.

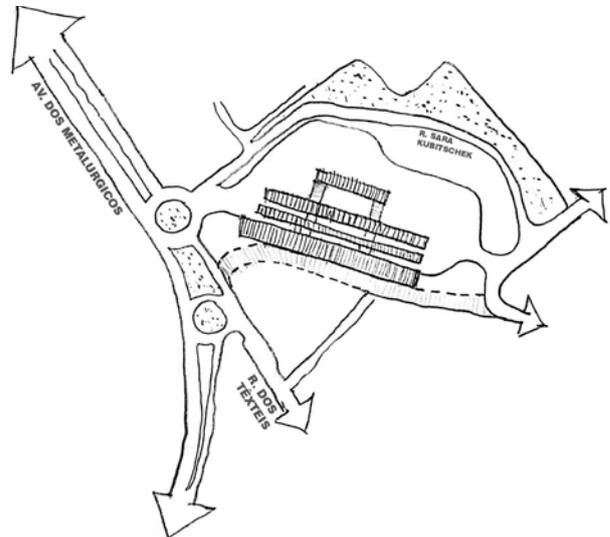


Imagem 1: Redesenho Viário

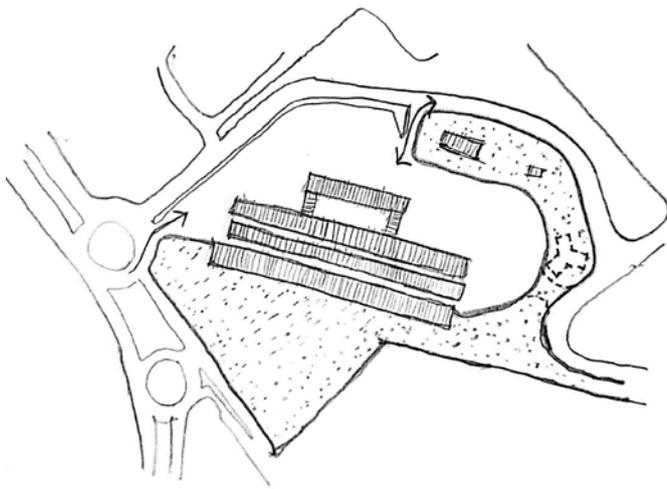


Imagem 2: Conquista do espaço livre público

**2. Conquistar o espaço livre público:** O redesenho viário aumenta os cerca de 5.000 m<sup>2</sup> da atual praça para 9.000 m<sup>2</sup>. Mas há ainda mais espaço a ser conquistado: a entrada e saída de ônibus na R. Sara Kubitschek e o edifício de apoio ao funcionamento do Terminal, se removidos de suas posições atuais, liberam um “braço” de praça que se estende ao encontro da Casa de Cultura, potencializando ainda mais as possibilidades do espaço público - um ganho de mais 4.500 m<sup>2</sup>.

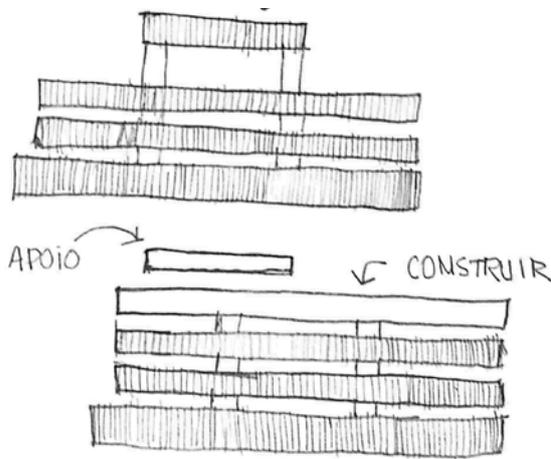


Imagem 3: Conquista do espaço livre público

**3. Manter o terminal:** O Terminal é composto por quatro coberturas de concreto pré-fabricado. A proximidade futura com uma estação de metrô, a demanda de um corredor de ônibus e o crescimento populacional fazem com que seja prudente a previsão de aumento da atual capacidade deste terminal. A postura adotada foi de manutenção majoritária da estrutura existente, baseada no argumento de que ainda que possa não ser considerado de relevância arquitetônica, é notável a racionalidade de sua construção, um atributo atemporal. Além disso, o atual funcionamento dos fluxos de ônibus e posição das plataformas são satisfatórios; uma grande mudança nesta lógica seria impossibilitada por sua posição em meio à cidade consolidada.

A sequência de coberturas é arrematada por uma nova cobertura de plataforma e pelo novo edifício de apoio e gestão do terminal.

**4. Esclarecer os fluxos:** Considerando que a posição da estação do metrô deve ser próxima ao terminal e almejando a intermodalidade por uma conexão física direta, os principais fluxos de usuários são:

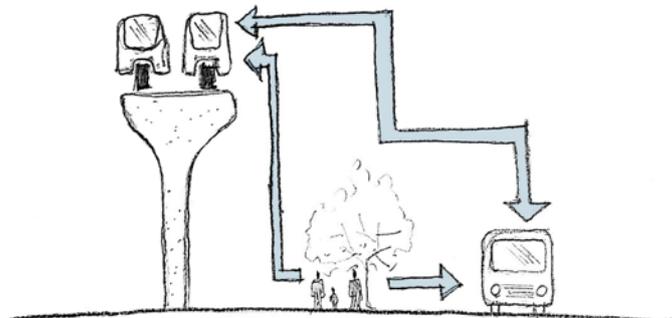


Imagem 4: Esclarecer os fluxos 1- Praça - Metrô 2- Praça - Ônibus 3- Ônibus - Metrô / Metrô - Ônibus

Apenas um está associado ao nível do chão - o trajeto praça/ônibus. Outro, de maneira oposta, precisa de uma cota cerca de 9m acima do chão (Praça-Metrô). O restante, intermodal, não precisa ocupar a cota do chão, mas sim um mezanino, que permite que o usuário intermodal se desloque por um piso exclusivo.

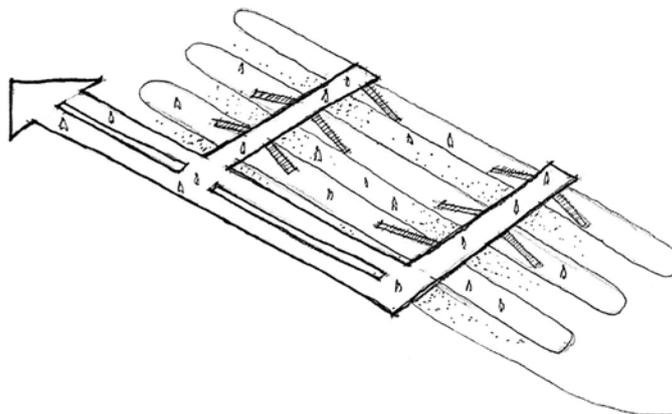


Imagem 5: Mezanino

**5. Qualificar o espaço livre público:** Momento de posicionar todos os “cheios”, que consequentemente terão papel na definição e qualificação do grande espaço público conquistado:

**Cobertura intermodal:** Ao invés de desenhar estes volumes das circulações verticais praça-estação e terminal-estação justos em sua dimensão para acomodar a função, há a oportunidade de ser mais generoso e propor uma grande cobertura que cumpre seu papel funcional, mas também cria um amplo espaço público coberto. Assim, sobe-se à estação pela praça coberta e chega-se da estação já dentro deste grande espaço, espacialidade mais interessante que as tímidas caixas de circulação das estações existentes.

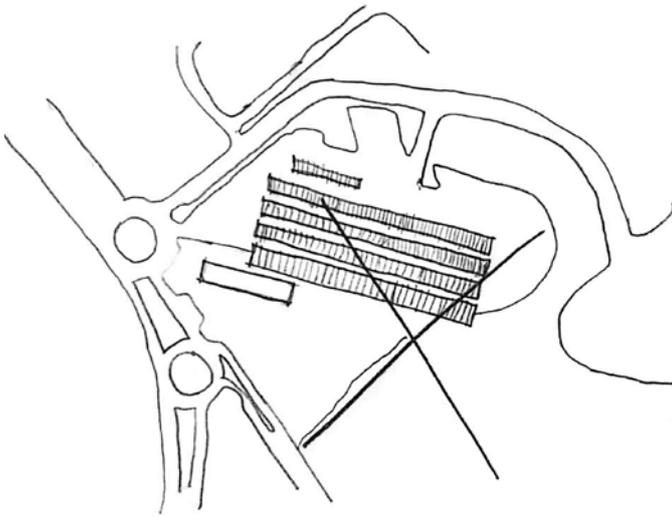


Imagem 6: Intermodal

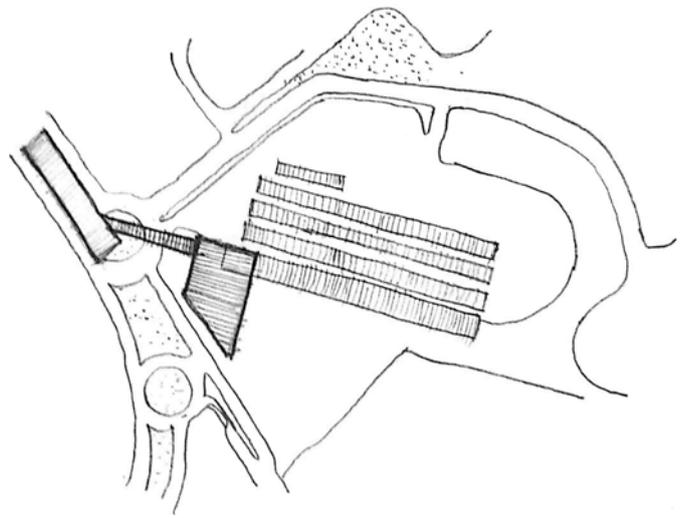


Imagem 9: Estação

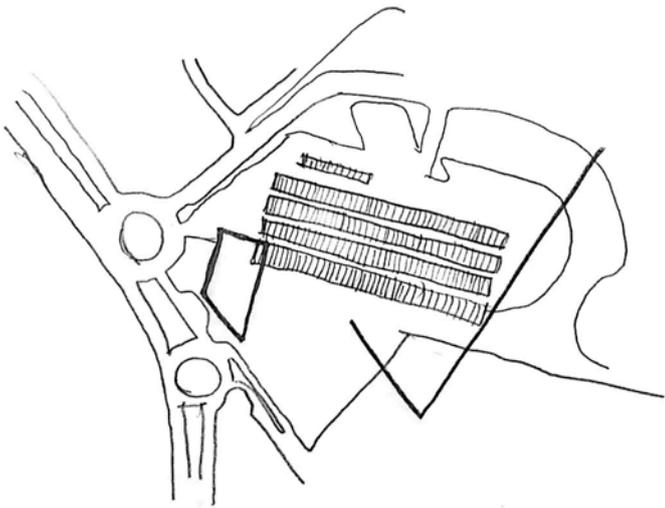


Imagem 7: Intermodal

Estação do monotrilho: A preocupação central foi sua posição. A opção adotada foi afastar o volume da estação do terminal, para que termine na primeira rotatória. Não é a opção com menor percurso para o usuário, mas justifica-se na construção da paisagem

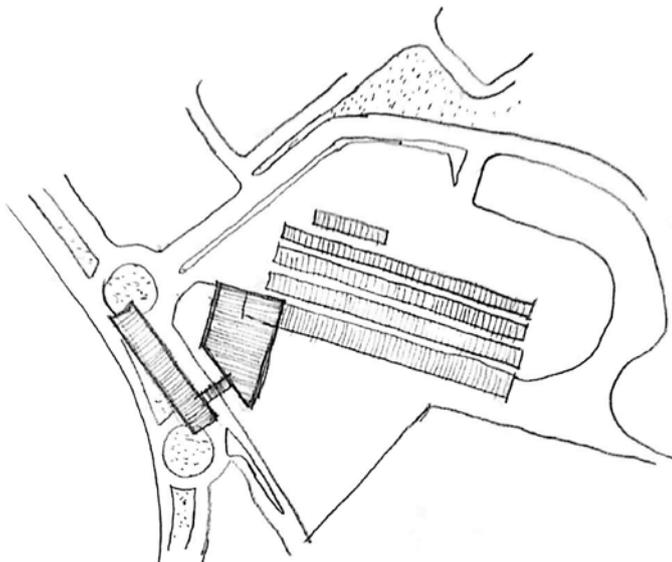


Imagem 8: Estação

Praça Elevada: No vértice da praça mais próximo a R. dos Têxteis, onde há um talude, uma pequena praça elevada recebe os pedestres na cota mais alta. Sob esta praça, sanitários públicos;

Box comerciais: Ao longo dos mais de 100m de extensão do terminal existente, que se relacionaria com a praça apenas na entrada/saída de passageiros, uma nova cobertura abriga uma série de boxes comerciais fixos. Esta adição cria nova relação entre o construído e o espaço livre, mais interessante e rica que a existente hoje, uma cerca.

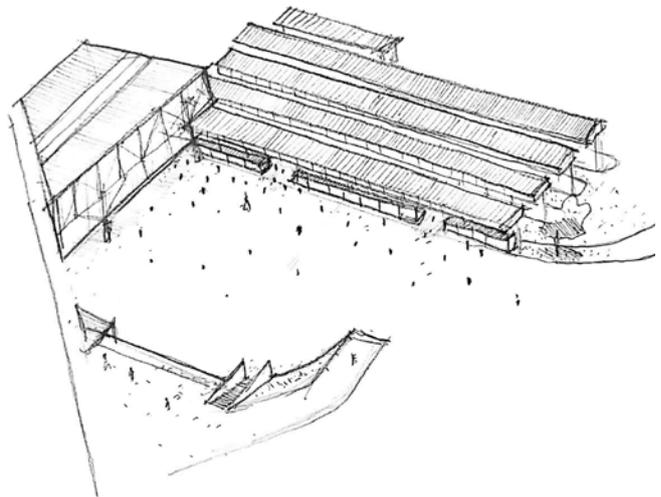


Imagem 10: Praça elevada e box comerciais

**6. Desenhar o chão:** Depois de conquistado o espaço livre e o lapidado com volumes construídos, a última ação é o desenho do chão, que tem origem na análise dos principais fluxos de ingresso e deslocamentos na praça. A subtração destes fluxos indica a porção central para abrigar programas relacionados a permanência - quadra esportiva, pista de skate, parque infantil, sanitários públicos, mobiliário de permanência, árvores e canteiros, que ajudam na contenção deste espaço.

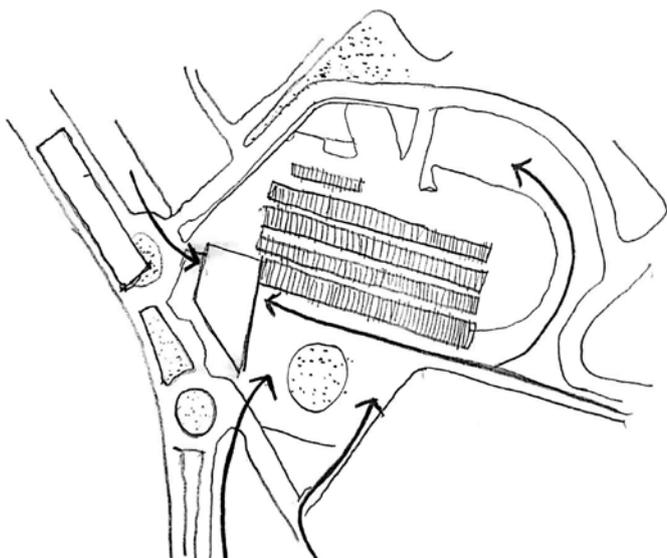


Imagem 11: Desenhar o chão

Surge também um extenso boulevard, que se inicia na entrada da favela Jd. Maravilha. Este novo espaço, além dos boxes comerciais fixos, oferece mais conforto para a montagem de feiras livres e outras estruturas efêmeras para o comércio.

Um braço desta praça se estende em direção à Casa de Cultura do Hip Hop, que passa a ter um amplo espaço para ocupar com eventos externos ou, se necessário, abrigar uma eventual ampliação de sua construção.

Apesar do desenho repleto de intenções e sugestões de uso, a grande riqueza do espaço livre público é a imprevisibilidade de sua ocupação, que se revela com o tempo e é protagonizada pelos cidadãos, ficando nós, arquitetos, com o importante papel de lançar o pontapé inicial de um processo longo e participativo, que é, enfim, o que realmente dá gosto às cidades.



Imagem 12: Perspectiva Praça



Imagem 13: Perspectiva Praça



Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GESTÃO URBANA SP. Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo. São Paulo. 2014. Disponível em <<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/plano-diretor/>> Acesso em: 22 mar. 2019.

Nota: Este material é um resumo daquele apresentado como Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em Dezembro de 2019, sob orientação do professor Ms. Fábio Boretti Netto de Araújo e banca composta por Ms. Raul Teixeira Penteado Neto e o Prof. Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior. Este projeto é fragmento de um plano urbano, pensado coletivamente. Para ter acesso ao trabalho completo, plano e memorial individual, acesse o QR code.

